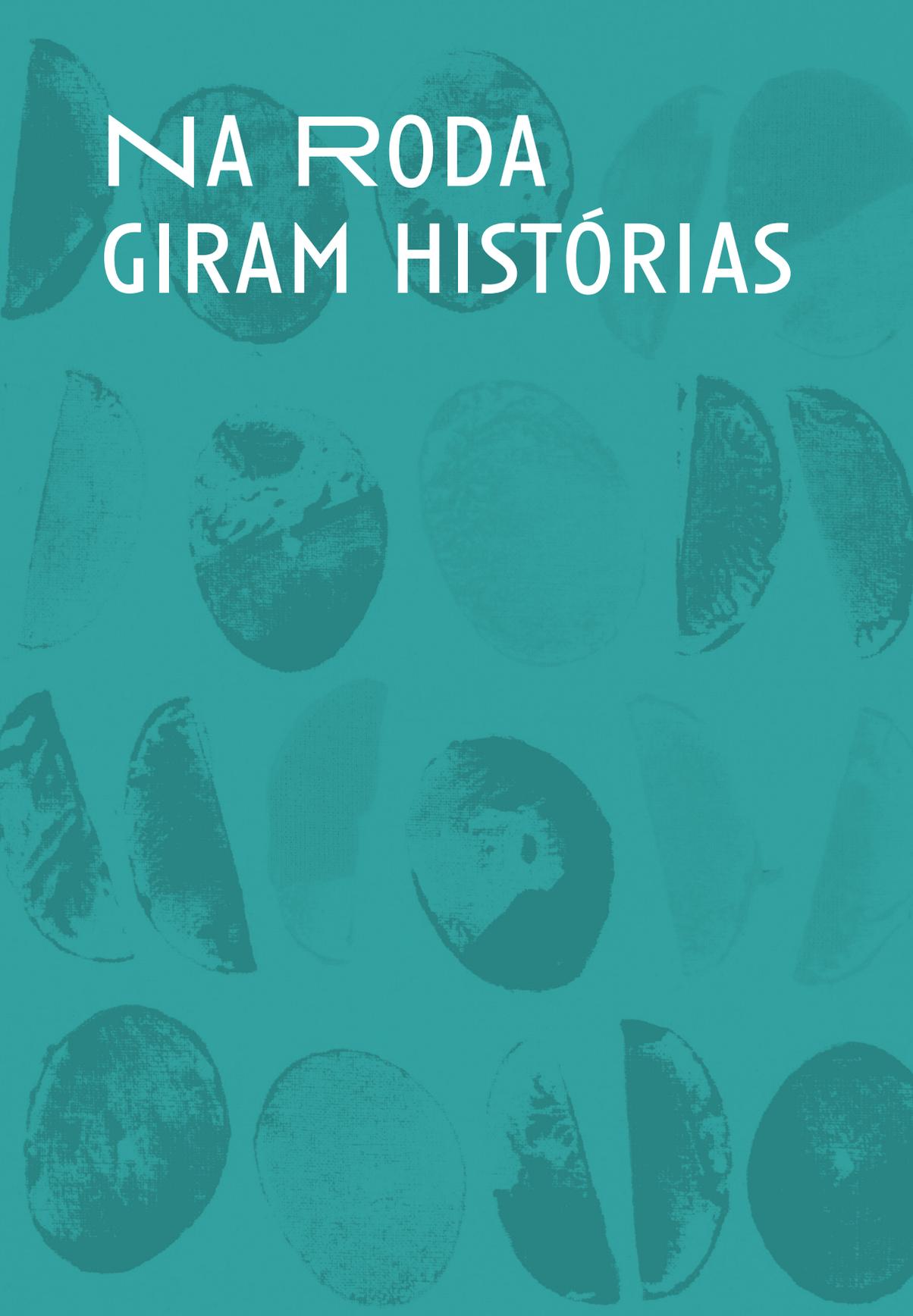


[ORGANIZADORA] CARLA COSTA DIAS

NA RODA GIRAM HISTÓRIAS

RELATOS DE VIVÊNCIAS COM O JONGO DA SERRINHA

NA RODA GIRAM HISTÓRIAS



EDITOR-CHEFE

Pablo Rodrigues

CONSELHO EDITORIAL

Andrea Moraes — UFRJ

Carla Susana Abrantes — UNILAB

José Gabriel Corrêa — UFPB

Leonardo Bertolossi — Univeritas

Nilton Santos — UFF

CONSELHO CONSULTIVO

Carla Dias — UFRJ

Carlos Azambuja — UFRJ

Dinah Oliveira — UFRJ

Helenise Guimarães — UFRJ

Renata Valente — UFRJ

Rogéria de Ipanema — UFRJ

Teresa Bastos — UFRJ

FINANCIAMENTO E APOIO INSTITUCIONAL

PPGAV PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES VISUAIS
EBA - UFRJ

 **CAPES**

NA RODA GIRAM HISTÓRIAS

RELATOS DE VIVÊNCIAS COM O JONGO DA SERRINHA

[ORGANIZADORA] CARLA COSTA DIAS

 Desa.linho



Copyright © 2021 by Carla Costa Dias, Desalinho.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1900, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Pablo Rodrigues

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) (CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Na Roda giram histórias : relatos de vivências com o Jongo da Serrinha / organização Carla da Costa Dias. – São João de Meriti, RJ : Desalinho, 2021.

Vários autores.

ISBN 978-65-88544-18-1

1. África – Civilização 2. África – Civilização – Influências brasileiras 3. Cultura afro-brasileira 4. Negros - Brasil - Condições sociais I. Dias, Carla da Costa.

21-96069

CDD-306.0899608107

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura afro-brasileira : Sociologia : Estudo e ensino
306.0899608107

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

[2021]

DESALINHO PUBLICAÇÕES

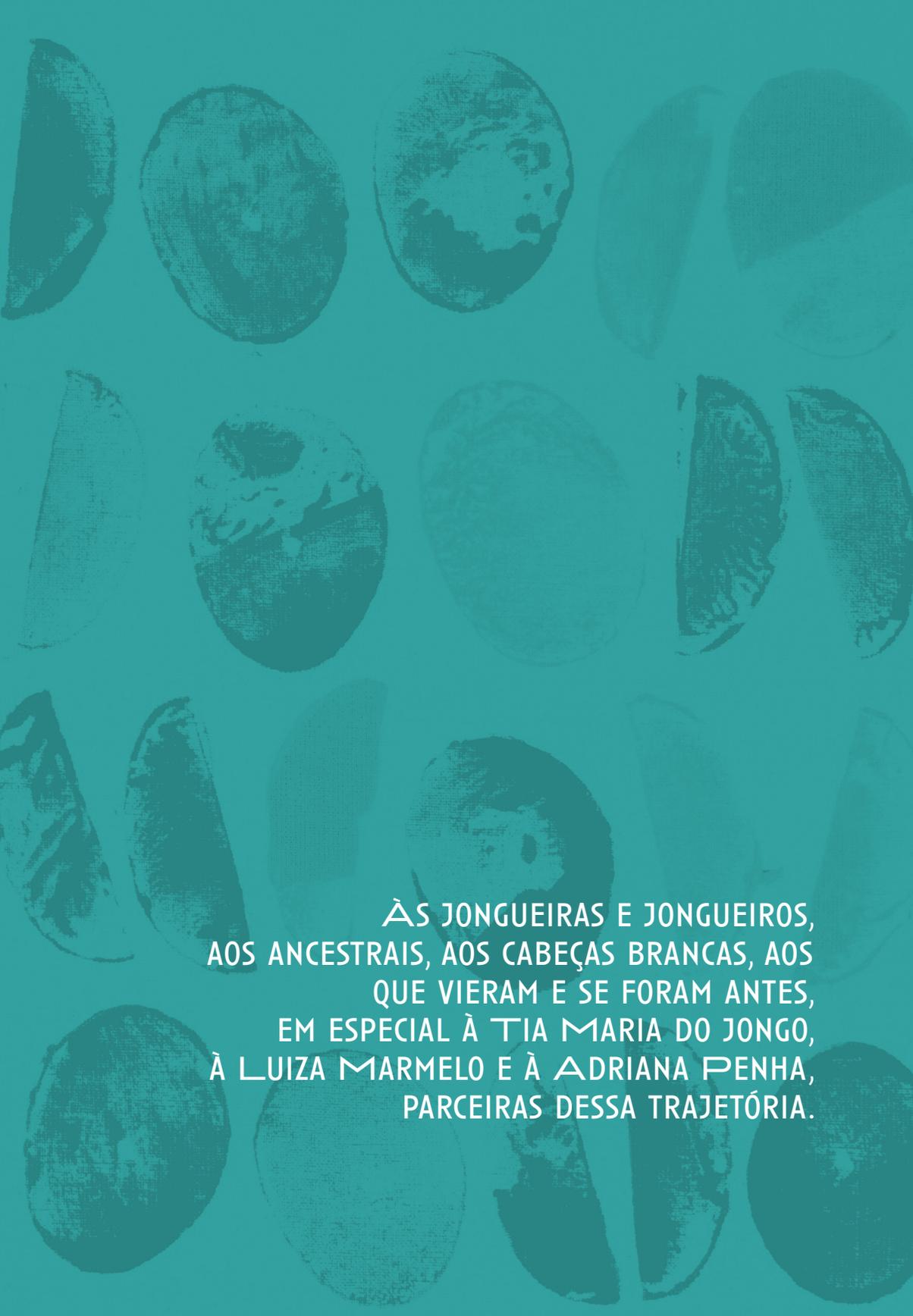
Rua Caricó, S/N

São João de Meriti — RJ

Telefone: (21) 994428064

www.desalinhopublicacoes.com.br

desalinhopublicacoes@gmail.com



ÀS JONGUEIRAS E JONGUEIROS,
AOS ANCESTRAIS, AOS CABEÇAS BRANCAS, AOS
QUE VIERAM E SE FORAM ANTES,
EM ESPECIAL À TIA MARIA DO JONGO,
À LUIZA MARMELO E À ADRIANA PENHA,
PARCEIRAS DESSA TRAJETÓRIA.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO [P. 10]

Carla Dias. Um espaço de formação e transformação coletiva.

TEXTO 1 [P. 28]

Lazir Sinval. Vista Forte.

TEXTO 2 [P. 32]

Raquel Alves dos Reis Gomes de Carvalho. O lado de fora dentro da universidade: mediações e encontros a partir da extensão acadêmica.

TEXTO 3 [P. 40]

Gabrielle Nascimento. O álbum de retrato e a fotografia etnográfica como narrativa das memórias do Jongo da Serrinha.

TEXTO 4 [P. 52]

Joana Pinho dos Santos. O jongo com fio condutor: um relato de experiência e uma breve reflexão sobre as estratégias de pesquisa em acervos institucionais.

TEXTO 5 [P. 64]

Mayara Rodrigues Viana. Ouvindo as vozes do jongo da Serrinha – A potência da oralidade por um viés acadêmico e identitário.

TEXTO 6 [P. 72]

Gabrielle Nascimento Batista. Eu, mulher negra – da representação fotográfica da cultura afro-brasileira à afirmação da negritude.

TEXTO 7 [P. 84]

Deise Pimenta. Serra dos meus sonhos dourados: construção e preservação coletiva de memórias afetivas na favela da Serrinha em Madureira.

TEXTO 8 [P. 98]

Analice Paron. Uma reverência à roda.

TEXTO 9 [P. 108]

Raphaela Ferreira Gonçalves. História afro-brasileira, batuques, dança de roda. Relato de experiência no Jongo da Serrinha.

TEXTO 10

[P. 126]

Beatriz Nunes Leonardo. Construindo o centro de memória digital do Jongo da Serrinha.

TEXTO 11

[P. 136]

Renato Mendonça Barreto. Serra pequena: Uma caminhada pelo morro na tentativa de manutenção do legado.

TEXTO 12

[P. 152]

Aline Oliveira de Souza. Dançando E Contando As Memórias De Tia Maria do Jongo.

TEXTO 13

[P. 164]

Deise Pimenta e Rafaela Silva. Cadernos diários de memória: narrativas sobre o cotidiano da favela da Serrinha.

TEXTO 14

[P. 176]

Rosiane Cunha Barbosa. Uma experiência na Escola de jongo.

TEXTO 15

[P. 188]

Henrique Dantas. Fazendo Arte na Casa de Jongo.

TEXTO 16

[P. 198]

Deise Pimenta e Thiago Dias. Diálogos sem papas na língua: encontros com a juventude jogueira na Casa do Jongo da Serrinha.

TEXTO 17

[P. 212]

Rian Ferreira Rodrigues. A poesia negra de resistência de Celso Marinho: notas sobre raça e classe.

TEXTO 18

[P. 228]

Lazir Sinval. Serrinha das Almas.

UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO COLETIVA

CARLA COSTA DIAS*

* Doutora em Artes Visuais / Antropologia da Arte. Professora e pesquisadora da Escola de Belas Artes/UFRJ desde 2009. Coordenadora do Projeto de Extensão junto ao Grupo de Jongo da Serrinha, apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão — PR5 / UFRJ em diversos editais.

[e]ducar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a ‘sede do saber’, até a ‘sede da ignorância’ para ‘salvar’, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário[...] educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 1983, p. 15).

A mudança recente vivida com a política de acesso à universidade pelas camadas populares modificou de forma contundente todas as instituições de ensino superior. A adoção do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM),* acrescida das políticas dessas ações afirmativas, possibilitou alterações sem precedentes na composição social dos/as estudantes universitários. As políticas de ações afirmativas estão contribuindo para a democratização da universidade (MACHADO, 2013), além de serem uma importante ferramenta contra o racismo e a discriminação racial nas IES e na sociedade em geral.

Na UFRJ, a adesão às Políticas de Ação Afirmativa ocorreu em 2012, através do sistema de cotas.** A partir do concurso de acesso de 2013,*** pudemos acompanhar a transformação que ocorreu. A Universidade Federal do Rio de Janeiro se tornou mais diversa, principalmente pelo ingresso de

* O ENEM possibilitou uma intensificação da mobilidade regional. Na UFRJ, no curso que leciono, podemos observar a presença de estudantes de vários estados e regiões do país. Estudantes que puderam concorrer as vagas, através do Sistema de Seleção Unificada (SISU) sem o deslocamento prévio.

** As cotas utilizadas no processo de acesso foram destinadas para estudantes provenientes de escolas públicas, estudantes de renda inferior a 1,5 salário-mínimo e estudantes pretos, pardos e indígenas. Até 2008, 51% das universidades públicas estaduais e 41,5% das universidades públicas federais brasileiras haviam adotado alguma ação afirmativa. Foi criada uma rede de pesquisadores para avaliação das ações afirmativas para negros e indígenas no ensino superior www.redeacaoafirmativa.ceao.ufba.br (SANTOS, 2012).

*** No texto da Resolução nº 21/2012, passou-se a “III – Destinar 51,8% (cinquenta e um vírgula oito por cento) das vagas de cada um dos grupos resultantes após a aplicação do percentual definido no inciso II [referente aos 15% de vagas em 2013 e 25% de vagas a partir de 2014 para estudantes com renda *per capita* menor ou igual a 1,5 salário mínimo, por curso/opção, aos autodeclarados pretos, pardos e indígenas, de acordo com a Lei nº 12.711, de 29/9/2012, o Decreto nº 7.824, de 11/10/2012 e a Portaria Normativa nº 18-MEC, de 11/10/2012”.

estudantes negras e negros., conformando um corpo discente mais próximo à diversidade cultural, étnico-racial e social do país. Nesses 12 anos de atuação docente na Universidade Pública em suas três instancias acadêmicas, ensino, pesquisa e na extensão, pude acompanhar transformações significativas, na universidade e seu corpo social, nos estudantes a partir do seu ingresso e nos docentes a partir deste confronto com a alteridade representada pelo corpo discente. Embora, estes que ingressam por meio do programa de ações afirmativas não tenham deixado de enfrentar, no ambiente universitário, lutas diárias de afirmação, inclusive em relação aos conteúdos formativos. As questões que trouxeram, os debates que apresentam, modificaram a sala de aula.

A extensão universitária corrobora para o incremento de uma política de redução das desigualdades sociais, sendo o espaço onde a ação afirmativa se exerce, na medida em que inclui o diálogo mais horizontal entre seus participantes, intra e extra universidade. Os movimentos sociais têm, cada vez mais, atuado junto à Universidade Pública, reivindicando pautas e ocupando espaços de diálogo. Importante enfatizar o princípio da interação dialógica ao se falar sobre a extensão universitária. Esta prerrogativa preconiza e reforça o entendimento de que a ação, o conhecimento, serviço e/ou produto do fazer extensionista deve acontecer em permanente troca, diálogo e interação com o lado de fora da universidade e com quem se estabelece uma relação de parceria.

O jongo é uma forma de expressão afro-brasileira que integra percussão de tambores, dança coletiva e práticas de magia. É praticado nos quintais das periferias urbanas e em algumas comunidades rurais do sudeste brasileiro. Acontece nas festas de santos católicos e divindades afro-brasileiras, nas festas juninas, nas festas do Divino, no 13 de maio da abolição da escravatura. É uma forma de louvação aos antepassados, consolidação de tradições e afirmação de identidades. [...] São sugestivos dessas origens o profundo respeito aos ancestrais, a valorização dos enigmas cantados e o elemento coreográfico da umbigada.*

* Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/JongoCertidao.pdf>>. Acesso em 26 de dezembro de 2019.

O projeto de extensão com o grupo de Jongo da Serrinha, Madureira, Rio de Janeiro, foi registrado na UFRJ em 2010. Neste mesmo ano, os primeiros bolsistas do curso de História da Arte no qual leciono as disciplinas de Arte e Antropologia e Arte Afro-brasileira, ingressaram no projeto para desenvolver atividades com as crianças na Escola de Jongo.^{*} Porém, o histórico da parceria da universidade com a comunidade do Jongo na Serrinha^{**} se iniciou com o “Prêmio Interações Estéticas em Pontos de Cultura da Funarte/Minc/2009”, junto com André Cortes, artista visual e professor.^{***} A partir desse prêmio os vínculos permaneceram e estes laços deram origem ao “Cantos e Contos – a Memória Viva do Jongo da Serrinha” novamente contemplado com o prêmio Interações Estéticas (2010), também apoiados pelo Programa de Extensão (PIBEX) e Programa de Iniciação Artística e Cultura (PIBIAC), ambos da UFRJ para a produção do livro infanto-juvenil Cantos e Contos (2011). O Projeto de Extensão foi produto deste compromisso afetivo que estabelecemos a partir desta convivência com o Grupo de Jongo da Serrinha.

A Comunidade da Serrinha, lugar tradicional da prática do Jongo, representada pelo Grupo Cultural Jongo da Serrinha (GCJS), inaugurou em 2001, no alto do Morro da Serrinha, o Centro Cultural Jongo da Serrinha (CCJS) com objetivo de fortalecer essa manifestação da cultura local. O Ponto de Cultura foi criado com o objetivo de dar continuidade aos trabalhos de preservação do patrimônio histórico do jongo e assistência social desenvolvidos há mais de 40 anos por Vovó Maria Joana Rezadeira e Mestre Darcy do Jongo.

A partir da escuta das histórias para compor o livro, elaboramos a proposta do Centro de Memória junto com a equipe do Grupo Cultural Jongo da Serrinha. Que tem como uma de suas principais missões, preservar e divulgar o patrimônio cultural afro-brasileiro e desenvolver um trabalho de educação e de capacitação profissional junto a crianças e jovens que sofrem com a violência e o subemprego, baseado na preservação da memória e na valorização da cultura e de patrimônios locais.

* Camila Carrello, Ester Cunha, Jeanne Ramos, Leticia Carneiro e Manuela Hartung.

** Atualmente, o Jongo da Serrinha e mais 12 comunidades jongueiras ligadas à Rede de Memória do Jongo, em parceria com técnicos do Museu do Folclore e IPHAN colaborou para a confecção de um inventário de referências culturais sobre o jongo que fará parte do processo iniciado em 2001.

*** Neste período os dois lecionavam na PUC-Rio. CORTES, André; DIAS, Carla. Prêmio Interações Estéticas. Disponível em: <www.funarte.gov.br/tag/premio-interacoes-esteticas/>.

O Projeto *Preservando e Construindo a Memória do Jongo da Serrinha*^{*} foi contemplado primeiro no âmbito dos editais próprios da Universidade e em 2012 contemplado com recursos no ProExt/MEC.^{**} Em 2013, já na modalidade Programa,^{***} o projeto foi contemplado mais uma vez, o que possibilitou a continuidade e ampliação do trabalho, das relações sociais com os moradores da Serrinha e, principalmente, com os estudantes.

A elaboração conjunta do Projeto de Extensão e a inscrição nos editais de fomento contou, desde o início, com a participação de estudantes do recém-criado curso de História da Arte, como Ana Carolina Lourenço e Nathalie Barcelos, discentes da primeira turma deste curso. Juntas definimos seguir o critério adotado pelo sistema de cotas recém implantado. Desde modo, os estudantes negros, negras e negres foram selecionados para as bolsas. Esse apoio foi expresso, principalmente, em bolsas para estudantes. Assim começou a extensão no curso de História da Arte, com muita pesquisa e trabalho de campo. Além de estudantes do curso de História da Arte, participaram do projeto alunos de diversos cursos da Universidade, como: Comunicação, História, Comunicação Visual, Museologia, Educação Física, Pintura, Educação Artística e Serviço Social, alguns por períodos mais curtos, um ano ou dois, outros permaneceram durante toda a duração da graduação, colaborando para a formação dos novos participantes e compondo o corpo do laboratório, do Grupo de Pesquisa que ensaiava se formar. No total passaram pelo projeto 31 estudantes.^{****} A equipe contou também, com uma pesqui-

* Título do projeto registrado no SigProj em 2010.

** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8158-resultado-final-edital-n04-proext2011-pdf&category_slug=junho-2011-pdf&Itemid=30192>. Uma das áreas contempladas no edital e desenvolvida com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) era a de Preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro, com ênfase no patrimônio imaterial e memória social. A Linha Preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro é a quinta Linha Temática de maior expressão do ProExt em número de projetos aprovados de 2009-2016, totalizando 227 no período (INCROCCI & ANDRADE, 2018 p. 202).

*** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11404-resultadofinal-proext2013&category_slug=agosto-2012-pdf&Itemid=30192.

**** Além dos que estão aqui nesta publicação, participaram: Ana Seno, André Luiz da Cunha Chaves, Aline Barbosa Santiago, Ana Carolina Lourenço, Carolina Ximenes, Caroline Carvalho do Nascimento, Charles L'Astorina, Nathalie Rodrigues Barcellos, Rafael Braga Lino dos Santos, Sílvia Lucia Muniz do Amaral e Wanderléa de Souza Martins, Jessica

sadora local, Lazir Sinval, integrante do Grupo de Jongo. Sua participação na equipe do projeto foi fundamental para a realização das atividades de pesquisa de campo, as entrevistas, o mapeamento e levantamento do material dos acervos pessoais e familiares.



Rangel. Inicialmente formado pela Escola de Belas Artes / História da Arte e Faculdade de Educação Física / Dança, a equipe foi ampliada com a participação de estudantes e professoras de outros cursos como: Andrea Moraes da Escola de Serviço social e Teresa Bastos da Escola de Comunicação.



Imagem 1. Entrevista na casa de Tia Ira.

Imagem 2 e 3. Parte da Equipe Projeto no terreiro de Tia Eva. Fonte: acervo NAPA.

O projeto de Extensão envolveu um conjunto de ações em parceria com o Grupo Cultural Jongô da Serrinha, que já buscava realizar ações de memória. Pensar e elaborar coletivamente um projeto para criação do Centro de Memória do Jongô na Serrinha, era nosso desafio. Esse processo foi pensado a partir da direção implementada pelos moradores, artistas e educadores vinculados a comunidade jongueira, de modo a preservar e valorizar a cultura e os patrimônios locais.

Um viés dessa museologia social é o engajamento aos movimentos emancipatórios da sociedade e disseminação dos conteúdos próprios da museologia afim de cooperar para a aquisição, preservação, documentação e difusão do patrimônio cultural de diferentes grupos que se impelem na escrita na primeira pessoa do plural de suas histórias e memórias. O exercício da cidadania passa pelo reconhecimento e valorização da identidade e do patrimônio. Cidadãos plenos só podem se constituir a partir desse reconhecimento. No Rio de Janeiro, o processo de marginalização espacial da grande parte da população também levou a uma marginalização das identidades dessas populações dentro do modelo que se construiu do ser carioca. Suas manifestações culturais e artísticas, formas de expressão e paisagem cultural.

Através das oficinas elaboradas a partir dos princípios da Nova Museologia,^{*} como: Memória e Cidadania; Inventário Participativo e Cartografia Social, História Oral, Educação Patrimonial e Conservação de Documentos, Genealogia e Cartografia, o grupo pode levantar questões sobre os temas relevantes no processo de registro de sua atividade cultural. Tais oficinas, igualmente, promoveram a reflexão, por parte do grupo, a respeito da sua própria trajetória social e acervo cultural. Além dessas, outras oficinas foram realizadas a partir das demandas da comunidade e dos participantes do projeto, como as relativas às questões de gênero e geração. As propostas foram estruturadas de maneira a permitir que a comunidade tivesse seu espaço de fala assegurado. As oficinas realizadas com tutoria dos estudantes corresponderam a um momento privilegiado de trocas de saberes e experiências. O trabalho de campo foi nos permitindo conhecer e construir uma relação de confiança e colaboração.



Imagem 4. Oficinas de cartografia.

* A museologia social tem suas origens na Mesa Redonda de Santiago do Chile, realizada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM/UNESCO) em 1972, onde foi defendida a ideia de que o museu deve contribuir para a superação das desigualdades sociais. A Museologia Social diz respeito a apropriação comunitária e coletiva da produção e gestão do próprio patrimônio. <http://www.minom-icom.net/files/declaracao-do-rio-minom.pdf>.



Imagem 5. Tia Maria Fonte: acervo do NAPA.

Dezessete artigos compõem esta publicação. Os autores participaram do projeto em diferentes períodos e vínculos e atividades. Os textos apresentados aqui são relatos de experiência que buscam apresentar olhares e sentidos das múltiplas maneiras de formar, de constituir um corpo a partir de outros.

Como diz Raquel Reis “*Preservando e construindo a memória do Jongo da Serrinha*” constituiu-se não só como o título do projeto de extensão, mas como uma premissa pedagógica na qual estávamos inseridos. Em seu texto a autora reflete sobre a experiência desse convívio e aprendizagem, onde a interdisciplinaridade é vivida, sobre a importância da Extensão Universitária na formação.

Cada encontro na casa de cada família era uma vivência particular para cada uma de nós. Algumas vezes foi preciso retornar para ver os álbuns de família, os documentos, recortes de jornal, enfim, as lembranças guardadas. Em algumas ocasiões levamos o scanner para digitalizar esses guardados, outras recolhemos para digitalizar na universidade. As entrevistas foram gravadas em vídeo e depois transcritas. Procurávamos ouvir e registrar todos os encontros e eventos em imagens fotográficas e em vídeo. As gravações em vídeo foram realizadas sem um planejamento técnico específico, sem um ro-

teiro fixo ou uma estrutura de gravação pré-determinada.* O texto de Gabrielle Nascimento, reflete sobre o material reunido com o encontro com Tia Ira, sua fala gravada e seus registros fotográficos, reunidos nos álbuns pessoais.

As entrevistas, as trocas com a comunidade do Jongo e do samba, provocam nos estudantes uma postura auto reflexiva, própria da etnografia. Ao tratar da identidade percebemos que são levados a refletir e afirmar uma identidade étnica, muitas vezes não assumida. Os estudantes puderam se reconhecer negros, encontrar sua herança, construir seu pertencimento. O acesso à memória do outro possibilitou a construção de sua própria memória, que é também coletiva. Muitos não se reconheciam negros, vivenciavam um processo histórico de negação de sua identidade afrodescendente. A experiência do projeto na trajetória dos alunos foi significativa para construção desta identidade. Na fala dos estudantes participantes do projeto, é possível perceber a consciência desse lugar ocupado, conquistado, como podemos ver nos textos de Gabrielle Nascimento, Joana Pinho e Mayara Rodrigues Viana. Gabrielle vai refletir sobre o lugar da estudante negra, oriunda de classes populares e sobre o lugar da estudante de História da Arte neste processo de construção identitária. Mayara constrói seu lugar a partir da experiência de transcrição das conversas com as jongueiras e jongueiros da Serrinha. Joana nos conta sobre sua iniciação como pesquisadora, reflete também sobre sua graduação em História da Arte “europeia” (ou branca).

* Um dos “produtos do projeto” foi um vídeo de 14 min, construído para ser utilizado pela comunidade jongueira da Serrinha. Alguns personagens que entrevistamos e gravamos, já faleceram.





Imagens 6,7 e 8. Rafael e Ana Carolina com as crianças.

Além das oficinas, foram realizadas inúmeras visitas a campo onde pudemos acompanhar e participar de atividades propostas pelo Grupo de Jongo. Pudemos participar de ações pedagógicas do grupo, tanto as realizadas na Casa do Jongo como as que foram realizadas em escolas da rede pública municipal e estadual na cidade do Rio de Janeiro e em outros municípios, resultado de projeto inscrito em edital da Secretaria de Cultura pelo Grupo de Jongo, como relata Deise Pimenta, estudante de Serviço Social na época. Deise criou vínculos fortes com o grupo e acompanhou algumas dessas atividades, como a visita ao Quilombo São José, em Vassouras.

Um dos eventos marcantes que participamos foi a Procissão/Carreata de São Jorge, realizada todos os anos no mês de abril. Durante 3 anos estivemos na van organizada por Deli Monteiro e acompanhamos, todo o dia, o percurso com as diversas paradas e festejos. Essa foi uma experiência inédita na trajetória dos alunos que entraram no projeto, como podemos acompanhar no artigo de Analice Paron.

O texto de Raphaela Gonçalves apresenta um panorama dos grupos de Jongo e a importância da memória coletiva. Os resultados desse projeto têm sido disponibilizados para o Grupo Cultural Jongo da Serrinha e parte compõe o Museu virtual disponível na página do grupo que reúne todo o material digitalizado e identificado,^{*} como nos conta Beatriz Nunes Leonardo em seu texto.

O jongo era praticado originalmente por idosos e interdito aos mais jovens. Este aspecto foi um fator que levou a dança a um processo de quase extinção. Tomando uma direção contrária, moradores da Serrinha, – com seu espírito festivo e percebendo a importância de se preservar esta prática tradicional – permitiram que o Jongo fosse praticado por jovens e crianças, fato apontado como fundamental para evitar que o jongo não fosse esquecido. A estratégia do ponto de cultura de manter viva a memória do jongo permanece voltada para o trabalho com crianças e adolescentes, sempre através da arte. Oficinas de jongo, cultura popular, dança afro, canto, teatro, vídeo, fotografia, as oficinas com os griôs, estão permanentemente estimulando nos jovens a possibilidade da expressão e da identidade através da arte, buscando na dinâmica das manifestações populares uma ressignificação de suas práticas. Desde 2010, bolsistas do programa de Extensão, desenvolvem atividades de oficina com as crianças e jovens na área da dança e das artes plásticas.

Em 2016 o projeto foi desmembrado e as atividades junto a Escola de Jongo passou a ser coordenado por Renato Mendonça Barreto, professor da Escola de Educação Física/UFRJ e dançarino do Grupo Jongo da Serrinha, que já atuava na equipe.^{**} O texto de Renato, nos conta desses lugares de pertencimento, a universidade e o grupo de jongo. Renato participou da concepção e do dia a dia da Escola de Jongo junto com Luiza Marmelo, a coordenadora

* Disponível em: <http://museu.jongodaserrinha.org/>.

** Constituímos dois eixos de atuação e um outro projeto foi criado com os mesmos princípios norteadores, porém com diferentes objetivos e metodologias. O projeto de memória passou a ser chamado “Patrimônio, Identidade e Memória: A Serrinha”.

na época. Um grupo de estudantes dos cursos de Dança, Artes e Serviço Social atuava diretamente na Escola de Jongo desenvolvendo atividades artísticas e culturais. O dia a dia na Escola de Jongo, com as crianças, jovens e familiares podem ser acompanhados nos textos de Aline Oliveira, Deise Pimenta & Rafaela Silva, Deise Pimenta & Thiago Dias, Rosiane Barbosa e Henrique Dantas caracterizados por uma multiplicidade de vivências e narrativas sobre os conflitos, processos de criação individual que podemos ver no trabalho de pintura de Rosiane de criação coletiva, como nos apresenta Aline e Deise & Rafaela. Deise & Thiago trocas intergeracionais e muitos aprendizados. O ritmo era imposto pelos conflitos vividos na comunidade com o tráfico de drogas e a polícia. Por vezes passávamos mais de um mês sem poder frequentar o território.

O texto de Rian Rodrigues que narra sua trajetória de estudante junto a Escola de Jongo e seu encontro com Celso Marinho, o poeta da Serrinha Rian parte dos poemas de Celso e, também, dos seus para pensar as questões de exclusão de classe e raça. E, fechando e abrindo a poesia no jongo de Lazir Sinval, parceira de todo o processo.

Finalizando

A exclusão de grande parte da população da formulação de políticas públicas e mesmo das universidades, faz parte também do processo que os excluiu social e economicamente, tornando-os, durante muito tempo, invisíveis e/ou indesejáveis. O apagamento de sua memória, de suas manifestações culturais e de sua paisagem é, ao mesmo, reflexo e condicionante desse processo. É dentro desse contexto que estratégias de identificação do patrimônio podem atuar como importantes elementos no empoderamento de populações, dando voz a grupos tradicionalmente excluídos e, com isso, inserindo-os de maneira mais forte no jogo democrático.

No entanto, como chama atenção Renato Barreto “não podemos perder de vista a capacidade interna de (re) organização, resistência e (re) existências dos sujeitos no interior da comunidade, ou seja, o conhecimento e sabedoria ancestral estão pulsantes, o vigor referente a manutenção das trocas simbólicas também, num equilíbrio estratégico de forças no processo

de empoderamento, pois na linha da interação dialógica a universidade tem muito o que aprender com os métodos dos povos negros.”

Construir a extensão como o lugar do trabalho de campo, o lugar onde os estudantes podem, sim, realizar sua formação, sua práxis. Para além de realizar um trabalho final onde a teoria pode ser finalmente confrontada com a dimensão plena da vida social, do diálogo e da tradução, a extensão pode ser este campo formativo. A indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão proposta pode ser lida como uma potência criada entre o espaço universitário e a comunidade, uma vez que assegura uma via de mão dupla de diálogo, de aprendizagem. A sociabilidade construída no trabalho de campo permitiu a vivência de processos reflexivos onde cada um pode se ver no outro, se identificar e se reconhecer também pertencente aquele mundo, um mundo negado pelo racismo estrutural reproduzido nas lógicas de acesso à universidade, entendida como instrumento de manutenção e consolidação da posição do indivíduo na estrutura social, portanto como lugar de reprodução da classe dominante.

Os textos aqui reunidos expressam a potência do lugar da extensão nas universidades públicas. O lugar do reconhecimento, do compartilhamento, lugar de si. A universidade se transforma no palco da diversidade manifestada em múltiplas expressões e linguagens. Pensar uma universidade inclusiva, diversa, aberta às transformações e ao diálogo é urgente. A Lei nº 10.639/03 torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira. O conteúdo previsto, na Lei no 10.639/03, inclui o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. O Centro de Memória da Serrinha é, portanto, um espaço privilegiado de memória e difusão da cultura de origem africana, da diáspora africana e a história da África.

Referências

BOURDIEU, P. *O Senso Prático*. trad. Maria Ferreira, 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 471.

BOY, D. C. *A Construção de um centro e memória na Serrinha*. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais) – FGV, Rio de Janeiro, 2006

CLIFFORD, J. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Trad. Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002, p. 320.

DIAS, C. da C. *Preservando e Construindo a memória do Jongo da Serrinha*. Formulário-Síntese da Proposta – SIGProj Edital PROEXT 2011. Ministério da Educação Secretaria de Educação Superior. Rio de Janeiro, 2011. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8158-resultado-final-edital-n04-proext2011-pdf&category_slug=junho-2011-pdf&Itemid=30192

DIAS, C.; CÔRTEZ, C. A. *Cantos e Contos: Jongo da Serrinha*. Rio de Janeiro: EBA Publicações, 2011, p. 48.

FERREIRA, R. F. *Afrodescendentes: identidades em construção*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000, p. 188.

FREIRE, P. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.

FORPROEX. Política Nacional De Extensão Universitária. Manaus-AM Maio de 2012. Disponível: <http://extensao.ufrj.br/images/BIBLIOGRAFIA/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf> Acesso em: dezembro 2018.

FORPROEX. Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a flexibilização curricular: uma visão da extensão. Porto Alegre: UFRGS; Brasília: MEC/SESu, 2006. 100p. disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Indissociabilidade-e-Flexibilizacao.pdf>.

GANDRA, E. *Jongo da Serrinha: do terreiro aos palcos*. Rio de Janeiro: GGE: Unirio, 1995, p. 206.

GEERTZ, C. *O Saber Local – Novos ensaios em antropologia interpretativa*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009, p. 366.

GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. Trad. Maria Célia Santos. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 236.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p. 102.

INCROCCI, L. M. de M. C.; ANDRADE, T. H. N. O fortalecimento da extensão no campo científico: uma análise dos editais ProExt/MEC. *Soc. estado.*, Brasília , v. 33, n. 1, p. 187-212, abr. 2018.

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922018000100187&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 jan. 2019.

IPHAN. Dossiê IPHAN 5 – *Jongo do Sudeste*. Brasília, DF: Iphan, 2007, p. 92.

MACHADO, E. A. Dentro da Lei: As políticas de ação afirmativa nas universidades. In: PAIVA, A. R. (org.). *Ação Afirmativa em Questão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas. 2013, p. 432.

NOGUEIRA, M. das D. P. (org.). *Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas – Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1987 – 2000*. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2000.

UFRJ. *Resolução CEG N o 02/2013*. Publicada no BUFRJ nº 24 de 13/06/2013. https://xn--extenso-2wa.ufrj.br/imagens/Creditacao/CEG2013_02.pdf.

SANTOS, J. T. dos S. (org.). *Cotas nas Universidades – análise dos processos de decisão*. Salvador: CEAO, 2012, p. 288.

VALENÇA, R. *Serra, Serrinha, Serrano: O império do samba*. Rio de Janeiro: Record, 2017, p. 429.

VISTA FORTE

LAZIR SINVAL*

* Cantora, compositora e bailarina do grupo Jongos da Serrinha, do G.R.E.S. Império Serrano e do grupo Razões Africanas. Faz parte de uma família que representa a tradição do Jongos no Morro da Serrinha e da Escola de Samba Império Serrano. Coordenadora da Escola de Jongos da Associação Cultural Jongos da Serrinha.

Jongueiro Vai, Jongueiro Vem
Jongueiro Está Aqui Agora
Quem É Jongueiro Da Serrinha
Finca Tenda E Está Aqui Agora...

Angoma-Puita E Tambú
Oi Sarava Meu Caxambu
Que Eu Louvo Agora
Digo Adeus Ao Cativeiro
Firmo Ponto No Cruzeiro
Salve Nossa Senhora

Eu Vejo, Nêgo Véio Tirando Vinho
Da Bananeira E Lá Mata
E Plantando Cana
E No Terreiro Eu Sinto O Cheiro
Do Cachimbo De Vovó
Maria Joana
Entrar A Louvação

Vovó Líbia, Veja Seu Antenor
Óia Benzendo O Tambor
O Candongueiro
Tia Eva, Firma Toco, No Terreiro
Pras Almas Do Cativeiro

Aniceto Puxando Um Ponto
Gungunando E Versando No Improviso
Dona Florinda, Seu Gabriel
Com Seu Chapéu E Djanira
Esbanjando O Seu Sorriso

Eu Vejo Mestre Darcy
Mestre Fuleiro
Entrando No Terreiro, Sem Demora
Vovó Tereza, Que Beleza
Como Siruga Saia
Até O Romper Da Aurora

Zé Nascimento, Tia Eulália
Com Suas Lindas Flores
No Chão Do Terreiro
Se Mano Elói Chegar Pra Frente
Abre A Roda Minha Gente

É Festa De Jongueiro

Tia Eunice, Bate Pauó
E Olha A Sua Umbigada
Não Me Engana
Dona Marta Dançando Jongô,
Em Seu Terreiro
No Dia De Santana

Ai Meu Zirimão, Estendo A Mão
Boto Os Meus Pés No Chão
Dai-me Licença
A Serrinha É Um Quilombo
E Pra Tia Maria Do Jongô
Eu Peço À Benção
Louvação

O LADO DE FORA DENTRO DA UNIVERSIDADE: MEDIAÇÕES E ENCONTROS A PARTIR DA EXTENSÃO ACADÊMICA

RAQUEL ALVES DOS REIS GOMES DE CARVALHO*

* Possui graduação em serviço social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); especialização em gênero e sexualidade pelo Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (Clam) e Instituto de Medicina Social (IMS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Uerj, com área de concentração em trabalho e política social. Atualmente é professora substituta na Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). Participou do projeto de extensão *Preservando e construindo a memória do Jongo da Serrinha* de março de 2012 a meados de 2014.

Relatar a experiência vivida nos mais de dois anos de participação no projeto de extensão acadêmica é uma tarefa pouco simples. Primeiro pela dificuldade em eleger acontecimentos específicos para explorá-los, ou mesmo em sintetizar esta experiência – dada sua durabilidade e sua intensidade ao longo de todo o percurso. Segundo, porque após mais de dois anos desde que este ciclo se encerrou,^{*} é inevitável não cruzar a memória deste projeto com os caminhos hoje trilhados, e as perspectivas com as quais tenho ensaiado alguma aproximação.

Não se trata de usar a distância temporal para justificar o embaraço desta narrativa. Trata-se, na verdade, de refletir sobre o quanto a vivência em extensão foi capaz de sugerir novos caminhos, impactar a minha formação acadêmica, e induzir outros afetos políticos e teóricos.

Pois não poderia ser para menos. Ao início do projeto de extensão, em março de 2012, éramos um grupo de aproximadamente dez participantes, entre bolsistas e coordenadoras. Mais tarde alguns saíram, outros se somariam. Sendo eu a única bolsista do curso de graduação em Serviço Social, ao menos durante todo o período em que participei do projeto (que corresponde ao intervalo temporal de março de 2012 a meados de 2014), me vi entre colegas dos cursos de graduação em História da Arte, Museologia, História, Comunicação Social e entre duas professoras antropólogas. Logo, o desafio de estabelecer interfaces com conceitos e epistemologias que não eram familiares era enorme, a começar pela própria intenção e pelos objetivos do projeto de extensão, que se estruturavam em áreas de atuação e campos de conhecimentos por mim desconhecidos.

Preservando e construindo a memória do Jongu da Serrinha foi um projeto elaborado pensando-se uma relação entre a Escola de Belas Artes e o Museu D. João VI, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em parceria com o Grupo Cultural Jongu da Serrinha. Como sugere o título do projeto, o objetivo era contribuir com a formação de um acervo para o futuro centro de memória da comunidade jongueira, o que veio a se tornar uma realidade em 2016, com uma casa sediada no bairro de Madureira, zona norte do Rio de Janeiro.

A ideia era que nós, bolsistas e professoras, pudéssemos contribuir com a organização do acervo já existente e em posse da comunidade jongueira, e que a partir de nossa inserção contribuíssemos também para a ampliação

* Este relato foi escrito no segundo semestre de 2016.

deste acervo. Para isto, no conjunto de nossas ações estavam previstas a coleta de material imagético e textual, produção de material audiovisual, registro de memória oral, realização de oficinas temáticas, entre outras atividades. Sempre considerando a importância de capturar as relações entre a comunidade da Serrinha, a tradição do jongo e a influência do samba. Esta tríade, aliás, atravessava a proposição do projeto, sendo verdadeiros fios condutores, que se entrecruzavam com as perspectivas museológicas, patrimoniais, culturais e identitárias constitutivas do projeto.

Lembro-me ainda hoje do dia em que, surpreendida, descobri ser possível pensar e organizar um museu de percurso. Ao contrário da referência cristalizada no meu imaginário, de museus como lugares de exterior suntuoso e interior minimalista, preenchido por obras intocáveis e por um silêncio disciplinador, eu descobria impressionada, durante a primeira oficina temática realizada na sede da comunidade jongueira da Serrinha, que era possível construir outra proposta museológica.

Uma proposta que não só desestabilizava esta imagem, mas que autorizava a participação e a construção coletiva em torno daquilo que se considerava importante de ser visto e lembrado. Talvez tenha sido ali naquele lugar, no citado momento e em outros mais, que pude começar a pensar sobre a importância da *memória* como recurso produtor de identidade e de sentimento de pertencimento.

De alguma forma, por intermédio da inserção na extensão, percebia que somos também aquilo que lembramos que somos. Esta proposta de museu era indicativa de que uma memória coletivamente pensada e construída por uma comunidade cultural poderia se expressar em sua materialidade, tal como a ideia do percurso museológico, através da própria territorialidade da Serrinha – em suas escadas, ruas, becos e casas. Ou ainda em sua expressão imaterial, manifesta nas tradições jongueira e sambista, ou na oralidade dos *cabeças brancas*.*

A imersão promovida pela extensão proporcionou tanto a possibilidade de experimentar outra forma de perceber e interagir com o contexto cultural vivenciado, quanto permitiu pensar a partir de outras perspectivas,

* A expressão “cabeças brancas”, que muito bem substitui a palavra idosos, foi resgatada de uma das entrevistas realizadas com uma antiga e importante moradora da Serrinha. No contexto de sua fala destacava-se o saber acumulado com os anos vividos, um saber sobre a comunidade da Serrinha, sobre o jongo, o samba e sobre a vida propriamente.

que não necessariamente aquelas privilegiadas pelo Serviço Social, enquanto formação e campo de atuação. Ao participar deste projeto de extensão, cujos referenciais se assentavam em outros campos do saber que não os de minha formação acadêmica, tive a oportunidade de ampliar horizontes teóricos e a capacidade de apreensão da realidade vivida, sem que isso viesse a descaracterizar a minha formação acadêmica e profissional.

É importante considerar que este tipo de experimentação é particularmente comum à extensão acadêmica. Enquanto os outros dois vértices da formação acadêmica – ensino e pesquisa – tendem a se debruçar sobre os aspectos específicos e comuns à formação na qual estamos inseridos, a extensão acadêmica nos permite vivenciar a universidade mais amplamente, privilegiando relações construídas com o seu lado de fora.

A participação como bolsista no projeto promoveu muitas vivências. Particpei de oficinas temáticas as mais diversas, nas quais pude conhecer, para além de outras propostas museológicas, a importância da interdisciplinaridade como prerrogativa fundamental à extensão acadêmica e como recurso à multiplicidade de perspectivas a respeito de uma mesma atividade. Ou ainda, sobre o quão interessante pode ser reunir diferentes gerações em uma mesma atividade, como forma de construir múltiplos olhares acerca da tradição jongueira e da vida na Serrinha, seja no passado ou nos tempos de agora.

Fomos a festas, aniversários, dias santos, feijoadas, apresentações jongueiras. Ao estar em cada uma dessas reuniões confirmava a importância dos festejos como lugares de produção e de fortalecimento dos laços sociais e afetivos. Foram muitas as entrevistas também. Figuras célebres da Serrinha, do jongo, e do Império Serrano. A cada conversa, surgiam lembranças, saudades, segredos, lágrimas, risos, ensinamentos, cantos, pontos e causos. Aprendi a fazer entrevista, e aprendi com as entrevistas que sempre há algo a se aprender com o outro, o que nos permitiu exercitar, no âmbito da universidade, uma relação de alteridade sob a prerrogativa da interação dialógica, premissa fundamental da extensão acadêmica.

Muito pude aprender sobre o jongo da Serrinha. Em particular, que a energia que emana da tradição jongueira passa pela força, luta e resistência da mulher negra. Das mais jovens à ilustre tia Maria do Jongo. Já na casa dos 90 anos de idade, tia Maria carrega consigo a sabedoria dos anos vividos e a vitalidade vinda desta tradição. Lembro-me de ouvi-la dizer, em uma

entrevista concedida em sua casa, que só pararia de dançar jongo no dia que chegasse a morte. Quando me recordo desta fala, acompanhada de seu belo sorriso, acredito que para sempre tia Maria dançará jongo. A tradição é feita de corpo e de alma, e ao se reunir em roda, o povo jogueiro evoca sua ancestralidade. É por isso que a presença de tia Maria se perpetuará, e que a de Vovó Maria Joana também pode ser sentida mesmo entre aqueles que não a conheceram.

Mãe de Mestre Darcy – o visionário jogueiro da Serrinha e precursor do encontro entre jongo e universidade ainda nos anos 1980 –, Vovó Maria Joana é sempre lembrada nas falas de jogueiros e de pessoas da comunidade da Serrinha, entre as quais, Deli Monteiro, neta de Vovó Maria:

Saudade da minha avó. Ela era parteira e rezadeira. Quando uma vizinha entrava em trabalho de parto, vinha logo chamar a minha avó e eu ia juntinho dela. Quando chegava lá, ela me colocava sentada na entrada da casa e me dizia assim: – Olha minha netinha, você fica sentadinha aí porque daqui a pouco a cegonha vai trazer o neném, mas você não dorme, se não você não vai ver a cegonha chegar. Eu ficava sentada esperando... Passava bacia, passava álcool, passava tesoura, mas não passava a cegonha com o bebê. Daí a pouco a gente ouvia o choro. Minha avó mandava logo preparar uma panela de canja, bem gorda, com a galinha do quintal. Eu ainda lembro, nessa época ela tinha uma caixinha de fumo, ela colocava a cachimbinha dentro da caixinha (DIAS; CÔRTEZ, 2011, p. 26).

Deli também guarda lembranças de sua mãe:

Minha mãe adorava fazer comida e ficava na cozinha preparando uma comida pra gente, enquanto estávamos no terreiro. A gente dançava também. Foi uma época maravilhosa. Eu pude participar de muitas coisas da minha família. Eu tinha uns onze anos (DIAS; CÔRTEZ, 2011, p. 28).

Vovó Maria foi uma daquelas figuras que muito bem encarnou o espírito comunitário, a tradição ancestral do jongo e a relação com as divindades. Mulher negra nascida em 1902, na região da Fazenda da Bem Posta,

em Valença (RJ), Vovó Maria foi mãe, avó, rezadeira, mãe de santo, parteira, jogueira, fundadora da escola de samba Império Serrano (IPHAN, 2007, [s.d.]). Uma grande mulher que deve ser lembrada não só por sua comunidade, mas por todos aqueles que se interessam em conhecer a história do samba, do jongo e da Serrinha e, sobretudo, a narrativa do povo negro sobre sua própria história. Acredito que na experiência como bolsista de extensão este tenha sido o grande aprendizado: aprender a ouvir e a conhecer a história do *outro* a partir de sua própria fala, perspectiva e construção.

Ao relemburar a vivência extensionista, penso ainda que em meio a estética, o festejo, a musicalidade, a ancestralidade e a oralidade que constituem o jongo da Serrinha, há – entre suas muitas lições possíveis – um ensinamento sobre a importância da alteridade. Na roda sempre cabe mais um, e não há jongo sem roda. Adentrar a roda de jongo significa antes conscientizar-se sobre a importância e contribuição da história e cultura negra, de matriz afro-brasileira, à formação da riqueza deste país. Riqueza material, simbólica e cultural. Riqueza tão sistematicamente negada a esta mesma população.

Embora o projeto se concentrasse, em termos estritos, na contribuição com o acervo da comunidade da Serrinha, sob uma perspectiva patrimonial, museológica e artística, a convivência e interação com o Grupo Cultural Jongo da Serrinha – grupo e comunidade de maioria negra – despertou-me o olhar para a importância das questões ligadas às relações raciais no contexto brasileiro. Para além de sua relevância cultural, o jongo, junto de outras tradições e culturas de matriz afro-brasileira, e do movimento negro cumprem um papel fundamental na “reinterpretação da realidade social e racial brasileira como também de reeducação da população, dos meios políticos e acadêmicos” (GOMES, 2005, p. 39).

Reconheço hoje, com menos ignorância, o quanto são negados os marcadores raciais para pensar, por exemplo, políticas públicas que buscam afirmar direitos às populações negras, ou o quanto se aciona a diferença racial para se produzir e reproduzir desigualdades sociais e reiterar estereótipos. A interação com este grupo acordou-me para a urgência de pensar e agir sobre realidades sociais a partir de múltiplos marcadores sociais que não só os de classe, por exemplo. Se hoje ensaio uma aproximação com as perspectivas teóricas interseccionais (que consideram relações raciais, de gênero e de classe como relações sociais implicadas e igualmente relevantes), há, em parte, uma importante contribuição vinda da extensão acadêmica. Isto inclui a relação

constante com colegas e professoras da universidade, e também da relação estabelecida com as crianças, jovens, adultos e cabeças brancas do jongo e da Serrinha.

É muito provável que eu tenha findado o ciclo de extensionista, durante a graduação, sem uma apreensão teórica consistente a respeito dos conceitos mais caros à intenção do projeto. Contudo, fica o sentimento de ter apreendido e compreendido a relevância de um projeto como este. A relevância *do que fazíamos* e *com quem fazíamos*.

Em função disso, considero importante enfatizar o princípio da interação dialógica ao se falar sobre a extensão acadêmica. Esta prerrogativa preconiza e reforça o entendimento de que a ação, o conhecimento, serviço e/ou produto da ação extensionista deve acontecer em permanente troca, diálogo e interação com o lado de fora da universidade e com quem se estabelece uma relação de parceria (PR-5, s.d).

Preservando e construindo a memória do Jongo da Serrinha constituiu-se não só como o título do projeto de extensão, mas como uma premissa pedagógica na qual estávamos inseridos. Havia uma noção de que para preservar e construir a memória deste grupo tradicional era preciso fazê-lo de modo interdisciplinar, interprofissional, assegurando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e, sobretudo, garantindo a interação dialógica entre os sujeitos partícipes deste projeto.

A importância de ressaltar estes elementos deve-se ao fato de serem fundamentais as diretrizes preconizadas pela extensão acadêmica, mas não só. Incorporá-las ao fazer extensionista implica, contudo, assumir como prerrogativa metodológica as múltiplas perspectivas e protagonistas que constituem a proposta do projeto. Hoje, tendo a oportunidade de rememorar esta experiência e avaliá-la com base em minha experiência, penso que conseguimos, com acertos e equívocos, triunfar em nossa proposta e em nosso fazer coletivo.

Por fim, gostaria apenas de sinalizar que participar de um projeto de extensão acadêmica na condição de bolsista, como eu e outros colegas fomos, significa antes de tudo participar de um processo público regido pela primazia da transparência e da lisura. Significa submeter uma proposta pedagógica, teórica e interventiva, e concorrer com outros tantos projetos, passando pela avaliação e pelo crivo de instâncias como o Ministério da Educação. Significa ainda estar inserido em uma universidade pública, gratuita, laica, de qualidade

e com orçamento público, e que além disso compreende *ensino, pesquisa e extensão* enquanto pilares da formação acadêmica, e parte da função social e do compromisso desta universidade para com o conjunto da sociedade. Logo, a oportunidade de participar de um projeto de extensão passa pela compreensão política do que seja a universidade pública no Brasil, reforçando a importância de seguirmos lutando e defendendo a sua existência no marco da democracia.

*Machado!**

Referências

DIAS, C.; CÔRTEZ, C. A. (org.). *Jongo da Serrinha, Cantos e Contos*. Rio de Janeiro: EBA Publicações, 2011.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. [2005?]. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 18/08/2016.

HERÓIS DE TODO MUNDO. Vovó Maria Joana. Disponível em: <<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/heroivovomaria>>. Acesso em: 18/08/2016.

IPHAN. Dossiê Iphan 5. *Jongo no Sudeste*. Brasília: Iphan, 2007. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_jongo_m.pdf>. Acesso em: 26/08/2016.

PR-5. Pró-Reitoria de Extensão. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.pr5.ufrj.br/index.php?option=com_content&view=article&id=74&Itemid=152>. Acesso em: 16/08/2016.

* Interjeição utilizada por grupos jongueiros do estado do Rio de Janeiro, entre os quais o Jongo da Serrinha, para sinalizar que o ponto cantado chegou ao fim (IPHAN, 2007).

O ÁLBUM DE RETRATO E A FOTOGRAFIA ETNOGRÁFICA COMO NARRATIVA DAS MEMÓRIAS DO JONGO DA SERRINHA

GABRIELLE NASCIMENTO BATISTA*

* Graduada em História da Arte (UFRJ/EBA). Mestre em História e Teoria da Arte, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFRJ), na linha de Imagem e Cultura. Atualmente, é doutoranda em História da Arte/ Questões das artes não europeias, na Universidade Estadual de Campinas e investiga arte africana. Foi Bolsista PIBIAC 2012; PIBEX 2013-2014; PROEXT 2015-2016.

O jongo, o projeto de extensão e o álbum de família

Ao longo desses quatro anos do projeto (2012-2016),* os bolsistas reuniram um vasto material iconográfico a partir dos acervos particulares dos personagens entrevistados, deparando-se com diferentes imagens como: retratos de casamento, imagens de família, carnavais, passeios, eventos religiosos, homens, mulheres, crianças, algumas pessoas identificadas, e outras não. Fotografias que, guardadas para a posteridade, tornaram-se verdadeiros documentos históricos, já que carregam informações peculiares sobre a cultura e os hábitos da época retratada — principalmente no que diz respeito à condição dos afrodescendentes no país.

Com relação ao valor documental da imagem fotográfica, Roland Barthes (2011) diz que a fotografia é um testemunho de uma realidade que aconteceu e que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. Ela tem a função de informar, representar, surpreender e fazer significar, assim como pode ser fonte de conhecimento e de indagações etnográficas. Uma cena de época mostra como as pessoas se comportavam, se vestiam, como era a paisagem e o cenário daquele momento. A fotografia tem um papel e uma função marcante na história. Ela registra tudo aquilo que foi, aquilo que aconteceu; ela faz com que o pretérito seja tão real quanto o presente.

Dessa forma, as imagens resgatadas do acervo pessoal dessas famílias, durante os encontros e entrevistas, representam um repertório de grande valor para contar a história dos negros brasileiros/afrodescendentes a partir de fotografias. Estas não apenas refletem a realidade de cenas e ambientes, mas nos dão a ver os ideais e costumes do grupo. Dessa maneira, as fotografias pessoais podem ser encaradas de modo relevante para a construção do imaginário da comunidade local, sobretudo no que diz respeito a preservação de uma memória relacionada à herança cultural africana, servindo de instrumento de valorização da identidade e da história do jongo.

Em vista disso, escolhi apresentar algumas das reflexões geradas a partir do processo de transcrição da entrevista feita com a Iraci Cardoso dos Santos, a Tia Ira. Para este artigo, foram selecionadas quatro imagens

* De 2012 a 2016 transcrevi inúmeras entrevistas, como, Tia Ira, Grupo artístico (dançarinos e músicos), Fofão, João, Felino, Tia Lazir, Dionne Boy, entre outras. Em parceria com a Silvia Muniz e Joana Pinho, digitalizamos e tratamos os documentos e as fotografias emprestados durante as entrevistas.

resgatadas do acervo pessoal da entrevistada* e uma imagem captada pelos bolsistas durante a entrevista.

No momento da entrevista foram levantados dados sobre a biografia, a história da família e as memórias referentes ao jongo. Algumas vezes, com o auxílio da imagem fotográfica, solicitou-se que a Tia Ira identificasse os lugares e as pessoas retratadas. Entretanto, cabe salientar que o uso da imagem fotográfica provocou inclusive a descrição daquilo que não estava aparentemente visível na imagem; é o que Boris Kossoy (1999) chama de face oculta, na qual o sentido se encontra no interior da imagem. E para facilitar a compreensão das informações contidas nos depoimentos, muitas vezes relacionadas a acontecimentos familiares, faz-se necessário, portanto, um panorama sobre a origem da entrevistada.



Imagem 1. Tia Ira. 2012.
Acervo NaPa – Núcleo de Arte, Antropologia e Patrimônio.

Tia Ira nasceu em 1937, cresceu na presença da Vovó Maria Joana, considerada uma mãe. Guarda memórias referente à expansão da favela da

* Entrevista concedida à pesquisadora Carla Dias na residência da entrevistada, na Serri-nha (1:50:10) gravação em áudio, 2012. A entrevista contou com a presença de mais três bolsistas, a saber, Rafael Lino, Raquel Carvalho e Nathalie Barcelos. O áudio foi transcrito pela Bolsista Raquel e por mim, Gabrielle Nascimento.

Serrinha e à criação da Escola de Samba do Império Serrano. É uma das fundadoras do Império do Futuro* e também guarda lembranças relacionadas às rodas de jongo. Presenciou as transformações que o jongo teve com a Vovó Maria Joana, com Mestre Darcy e atualmente com a Tia Maria. Tia Ira acompanhou a maioria das falas dos entrevistados, principalmente a dos mais jovens, que ressaltaram a importância dela como alguém que os incentivou a estudar a música e que os ajudou a realizar seus sonhos. Tia Ira já dançava jongo na época da Vovó Maria Joana, hoje não mais. É herdeira da tenda espírita Cabana de Xangô da Vovó Maria Joana, e também a rezadeira da comunidade.



Imagem 2. Tia Ira na iniciação ao candomblé [s.d].
Acervo particular da Tia Ira.

* GRCESM Império do Futuro é uma escola de samba mirim da cidade do Rio de Janeiro, que participa todos os anos do desfile oficial de escolas de samba mirins, realizado, desde 1999, na sexta-feira de Carnaval, na Marquês de Sapucaí.

Durante a entrevista com a Tia Ira (2012), a utilização da imagem fotográfica serviu como um “gatilho disparador da memória”, permitindo que novas lembranças viessem à memória da entrevistada. Tia Ira, assim, reorganizou suas lembranças e com a fotografia em mãos, acrescentou particularidades de sua família na descrição da imagem. No depoimento, a entrevistada, identificou personagens, moradores, a localização de casas e costumes de diferentes épocas.

As descrições e depoimentos orais da Tia Ira apontaram para a existência do sentimento de pertencimento, do fazer parte e do ser participante. A emoção ao revisitar locais e fatos que envolvem trabalho, amigos e familiares deixam claro os fortes laços afetivos da entrevistada com a história do jongo da Serrinha. “— Isso tudo aqui tinha fruta. Aqui só tinha mato. Esse morro quase não tinha casa. Até a gente pra ir na pedreira [...], lá atrás, a gente passava pelo mato”, recorda Tia Ira. O uso da fotografia portanto constituiu-se num artifício para chegar a lugares e tempos esquecidos.

Em outro momento, Tia Ira mostrou uma fotografia retirada em Aparecida do Norte. “— Aqui é a Vovó Maria na Aparecida do Norte. Aqui é Elaine. A gente ia na Aparecida do Norte duas vezes por ano. Essa menina não está mais viva. Essa não mora mais aqui. Esse aqui é o Pedrinho.” Neste caso, a fotografia foi um meio que se teve de entrar em contato com a pessoa da qual se fala, mas que os mais jovens, por exemplo, não tiveram contato. Segundo Boris Kossoy (2005, p. 43):

Os homens colecionam esses inúmeros pedaços congelados do passado em forma de imagens para que possam recordar, a qualquer momento, trechos de suas trajetórias ao longo da vida. Apreciando essas imagens, ‘descongelam’ momentaneamente seus conteúdos e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias de vida.



Imagem 3. Tia Ira em Aparecida do Norte [s.d].
Acervo particular da Tia Ira.

Tia Ira reconhece a mudança do jongo nas diferentes gerações e nomeia a atual dança como um “espetáculo”, mas um espetáculo que se diferencia da cultura inicial. Relata, dessa maneira, que antes as rodas de jongo acontecia nas casas dos moradores da Serrinha. Cada semana um morador abria as portas da casa para receber os jongueiros. Era uma expressão dos mais velhos e tinha uma maior ligação com a religião. A roupa era diferente. Fala na entrevista:

Eles se benziam, tinha aquele negócio de copo d'água com vela, fazia aquelas coisas toda, aqueles velhos antigos. E ninguém dançava jongo de roupa branca nada, nem sem camisa. (Os homens) de terno, (as mulheres) de saia bonita, bem rodada. Mas sempre

com uma calça por baixo. E elas, as mulheres bonitas, com um laçarote bonito. Ninguém dançava jongo meio pelado não. Podia não. O jongo era cheio de frescura.



Imagem 4. Vovó Maria Joana e Darcy Ribeiro [s.d.].
Acervo particular da Tia Ira.

O jongo tende a manter uma tradição fixada nos tempos passados. Esta dimensão de preservação da tradição se manifesta sobretudo através da transmissão oral do conhecimento. Existem indivíduos que detêm a totalidade do conhecimento (ou parte dele) desta memória, enquanto outros são pouco a pouco iniciados neste universo de saber. Renato Ortiz (2012) diz, entretanto, que não se pode pensar o processo de memorização como estático, já que a tradição nunca é mantida integralmente. “É o grupo que celebra sua revificação, e o mecanismo de conservação do grupo está estreitamente associado à preservação da memória” (2012, p. 133). Para Ortiz, as representações só adquirem significados quando encarnadas no cotidiano dos atores sociais.

A inserção das crianças na roda de jongo certamente é um dos elementos que leva em consideração as transformações do tradicional ritmo afro-brasileiro. O ritmo, segundo relata Tia Ira, era restrito aos “cabeças brancas”, sendo, portanto, uma dança dos mais velhos. Com a entrada dos

jovens no jongo, o conhecimento é transmitido tal como nas tradições orais africanas onde os *griots* são preparados para serem narradores da história e da memória coletiva a fim de que essas sejam conhecidas pelas novas gerações.

Fica claro que o jongo da comunidade da Serrinha se distanciou ao longo do tempo do jongo de outras localidades, especialmente daquelas mais rurais existentes no estado do Rio de Janeiro, seja por seu diálogo com o espaço urbano, seja pelo desejo de sobreviver no imaginário coletivo. O discurso da Tia Ira, como se vê, é de extrema importância para relatar aos mais jovens o movimento de transformação que o jongo vem sofrendo ao longo dos anos.

Em um outro momento, durante uma conversa entre a Tia Ira, Aparecida, Lazir e a professora Carla, registrou-se o seguinte diálogo:

Tia Ira: Marquinho queria tirar e eu não queria deixar e o Valdemir, “para de egoísmo. Por isso que minha vó morreu e não tinha retrato que vocês não gostavam.”

Lazir: Ah, ele pegou um monte de foto da gente também. Tem muitos fotos também que ele não devolveu.

Aparecida: Muitas fotos. Pena que não dá para fazer um museu.

Carla: Mas é isso que a gente quer fazer.

Aparecida: Muitas fotos no lixo. Lembra? Cortou o coração da gente.

Tia Ira: Ele queimou e jogou fora.

No caso do comentário da Tia Ira, portanto, sua fala revela a importância da fotografia na conservação de uma memória e a importância desses retratos na construção, ou desconstrução, da história do jongo. Tia Ira apresentou resistência em emprestar as fotos para serem digitalizadas, isso porque ao longo da história do jongo muitos pesquisadores pegaram fotos e não devolveram. Muitos fizeram novas fotos, vídeos e sequer deram satisfação do produto final, excluindo o direito deles de saberem o que falavam deles e que história era essa narrada por esses pesquisadores a respeito do jongo da Serrinha. A negociação deste trabalho, entretanto, foi mediada pela jogueira Lazir, que precisou explicá-la a respeito da parceria que existe entre a UFRJ e a ONG no intuito de legitimar academicamente e colaborar para a preservação dessa memória relacionada ao jongo. Outro exemplo:

Carla: Isso aí é o que?

Tia Ira: Ala Amigo da Onça. Meu irmão era presidente dessa ala. Tem o Biratã, tem o meu irmão que você não conheceu.

Carla: Conhece alguém que está aí?

Tia Ira: Todo mundo. (Risos). Meu irmão era presidente dessa ala.

Carla: Isso é uma ala do Império?

Tia Ira: É meia ala do Império Serrano. Essa ala era a única ala que o Império Serrano tinha de comissão de frente. Ala Amigo da Onça. Ela era enorme. Ala Amigo da Onça.

Carla: Quem fazia parte dessa ala?

Tia Ira: Aqui ô, tem meu irmão, tem Biratã, tem o Orlando, tem o Felino, tem o Tuninho, tem o Ariadal, que é pai do presidente da Império. Tio. Tem o Elso, tem o Muassi, meu irmão Orlando. A gente está falando desse aqui, ô. Agora o resto, Dozinho, Tininho, tem bastante.



Imagem 5. Ala Amigos da Onça, 1948.
Acervo particular da Tia Ira.

Aqui a narrativa remete a outros episódios que a princípio não estariam associados exclusivamente ao jongo, mas ao samba. A foto é, portanto, um elemento disparador de outras memórias e pode lembrar episódios aparentemente esquecidos. Segundo Miriam Moreira Leite (1993), os álbuns de família também se constituem como fonte de saber familiar e é um suporte que orienta as primeiras lições de história para as novas gerações.

Dessa maneira, entende-se as imagens familiares como registros históricos e, portanto, significativas para a compreensão dos processos de

construção de uma memória social — uma vez que o uso dessas imagens permitem a criação de um rito de rememoração e integração das gerações. As lembranças evocadas por esses registros apresentam aos mais jovens uma história que eles não viveram, mas da qual fazem parte, corroborando para incorporarem suas história nessa memória coletiva. Segundo Le Goff (2003, p. 460):

A Galeria de Retratos democratizou-se e cada família tem, na pessoa do seu chefe, o seu retratista. Fotografar as suas crianças é fazer-se historiógrafo da sua infância e preparar-lhes, como um legado, a imagem do que foram. O álbum de família exprime a verdade da recordação social. Nada se parece menos com a busca artística do tempo perdido que estas apresentações comentadas das fotografias de família, ritos de integração a que a família sujeita os seus novos membros.

A prática fotográfica, portanto, é um rito do culto doméstico, uma técnica que fabrica imagens da vida privada e que eterniza os momentos mais importantes da vida familiar, reafirmando o sentimento que o grupo tem de sua unidade afetiva. A máquina fotográfica como observamos acompanhou a vida familiar da Tia Ira como uma cronista, narrando diversos fatos, tais como o samba, as manifestações afro-religiosas e o jongo na Serrinha. Por intermédio das fotografias — diz Susan Sontag (2004) — cada família pode construir uma crônica de si mesma e eternizar essas lembranças.

Conclusão

A utilização da fotografia durante as entrevistas permitiu a criação de um importante acervo de informação. A diversidade fotográfica apresentada estimulou a reflexão nas construções das memórias do Jongo da Serrinha e preencheu lacunas em nossas imagens mentais do presente e do passado (SONTAG, 2004). Assim, a fotografia foi entendida como um documento e também como um monumento, um legado do passado ao presente, uma memória que foi escolhida para ser registrada e deixada para a posteridade. Adotar a fotografia como instrumento metodológico na pesquisa etnográfica significa dar forma às vozes e olhares daqueles que contribuem para o relato,

permitindo que o sujeito se torne um participante ativo na representação dele mesmo e de sua cultura.

O diálogo das imagens com as entrevistas e transcrições permitiram-me compreender e refletir sobre a importância de se construir uma memória a partir das falas e gestos dos protagonistas da história do Jongo. O objetivo é que esse material contribua para a afirmação da identidade dos jongueiros e colabore com os movimentos de defesa dos direitos dos afrodescendentes, oferecendo-lhes os instrumentos necessários para a construção de narrativas e de destaque para suas falas.

Referências

- BARTHES, R. *A Câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- KOSSOY, B. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- MOREIRA, M. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Edusp, 1993.
- ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- PEIXOTO, C. (org.). *Antropologia e Imagem – narrativas diversas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- SONTAG, S. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

O JONGO COM FIO CONDUTOR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA E UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE PESQUISA EM ACERVOS INSTITUCIONAIS

JOANA PINHO DOS SANTOS *

* Bolsista PROEXT de 2013 a 2014. Graduada em História da Arte (2015) e em Licenciatura em Educação Artística – Artes Plásticas (2018), ambas pela UFRJ. Possui Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico pelo Colégio Pedro II (2019). Atualmente é Professora de Arte na rede municipal de Maricá e Mestranda em Educação no PPGE/UFRJ, na linha de Currículo, ensino e diferença, com interesse em pesquisa na área de práticas antirracistas no ensino de Arte.

Minha relação com o jongo teve início antes mesmo da entrada no Projeto de Extensão PROEXT/2011 – Preservando e construindo a memória do Jongo da Serrinha. No primeiro ano do Ensino Médio, cursado de modo concomitante ao Técnico em Turismo na Escola Técnica Estadual Juscelino Kubitschek, durante aulas de História da arte ministradas pelo Professor Jorge Amaral, foi proposto que fizéssemos uma pesquisa teórica sobre o jongo. Essa pesquisa representou meu primeiro contato com o jongo e, posteriormente, aprendemos a dança. Em meio às propostas feitas pelo Professor, lembro-me do dia em que ele resolveu utilizar o teatro da Escola em uma aula. Pediu para que nós caminhássemos aleatoriamente pelo palco e assim que nos sentíssemos confortáveis, comentássemos algum aspecto sobre o jongo, que poderia ser a dança, o ritmo, ou algo que tivéssemos notado ao longo da pesquisa. A partir desse momento comecei a perceber a História da Arte como uma possibilidade, um campo mais amplo de pensamento, abarcando características além do desenrolar linear dos movimentos de arte europeia, como é possível perceber nos grandes manuais intitulados “A história da arte”, por exemplo.

A partir dessa abertura quanto às possibilidades investigativas da História da Arte, me interessei muito pela graduação na área, e o curso na UFRJ foi escolhido por apresentar em sua grade uma disciplina específica sobre Arte Africana e Afro-brasileira. A matéria abordaria elementos relacionados às culturas de matrizes africanas e como, ao longo do Ensino Médio havia me interessado pelo tema, ^{*} achei um bom caminho a seguir.

Logo no terceiro semestre da graduação, defini meu tema de monografia: queria trabalhar iconografia de orixás. Convidei para me orientar na pesquisa a Professora que ministrava a disciplina de sobre Arte Africana e Afro-brasileira, Carla Costa Dias. Após alguns meses de trabalho, fui convidada pela mesma Professora a fazer parte do Projeto. Assim, em 2012, iniciei minha participação de maneira voluntária.

Logo de imediato notei algumas características interessantes quanto ao Projeto. Ele partia de uma parceria entre a UFRJ e a ONG Grupo Cultural

* Além de ter me interessado muito por jongo no Ensino Médio, também na disciplina de História da Arte tive algumas aulas sobre danças de orixás, atrelando dança a mitologia afro-brasileira. Somado a isso, resolvi trabalhar como tema de monografia o Morro da Conceição, trabalhado enquanto Área de Proteção Ambiental. Portanto analisei a história de fundação e ocupação do Morro; a importância da Pedra do Sal no que refere a história do samba na cidade; e as intervenções sofridas no local sob orientação do IPHAN e da Legislação Municipal.

Jongo da Serrinha. Além disso, era formado por uma equipe multidisciplinar, com alunos e professores de diferentes unidades e cursos da UFRJ, além de colaboradores e pesquisadores da própria ONG. Foi a primeira vez na graduação que tive contato, dentro de um mesmo grupo de trabalho, com pessoas de unidades diferentes da Escola de Belas Artes. O que mais me impressionou no Projeto foi que seu objetivo básico era colaborar com a preservação e valorização da memória, da cultura e dos patrimônios locais da comunidade da Serrinha, sobretudo aqueles relacionados ao jongo e que isso havia partido de uma demanda identificada pela própria comunidade.* Nós atuávamos de modo a dar continuidade aos trabalhos de preservação do patrimônio histórico do jongo, sempre se atendo à direção implementada pelos moradores, artistas e educadores vinculados ao Jongo da Serrinha.

Ao longo de 2012 participei de algumas ações do Projeto e apresentei o andamento da pesquisa no 9º Congresso de Extensão da UFRJ.** As ações se relacionavam a reuniões entre integrantes do grupo para trabalhar textos teóricos que instrumentalizam as ações e também para definir os rumos do Projeto; entrevistas com personalidades relacionadas ao Jongo da Serrinha; oficinas na Escola de Jongo da Serrinha; e pesquisas em acervos institucionais para levantamento de mais referências bibliográficas sobre o tema.

No ano de 2013, iniciei minha participação no Projeto como Bolsista PROEXT. O ano foi marcado pela continuidade de nossas ações iniciadas no ano anterior, e também pela construção de um acervo a partir dos re-

* O primeiro passo dado no sentido dessa identificação de demanda da comunidade foi a permissão para que crianças e adolescentes participassem da dança, originalmente restrita aos idosos. A percepção do Jongo como Patrimônio Imaterial se converteu em ações para educar e capacitar crianças e jovens para preservar e divulgar o patrimônio cultural afro-brasileiro. A voz da comunidade se fez presente a partir da atuação do Grupo Cultural Jongo da Serrinha, tornada Associação Sem Fins Lucrativos em 2001, e da Escola de Jongo, no mesmo ano. Simonard (2007) tece alguns comentários sobre a criação do Grupo por Mestre Darcy. Para ele, a criação do grupo culminou na espetacularização no jongo, com instrumentos, versos e mitologia própria. Embora a empreitada tenha sido duramente criticada por descaracterizar o jongo, foi também o que permitiu sua sobrevivência na comunidade.

** Para participar desse tipo de evento era necessário submeter resumos sobre os temas abordados durante as apresentações. O grupo de bolsistas precisou se organizar para redigir os textos que constariam nos cadernos de resumos e Anais dos eventos compondo parte importante da produção do Projeto. Essa dinâmica foi adotada durante a submissão dos resumos nos eventos organizados pela UFRJ em 2012, 2013 e 2014.

gistros das ações feitas na comunidade.* Nosso foco foi a constituição de um acervo para a futura sede da Escola de Jongo – em terreno doado pela Prefeitura do Rio de Janeiro – tendo em vista que no projeto da nova sede havia uma sala exclusiva para nosso Projeto. Apresentei o desenvolvimento da pesquisa em dois eventos: 10º Congresso de Extensão da UFRJ e XXXV Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural – JICTAC. Como devolutiva da bolsa recebida, durante esse ano, produzia periodicamente relatórios descrevendo minha participação nas ações do Projeto. Obrigação complexa e ao mesmo tempo extremamente necessária, pois a partir de análise das ações, e do Projeto de uma maneira geral, conseguia avaliar seus impactos na comunidade e também na minha formação pessoal e acadêmica.

Já em 2014, dei continuidade à participação no Projeto como bolsista PROEXT. No Projeto, o foco também foi a sequência das ações e, de modo concomitante, o tratamento e sistematização dos registros obtidos. O ano foi marcado pela necessidade de mostrar à comunidade o andamento das ações do Projeto. Dessa maneira, organizamos a exposição “Tia Eva firma toco no terreiro”. Apresentei trabalhos nos eventos: 11º Congresso de Extensão da UFRJ e XXXVI Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural – JICTAC e também relatórios para dar conta de minha produção no Projeto.

Por este breve relato é possível perceber o quanto o contato com o jongo foi decisivo para escolha do curso de graduação. Aliás, não apenas o contato com o jongo simplesmente: as possibilidades de histórias, valores e vivências identificadas nesta manifestação que me eram familiares, que faziam parte, de algum modo, do meu cotidiano. O jongo foi o fio condutor da minha trajetória: foi o que me permitiu olhar para o passado, que era constantemente atualizado no dia a dia, e entender que tudo isso poderia estar presente no futuro, no decorrer da formação acadêmica que almejava.

Tendo em vista algumas de minhas motivações para chegar à graduação e o panorama geral sobre minha participação no Projeto, para este relato de experiência resolvi fazer um recorte sobre as pesquisas em acervos

* Esses registros consistem no tratamento e sistematização de fotografias e vídeos produzidos ao longo das entrevistas e oficinas. Os vídeos eram transcritos pelos bolsistas. Além disso, foram digitalizados documentos doados por algumas personalidades durante as entrevistas, entre eles fotografias, reportagens, convites, folders e arquivos pessoais.

institucionais, segmento em que mais atuei. A pesquisa é uma das possibilidades abertas pela minha formação acadêmica. Enquanto historiadora da arte,^{*} a definição de um objeto de pesquisa, as metodologias que ajudarão a responder às questões colocadas na problemática levantada são elementos de extrema importância. Neste sentido, pensando o jongo como o grande tema geral de investigação, e mobilizador do Projeto, as tentativas de definições do termo – jongo – já apontam para uma das maiores dificuldades ao longo da pesquisa em acervos: sua imaterialidade.

Em todas as possibilidades de significação do jongo,^{**} este sempre se associa a algo não concreto, no sentido de palpável. Sua caracterização envolve uma forma de expressão própria das culturas de matrizes africanas, abarcando o ritmo proposto por instrumentos de percussão e canto, dança e elementos de caráter mítico religioso. Prioriza o conjunto de práticas culturais passadas de geração em geração por meio da fala dos mais velhos, enfatizando o respeito aos antepassados. Dessa forma, não pode ser mensurado em termos quantitativos e se relaciona com a herança cultural de grupos *bantus* trazidos ao Brasil na condição de escravizados para trabalhar nas lavouras de café e cana-de-açúcar na região sudeste.

Essa herança envolve um modo de ser pautado em princípios morais e éticos que colocam os idosos como peças centrais na transmissão de saberes. Há um profundo respeito aos mais velhos, esses são entendidos como detentores dos conhecimentos. A fala dos mais velhos se afirma como importante veículo transmissor da sabedoria ancestral.^{***} Essa característica podia ser

* Até o momento da escrita deste texto minha formação era História da Arte (2016) e estava iniciando minha segunda graduação em Licenciatura em Educação Artística – Artes Plásticas (2016).

** Como caracteriza o Dossiê IPHAN 5 (2007, p. 14): “o jongo é uma forma de expressão afro-brasileira que integra percussão de tambores, dança e práticas de magia [...] é uma forma de louvação aos antepassados, consolidação de tradições e afirmação de identidades. Tem suas raízes nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, principalmente os de língua bantu”.

*** Também é importante destacar nesse aspecto a dificuldade de se pensar a preservação desses saberes, pois sua transmissão, feita de uma geração a outra por vivência e/ou participação, se pauta na fala. Costa (2010) enfatiza que por boa parte das culturas de matriz africana do nosso país estar nas mãos de pessoas com idade superior a sessenta anos é necessário que se resgate e registre esses acervos para não serem perdidos. As iniciativas em torno de preservação e divulgação de grupos oprimidos e discriminados contribuíram para movimentos de resgates de identidades grupais.

facilmente observada quando, durante as inúmeras ações na Serrinha, Tia Maria fazia algum comentário sobre uma vivência sua com o jongo, ou uma passagem de sua vida, ou até mesmo uma recordação sobre outra pessoa. Velhos, adultos, crianças: todos paravam para ouvi-la e dedicavam extrema atenção a seus ensinamentos. A relação de respeito também se fazia presente quando, ao cruzar com ela, qualquer pessoa – nova ou velha – lhe pedia a “bença”.

Como, então, pensar uma pesquisa neste sentido? As metodologias que envolvem as pesquisas sobre jongo são diversas pois dependem bastante do tipo de pergunta que se faz ao objeto: o que se quer levantar. Se considerarmos a importância da palavra e a força da oralidade enquanto valor civilizatório afro-brasileiro, entenderemos os registros^{*} dessa dinâmica de falas como algo de extremamente potente. Toda e qualquer ação que possa ser materializada em vídeos, fotografias, áudios. Os registros partem de entrevistas individuais, coletivas; da observação participante em oficinas, encontros e festividades na comunidade. Dos registros interessa que a fala dos atores envolvidos seja assegurada para que a partir dela se possa analisar sua condição e pensá-la de modo a articular com outros registros documentais ou não. E cabe também pensar a dimensão do que não é dito: do que é silenciado por esses atores e captado apenas por quem observa atentamente.

Mais do que pensar nessa dificuldade inicial foi interessante notar o quanto cada acervo se configura de uma forma. As especificidades de cada pesquisa estão intimamente ligadas ao corpo central de cada acervo, ao grupo de elementos que os compõem. Dentre os acervos pesquisados, destaco minha experiência em um deles: o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.^{**}

O primeiro passo para pesquisar um acervo é acessar a base de dados para tentar identificar elementos que correspondam ao que se pretende localizar. Boa parte das instituições, como, por exemplo, a Fundação Biblioteca Nacional, conta com uma base de dados digital em que, a partir de palavras-chaves, é possível localizar indícios que correspondam a sua busca. Essa

* Deve-se entender aqui como registros um pouco do que Le Goff (1984) pontua como a abrangência do termo documento ao longo do século XX. Muito mais do que a salvaguarda por registros documentais escritos, deve-se pensar a imagem, som ou quaisquer outras referências que possam ser devidamente criticadas e colocadas em um contexto mais amplo para análise.

** Entre abril de 2011 e outubro 2012 atuei no Projeto: Solução de armazenamento de dados digitais do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

identificação serviria como base para que um profissional especializado da instituição encontrasse um livro e/ou revista que abarcasse sua busca. No entanto, para chegar a essa etapa é necessário saber exatamente o que cada acervo compreende para que, a partir disso, se consiga estabelecer o que terá como resultado: para achar o que se busca em determinado acervo, é preciso antes identificar a que esse se destina.

O critério estabelecido para facilitar minha busca foi a de utilizar sempre em todas as pesquisas em acervo as mesmas palavras-chaves nas bases de dados. Em todas as opções de busca – rápida e/ou avançada –, fossem elas referentes a título, autor, assunto; ou nos mais diversos segmentos – que incluíam setores como obras gerais, iconografia, manuscritos, obras raras, música, periódico e/ou cartografia – utilizava como indícios as palavras: jongo, serrinha, Jongo da Serrinha, Império Serrano. Mesmo sendo inicialmente óbvio que muito provavelmente não encontraria registro digitando “jongo” numa busca em “cartografia”, fiz questão de tentar até mesmo porque o resultado, positivo ou não, entraria nos relatórios de pesquisa e muito possivelmente no futuro serviria como referência para pesquisas dentro ou fora do mesmo tema com outro recorte, se desdobrando em outras investigações.

Em boa parte dos acervos pesquisados* foi possível localizar uma produção considerável relacionada ao jongo de uma maneira geral, em que alguns títulos se relacionavam ao Jongo da Serrinha. A busca a partir do indício “Serrinha” sempre gerou uma série de equívocos, pois sempre mostrava como resultado publicações ora sobre o município de Serrinha na Bahia, ora sobre o cantor e compositor Serrinha. A utilização das palavras-chave “Jongo da Serrinha” e “Império Serrano” garantiu quase sempre a localização de títulos mais favoráveis aos interesses da busca. Em especial, dois livros** foram recorrentes nos acervos pesquisados: “Serra, Serrano, Serrinha: O império do samba” de Rachel e Suetônio Valença(1981) e “Jongo da Serrinha: do terreiro aos palcos” de Edir Gandra (1995).

A pesquisa junto ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro me garantiu algumas situações inusitadas. Há duas grandes frentes de pesquisa:

* Entre eles: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro; Biblioteca do Centro Cultural Banco do Brasil; Fundação Biblioteca Nacional.

** Para este relato, seguindo o recorte proposto, não caberá resumo do conteúdo destes dois títulos. Ambos foram lidos, fichados e discutidos no grupo de pesquisa: constam como nossas referências bibliográficas.

o setor de Iconografia e o setor de Documentação Escrita, que se subdivide em Especial e Biblioteca.

A busca no setor de Iconografia, diferente dos acervos de outras instituições pesquisadas, tinha como entrada a nomenclatura das ruas. Então, na pesquisa sobre o Jongo da Serrinha, não caberia buscar por “serrinha” ou “jongo”, o acervo tinha uma relação mais com a abrangência territorial do tema. Dessa forma, nesse momento em especial, tive que alterar meus critérios de busca para me adaptar à particularidade desse acervo e utilizei outras palavras-chaves para garantir mais eficiência. Busquei por “Rua da Balaiada”, umas das principais ruas da comunidade da Serrinha. Além disso, tentei utilizar também os indícios “Madureira”, “Viaduto”. Não houve indicação quanto a “Rua da Balaiada” e como os outros indícios localizei apenas fotografias do bairro de Madureira.*

No setor de Documentação Especial, pesquisei utilizando as mesmas referências que usei no setor de Iconografia. No segmento de Documentação Escrita Especial identifiquei que a Rua da Balaiada consta de 7 de janeiro de 1944, antes era conhecida como Travessa Alice. Na Biblioteca, localizei a Coleção Francisco Duarte, especializada em Carnaval e Samba, em que encontrei os dois títulos já citados de Rachel e Suetônio Valença e Edir Gandra.

A experiência junto ao Arquivo foi interessante, pois demonstrou que pesquisar também envolve estratégias para lidar com respostas diferentes das levantadas em sua hipótese de investigação. Talvez se tivesse desistido da busca diante da primeira negativa de possibilidade, não perceberia a especificidade do acervo no setor de Iconografia da Instituição que, fundamentalmente, abriga mapas. Foi necessário adaptação e flexibilidade frente às dificuldades iniciais para repensar as estratégias de busca, entendendo que pesquisar vai muito além do que idealizamos no papel; envolve vivências e o que acumulamos de experiências nas buscas feitas em outros acervos. Envolve, acima de tudo, contato com aqueles e aquelas que gerenciam os setores de busca nestas instituições. Conversas formais e informais, antes e durante o processo de investigação podem conduzir as buscas por outros caminhos e, em alguns casos, contribuir para ter um maior entendimento sobre as características de cada acervo. A fala e as trocas, neste aspecto, também são de extrema importância.

* Localizados registros Viaduto Negrão de lima; Relógio de Madureira; Mosaico Fotográfico (folhas 18 e 19) de dezembro de 1928.

Com as pesquisas em acervos institucionais percebi que há poucos títulos sobre o Jongo da Serrinha: no geral, os dois livros anteriormente citados foram encontrados em todas as instituições pesquisadas. Essa evidência pode ter várias motivações: pode ser que poucos livros sejam lançados sobre o tema, ou também pode ser que poucos títulos sobre esse tema sejam adquiridos por esses acervos. Talvez essa “falta” de título tenha relação direta com as limitações desta busca, uma vez que estão relacionadas as palavras-chaves utilizadas para buscas neste determinados acervos. E como os acervos são constantemente construídos, talvez entre o momento da busca e da escrita deste relato, títulos que atenderiam a pesquisa tenham sido adquiridos por estas instituições. A busca feita, naquele momento específico, com aquelas palavras-chaves e naquelas instituições, não representam a totalidade de livros existentes: apenas um fragmento do possível, atendendo aquelas conjunturas.

Uma outra possibilidade de justificativa para a escassez de títulos sobre o Jongo da Serrinha seja porque boa parte das discussões sobre esse tema esteja restrita ao âmbito acadêmico. Ainda que artigos dando conta do andamento das pesquisas venham sendo produzidos, bem como teses e dissertações nos mais diversos programas de pós-graduação do país, talvez estes não se transformem, com frequência, em livros. Caberia aqui considerações sobre o mercado editorial do país e até mesmo sobre os impactos, ou não, da produtividade acadêmica neste, mas essas seriam apenas considerações iniciais, tema para outros recortes em futuras pesquisas...

Repensando minha participação no Projeto, desde o primeiro contato ainda como voluntária até as ações desenvolvidas para construir parte do acervo do Centro de Memória, percebi que essa vivência foi uma das motivações para minha segunda graduação. Apesar do contato com o jongo ainda no Ensino Médio ter representado um fio condutor importante para escolha da minha graduação em História da arte, na verdade a experiência nesta graduação foi exatamente o oposto do que eu esperava. Ao contrário das minhas expectativas iniciais, a História da arte da graduação foi predominantemente História da arte europeia. Quando muito, arte fora dos grandes centros hegemônicos foi em momentos bastante pontuais e em disciplinas específicas. A Licenciatura em Educação Artística surgiu como uma possibilidade, entre outros fatores, de assumir a responsabilidade de ser também uma agente mobilizadora de valores, histórias, experiências e personalidades afro-brasileiras na Educação Básica. A formação em Licenciatura me permitirá atuar

diretamente com crianças, jovens e adolescentes no Ensino Fundamental e Médio, em que será possível mobilizar esses elementos: fazê-los circular! É um modo de ser grata ao passado, a todos e todas que tornaram esses encontros possível, tendo em vista as gerações futuras, que elas, de alguma forma, sejam afetadas para, mais uma vez, fazer circular e atualizar este legado.

Entendendo a educação dentro de uma perspectiva dialógica, professores, professoras e estudantes – e a comunidade escolar de um modo geral – se constroem mutuamente à medida em que compartilham saberes entre si. Esta partilha decorre, em parte, do que cada um em contato com outras esferas da vida já possui de “acúmulo” e se dispõe a compartilhar. O fato de contribuir para que alguém se sinta parte do processo de ensino-aprendizagem, em suas particularidades, formas, cores, narrativas, conhecimentos – que alguém identifique sua participação enquanto protagonista do processo – foi uma das grandes motivações para escolha pela Licenciatura. Assim como no Ensino Médio, aprendendo o jongo na escola vi minha avó materna nas falas, nas posturas, nas “bençãos”, quero que outras e outros vejam os seus na escola. E arte surge nisso tudo pois já que ela tem cor, que seja a nossa!

Com os relatórios redigidos ao longo do Projeto, mas em especial com esse relato, venci parte das dificuldades que sempre tive em escrever em primeira pessoa; em assumir o protagonismo sobre minha escrita. Consegui dar um tom um pouco mais pessoal aos meus textos, demonstrando que a forma com que olho para determinado objeto está atravessada por todos os elementos que me constituem: isso é parte do processo e deve sim ser enfatizado. Assim, cada vez mais me afasto do padrão impessoal e distanciado comum aos textos teóricos de História da arte (pelo menos os comuns aos lidos no período em que cursei esta graduação).

A cada ponto de jongo ouvido de maneira mais atenta, noto resquícios de pontos de umbanda relacionados às experiências vividas ao longo de toda minha infância e que até hoje se mantém presente. A atenção a esses momentos me fez perceber que na verdade “aquela cultura” era a “minha cultura”, muitos dos ensinamentos eram próximos ao que por vezes ouvi de minha avó, também negra, e suburbana. É possível notar, assim, aproximações e continuidades. Essa identificação fez com que aos poucos surgisse a necessidade de externalizar essas características, e assumir meu cabelo crespo natural foi parte importante nesse processo, ainda em andamento e que avançou para outras esferas da minha vida. Ter me identificado nos saberes socializados na

História da arte no Ensino Médio, a partir do jongo como fio condutor, me fez idealizar uma graduação em que narrativas não hegemônicas sejam os fios condutores. Meu percurso na Licenciatura tem este intuito: de contribuir para a construção dessas bases, entendendo que uma educação comprometida com a democracia deve ser o caminho e também a finalidade do processo. De certo, o conjunto de ações implementadas pelo Governo Federal no início dos anos 2000 para combater o racismo na educação brasileira vem contribuindo neste sentido. Cabe a nós, comprometidos e comprometidas com essa causa, emprendermos esforços para não retrocedermos.

Referências

BOY, D. C. *A construção de um centro de memória na Serrinha*. Dissertação de Mestrado. Fundação Getúlio Vargas – Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais. Rio de Janeiro, 2006.

BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura Afro-brasileira e Africana*. Brasília, out, 2004.

COSTA, H. S. P. Os gestores da informação, a educação plural e os acervos culturais afro-brasileiros. In: *Revista África e Africanidades*, Rio de Janeiro, ano 3, n.9, maio 2010. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Os_gestores_da_informacao.pdf>. Acesso em: 17 out. 2016.

DOSSIÊ IPHAN 5. *Jongo no Sudeste*. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GANDRA, E. *Jongo da Serrinha: do terreiro aos palcos*. Rio de Janeiro: GGE, 1995

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: *Memória-História*. Enciclopédia Einaudi, v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 95-106.

SIMONARD, P. Jongo e filme etnográfico: impressões de uma viagem etnográfica. In: *Antropologia & imagem – narrativas diversas*. vol. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2011, p. 47-63.

TRINDADE, A. L. Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação infantil. In: *Valores Afro-brasileiros na Educação*. Boletim 22, nov. 2005, p. 30-36. Disponível em: <<http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/Valores%20civilizat%C3%B3rios%20afrobrasileiros%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20-%20Azoilda%20Trindade.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2019.

VALENÇA, R. T.; VALENÇA, S. S. *Serra, Serrano, Serrinha: O império do samba*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

OUVINDO AS VOZES DO JONGO DA SERRINHA – A POTÊNCIA DA ORALIDADE POR UM VIÉS ACADÊMICO E IDENTITÁRIO

MAYARA RODRIGUES VIANA *

* Conhecida pelo nome artístico May Agontinme, é educadora, artista multidisciplinar e graduanda em História da Arte (tendo iniciado o curso pela UFRJ e concluindo através de transferência na UNIFESP).

O interesse em fazer parte do projeto de extensão “Preservando e construindo a Memória do Jongo da Serrinha”^{*} surgiu, inicialmente, devido à influência que o jongo teve na reafirmação e resgate da minha identidade. Nasci na cidade de Campinas – SP e durante todo o tempo em que morei naquela cidade, até meus dezenove anos, acreditava não pertencer a mim a identidade afro-brasileira.

Depois de mudar para o Rio de Janeiro, com a entrada na universidade, passei a me reconhecer e assim se fez a necessidade de resgate da identidade que me foi negada até então. Além de me reconciliar com minha imagem, entre outras coisas, surgiu a vontade de buscar onde nasci os lugares que me pertencem, no sentido de compartilhar comigo a ancestralidade.

Descobrir a existência do jongo em minha cidade natal, escolhi passar o vinte de novembro de dois mil e quatorze na Fazenda Roseira, onde se encontra a comunidade de Jongo Dito Ribeiro, foi um evento marcante, onde tive de fato a consciência de ser negra e o jongo estava presente, tendo protagonismo nisso. Neste dia, ouvi jongueiros cantarem o seguinte ponto: “E quando você dança jongo / pisa na tradição / pisa na tradição / E vai firmando a pisada / Pisa na tradição / Pisa na tradição”. Assim surgiu o intuito de conhecer mais o jongo, suas manifestações e particularidades.

Ao compartilhar esta experiência com colegas da universidade, tive conhecimento da pesquisa coordenada pela Prof^a Dr^a Carla Costa Dias sobre o Jongo da Serrinha e ao fazer disciplina de Arte Africana e Afro-brasileira, ministrada por ela, tive a oportunidade de explicitar a vontade de fazer parte da pesquisa.

Passei a acompanhar a pesquisa quando o trabalho já se encontrava bastante desenvolvido. Nos quatro primeiros meses de minha inserção no projeto, mesmo com as reuniões que o grupo costumava fazer semanalmente, foi bastante difícil conhecer o Jongo da Serrinha, quem eram as pessoas envolvidas, sejam os bolsistas, jongueiros, entre outros. Num dado momento, orientados pela professora Carla, fizemos a distribuição de atividades entre o grupo e assim me inseri de fato no projeto ao ficar responsável em transcrever algumas entrevistas feitas com jongueiros e famílias de jongueiros. E foi assim que entrei neste projeto, quase exclusivamente pelos ouvidos.

^{*} Nome do projeto em 2015, tendo mudado em 2016 para “Patrimônio, Identidade e Memória: A Serrinha”.

O primeiro áudio que tive contato foi de Deli Monteiro falando sobre Vovó Maria Joana e fotografias antigas que ela possui. Esta foi a entrevista mais enriquecedora para mim no que se refere à religiosidade presente na figura da Vovó Maria Joana. Antes de ouvir e transcrevê-las eu não tinha conhecimento algum sobre a Serrinha e os personagens desta comunidade jogueira. Desta maneira, a partir das falas de Deli pude construir a figura de Vovó Maria Joana e diversos eventos que ocorreram em sua trajetória. Pude saber sobre ela desde a infância e, de certa maneira, saber por ela.

Deli diversas vezes dizendo estar contando, transmitindo aquilo que sua avó havia lhe contado. A construção de imagens e características não foi apenas relativa às pessoas, mas também ao espaço. Passei a ter conhecimento do terreiro de Vovó Maria Joana.

Outra entrevista que tive contato foi da família do Silas Oliveira, um importante personagem da Serrinha, e surgiu uma grande dificuldade: saber quem eram e quantas eram as pessoas que eu estava ouvindo. As vozes se confundem e tentei criar uma afinidade para reconhecer cada uma delas.

Nesta parte, o que auxiliou na identificação e diferenciação das pessoas foram os vícios de linguagem, o modo de falar. Mas apesar de desejar identificar as vozes corretamente em todos os momentos, admito que em muitos me perdi e existem erros. Isto porque tenho apenas as vozes. Inicialmente não utilizei imagem alguma como referência dos dias das entrevistas, informações sobre a quantidade de pessoas que estavam no local, o nome delas, quem elas são. A partir disso, escolhi identificar as pessoas presentes como a, b, c, d e assim por diante.

A descoberta dos nomes e informações sobre entrevistas foram sendo dadas pouco a pouco, durante as reuniões. Hoje, no entanto, disponho de mais informações do que nos primeiros contatos com os áudios e assim também apresento algumas mudanças na estrutura de transcrições mais recentes.

Desde o começo, ao entrar em contato com as entrevistas, tive dificuldade em compreender algumas palavras, por alguns motivos. Às vezes a dificuldade se encontrava na sonoridade, no tom da voz. Outras vezes estava na falta de afinidade e conhecimento do assunto tratado.

Em especial, no que diz respeito à sonoridade e tom de voz, percebi que algumas vezes não pude compreender palavras chave, que dariam um entendimento mais amplo da memória que estava sendo contada ou de

informações importantes. Um trecho da entrevista feita com Ledair pode exemplificar esta problemática:

Lazir: Te chamar pra ir lá na Serrinha. A gente marca de tomar um café da manhã. Na escola, depois a gente vai tomar uma cervejinha e comer um feijão.

Ledair: Mas, vem cá, onde vai ser inaugurado?

Lazir: A Casa do Jongo.... A Casa do Jongo vai ser na Silas de Oliveira.

Ledai: Hm.

Lazir: Naonde era a.... (Difícil compreensão)

Ledai: Ah, sei, sei, sei. ”

Situações como essa ocorreram muitas vezes. A dificuldade em compreender palavras é algo comum nas transcrições, mas a incompreensão de palavras chave, como o nome de alguém, o nome de um lugar, uma data, o nome de um determinado evento, me frustrou bastante. Como dito anteriormente, através das entrevistas estou tomando conhecimento sobre o Jongo da Serrinha e a dificuldade de compreender algumas informações deixou lacunas na construção dessa memória. Além de lacunas, deixa a curiosidade.

Sobre a questão da falta de conhecimento de assuntos específicos, notei isto no que se refere à umbanda e ao samba. Deli ao contar histórias sobre Vovó Maria Joana, conta muito sobre o terreiro e a trajetória que teve na religião. Para saber do que tratavam termos como “mata virgem” e “tenda espírita”, fiz pesquisas na web. Assim tive conhecimento que o local onde se realiza o culto religioso na umbanda pode ser chamado de tenda espírita e que Mata Virgem se refere a uma entidade, um caboclo, cultuado em diversas religiões, como a umbanda, por exemplo.

Durante a entrevista, Deli fala sobre entidades que eu não tinha conhecimento, por isso surgiam dúvidas sobre o que estava ouvindo, se estava compreendendo bem. Basicamente, todo o tempo em que transcrevo, busco informações ou uma forma de confirmar aquilo que estou ouvindo. E no que diz respeito à umbanda, senti que o jongo estava tecendo mais um ponto, dando caminho para me aproximar e conhecer a religiosidade afro-brasileira.

Os entrevistados relatam muitas histórias sobre o Império Serrano, escola construída por jongueiros e amigos. Em meio aos relatos surgem músicas, nomes de alas, termos usados por carnavalescos. A maior dificuldade

para mim, neste sentido, foi compreender alguns trechos de músicas cantadas pelos entrevistados e por Lazir. Novamente utilizei a web para confirmar o que estava ouvindo ou compreender melhor.

Além disso, também pude perceber as falhas da memória, pois ao cantar A Paz Universal, de Mano Décio, Ledair troca algumas palavras, parece confundir trechos da música.

Na maior parte das entrevistas que transcrevi notei uma voz, além da professora Carla e da bolsista Aline, auxiliando e muitas vezes fazendo entrevista junto com a professora. Na entrevista da família de Silas de Oliveira descobri que era Lazir, ainda assim eu tinha apenas o nome e a voz. No entanto, estive no 1º Encontro de Saberes³, evento que aconteceu na Portelinha, em Madureira e assim que cheguei no local vi duas pessoas com a camiseta do jongo da Serrinha. Uma delas, em especial, acreditei que fosse Lazir. Lembrei das vozes da entrevista e de alguma forma acreditei que a pessoa que estava vendo era a mesma que estava sempre presente nas entrevistas.

Depois de um certo tempo resolvi me apresentar, perguntar o seu nome e com a resposta tive uma confirmação de que realmente era Lazir. Me causou um certo estranhamento pensar como consegui ligar o som de uma voz à um rosto sem ter grandes justificativas para isso. Este acontecimento me fez pensar na força da oralidade, das fontes orais e como elas interagem com nossa subjetividade.

Antes de fazer parte deste projeto, tive contato com teoria e práticas de história oral a partir de uma iniciação científica. Tive contato com leituras de livros que trazem a trajetória da história oral, como Entrevistas: abordagens e usos da História Oral e História Oral e Multidisciplinaridade, de Marieta de Moraes Ferreira. Ao iniciar as transcrições notei a presença de diversas questões que M. M. Ferreira aborda em seus livros. Questões como a memória individual representando e repassando uma memória coletiva (FERREIRA:1994, p. 7), a emoção transmitida pelo entrevistado ao falar sobre alguns assuntos como uma fonte adicional para a pesquisa (FERREIRA:1994, p. 8), entre outras coisas.

Ledair ao contar histórias sobre o Morro da Serrinha, não conta apenas a história do jongo e de sua família. Ela cita mudanças que aconteceram no território, questões sobre segurança e as diferentes vivências no local com o passar do tempo. Para mim, Ledair apresenta uma memória coletiva que vai

para além de sua família, para um processo que ocorreu em diversos morros e periferias do Rio de Janeiro.

Na mesma entrevista, Lazir, que auxilia a professora Carla, mas também faz parte da memória do Jongô da Serrinha, apresenta muita emoção ao saber através de Ledair de figuras que passaram a frequentar a Serrinha após a criação da Escola de Samba Império Serrano. Pensei na hipótese desta emoção explicitar talvez mais uma forma de Lazir estar reconhecendo a importância do feito de seus familiares e a potência daquilo que ela hoje protagoniza para que se mantenha vivo.

A soma dessas experiências e o desenvolvimento de metodologia, bem como a aproximação do Jongô da Serrinha, a partir das entrevistas tem me acrescentado muito. Um acréscimo no sentido acadêmico, de estar pesquisando, desenvolvendo a função de pesquisadora e tendo esta oportunidade dentro de um assunto que toca nas minhas inquietações, como a negritude, os diversos modos de disseminação de saberes, entre outras coisas. A partir disto, sinto-me mais segura para produzir sobre essas temáticas.

Para além disto, há um acréscimo à minha identidade e que novamente se faz numa busca coletiva, no que diz respeito as questões da busca da identidade e da ancestralidade que ao negro é constantemente negada. Resgato a mim, na questão racial, na medida em que ouço diversos personagens e moradores da Serrinha nesta pesquisa dando a oportunidade para que este resgate possa ser feito por aqueles que são do território de Madureira e todos que desejam se aproximar dele.

Ao fim, a vivência neste projeto se fez mais importante e se resume nas palavras sensíveis da prof^a Carla, sobre minha apresentação e da Gabrielle Nascimento na 7^a Semana de Integração da Acadêmica^{*}: encontramos um lugar onde pudemos “ser negras”.

Olhando para o texto hoje

Cerca de seis anos após realizar a escrita deste texto, percebo que os aprendizados e sentidos encontrados durante o período como bolsista do projeto

* Apresentação oral do resumo “Negritude, Identidade e Diáspora Africana: Das Identidades dos Pesquisadores Negros às Identidades e Memórias dos Jongueiros da Serrinha”, de autoria de Gabrielle Nascimento e Mayara Rodrigues Viana.

de extensão coordenado pela professora Carla Dias seguem presentes na minha produção. Hoje, recém-formada e me firmando como artista visual, posso dizer que construir caminhos possíveis para que narrativas que me pertencem e são sistematicamente silenciadas sejam ouvidas, tem sido minha atuação desde que me inseri no projeto. Dessa forma, olhar para este texto hoje é ter a certeza do quão fundamental foi para mim o encontro com jongo e reconhecer sua potência de ampliar horizontes.

Referências

BOY, D. C. *A construção de um centro de memória na Serrinha*. Dissertação de Mestrado. Fundação Getúlio Vargas – Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais. Rio de Janeiro, 2006.

FERREIRA, M. de M. *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1994.

FERREIRA, M. de M. (org). *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: FINEP/Diadorim, 1994.

FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

EU, MULHER NEGRA — DA REPRESENTAÇÃO FOTOGRAFICA DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA À AFIRMAÇÃO DA NEGRITUDE

GABRIELLE NASCIMENTO BATISTA *

* Graduada em História da Arte (UFRJ/EBA). Mestre em História e Teoria da Arte, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFRJ), na linha de Imagem e Cultura. Atualmente, é doutoranda em História da Arte/ Questões das artes não europeias, na Universidade Estadual de Campinas e investiga arte africana. Foi Bolsista PIBIAC 2012; PIBEX 2013-2014; PROEXT 2015-2016.

“Ser negro é tornar-se negro”.

(Neusa Santos Souza, 1983.)



Imagem. Bolsista Gabrielle e as crianças do Jongo da Serrinha, 2012.
Acervo NaPa – Núcleo de Arte, Antropologia e Patrimônio.

Iniciando a conversa

Mulher, negra, mãe, periférica e historiadora da arte graduada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em abril de 2016, são os marcadores sociais da pessoa que escreve, assim como características de um perfil cada vez mais comum de estudante universitário propiciado pela implementação da Lei das Cotas que garantiu o acesso de alunos oriundos de escolas públicas e a reserva de vagas para negros, pardos e indígenas na universidade.

De acordo com um levantamento divulgado pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), o número de alunos negros quase triplicou de 2003 a 2014. E se por um lado a mudança no perfil dos estudantes de graduação representa um passo em

busca de maior igualdade, por outro lado é também um desafio nesse mesmo sentido. Primeiro porque é necessário a manutenção de meios eficientes, tal como auxílio estudantil para evitar a evasão, e segundo porque, em menor número, os negros ainda não somam 10% dos quase 1 milhão de graduandos no país^{*}; além disso, trata-se de um ambiente onde ainda prepondera a presença de professores e pesquisadores brancos.

Dessa forma, esse relato apresenta meu anseio em elaborar um discurso que fale da minha experiência de ser negra numa universidade de ideologias, classes e comportamentos brancos. Procurarei refletir a seguir como se deu a minha entrada nesse universo acadêmico, quais foram os embates ocorridos e a colaboração do projeto de extensão “Construindo as Memórias do Jongo da Serrinha” na demarcação do meu lugar como pesquisadora da arte e da cultura africana e afro-brasileira.

Meu ingresso na UFRJ se deu em 2011 por meio de ações afirmativas, naquele mesmo ano a UFRJ tinha acabado com o vestibular tradicional e passou a fazer o uso da nota do ENEM, destinando 40% das vagas para o Sisu (Sistema de Seleção Unificada). Ou seja, tratava-se de um momento de mudança, onde alunos negros, pobres e periféricos inseriram-se no ensino superior e mudava a cara das universidades públicas brasileiras.

A consciência sobre o sistema racista e classista foi despertada nos embates contínuos com o corpo discente e docente do curso, fazendo-me atentar aos obstáculos e muros sobrepostos que abarcam a desigualdade do país e impõe padrões hegemônicos. Os mais de 300 anos de escravidão definiram o negro como raça e o demarcou como inferior, estipulando seu fenótipo como feio, sua cultura como primitiva e seus desejos sexualizados. E em paralelo, instituiu a brancura como sinônimo de pureza artística, sabedoria científica, belo, progresso, civilização e verdade.

Diante dessa problemática de estar em um país onde mais da metade da população é negra^{**} que, paradoxalmente à ideologia da democracia racial, são os mais afetados com o analfabetismo, desemprego, assassinato, entre

* 32% dos estudantes de universidades federais brasileiras ingressaram por meio de cotas, criadas em 2013. Ainda assim, são menos de 10% dos quase 1 milhão de graduandos. Juntos, negros e pardos já representavam, há dois anos, 47,5% do total de estudantes das universidades federais do Brasil.

** Segundo o IBGE, os negros (pretos e pardos) eram a maioria da população brasileira em 2014, representando 53,6% da população. Os brasileiros que se declararam brancos eram 45,5%.

outros; e de vir de uma das maiores favelas da América Latina, a Rocinha, restava-me decidir que tipo de historiadora da arte eu queria ser, como eu assumiria o meu lugar de fala, qual seria o meu campo de estudo e de que maneira eu atuaria na arte e na cultura sem apagar quem eu era. Era urgente fortalecer minha identidade e buscar outras epistemologias, desconstruindo e descolonizando o conhecimento histórico relacionado ao negro.

Parafraseando Neusa Santos, “Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades” (1983, p. 17-18).

Eu, o projeto e a fotografia

A disciplina de Antropologia e a de História Africana e Afro-brasileira, ambas ministradas pela professora Carla Costa Dias no primeiro e segundo período, contribuíram para tornar ativa minha voz nas minhas lutas e causas, assim como colaboraram com o meu empoderamento. Minha entrada no projeto de extensão aconteceu no início de 2012, em razão do meu interesse pelas pesquisas e atuação da professora Carla, também coordenadora do projeto do Jongô.

Durante os quatro anos de participação, meu trabalho consistiu na digitalização (fotos, documentos, artigos de jornais e revistas, livros, composição de músicas, catálogos, etc), nas transcrições das entrevistas e no registro audiovisual (fotografia e vídeo). Naquele momento eu também estudava fotografia no Ateliê da Imagem (RJ) e pesquisava sobre imagens periféricas, o olhar do estrangeiro* ao lidar com a alteridade frente ao sujeito marginalizado e a elaboração do discurso sobre o Outro. Interessava-me questionar a percepção do olhar do fotógrafo estrangeiro que adentra em um território desconhecido e captura imagens distorcidas à realidade. Eu, como mulher negra e periférica, senti-me muitas vezes violentada por esses

* [...] aquele que não é do lugar, que acabou de chegar, é capaz de ver aquilo que os que lá estão não podem mais perceber. Ele resgata o significado que tinha aquela mitologia. Ele é capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais (PEIXOTO, 1988, p. 363).

olhares, o que me motivou ainda mais a posicionar-me em relação “ao lugar de onde eu falaria” e qual o discurso eu elaboraria no projeto de extensão sobre os jongueiros e moradores da Serrinha.

Entendo que fotografar é escrever com a luz. Como lembra Sontag (2012, p. 14), “fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo.” É portanto uma produção simbólica em que o fotógrafo seleciona, escolhe, esconde, reproduz e divulga os elementos formadores do seu olhar e do repertório do grupo social ao qual pertence. Por isso, essa experiência permitiu-me refletir sobre o processo da elaboração, e da produção de imagens. Fotografar o “outro” sem cair nas armadilhas da falácia etnográfica é um desafio antropológico, e por isso os estudos fotográficos devem vir pautados em leituras, observações e oralidades. No caso das fotografias da Serrinha, o propósito era que o sujeito fotografado tivesse uma maior participação na construção de suas imagens e de suas narrativas e não atuasse como mero objeto de estudo.

Relato a seguir como se deu minha primeira relação com o grupo, na qual julgo um dos momentos mais envolventes do meu processo de aprendizagem, de erros e acertos no ato de fotografar e de trabalhar com imagens.



Imagem. 13 de maio, Serrinha, 2012. Fotografia Gabrielle Nascimento.
Acervo NaPa – Núcleo de Arte, Antropologia e Patrimônio.

Foi no dia 13 de maio de 2012, em um ambiente festivo com feijoada e roda de jongo, que aconteceu a minha primeira experiência fotográfica no projeto. Para os jongueiros, o 13 de maio é uma data especial simbolicamente, pois além de ser o dia da abolição da escravidão no Brasil é também o dia dos Pretos Velhos. Como podemos ver, um dos pontos de jongo cantado pela Tia Maria na abertura da roda, relata essa importância:

“No dia 13 de maio,
cativeiro acabou.
E os escravos gritavam,
liberdade senhor.”

Neste dia fotografei as mãos dadas dos integrantes, os olhos fechados no momento da oração, a chamada feita pela Tia Maria, as palmas, os vestidos rodando, o canto, o sorriso, o olhar das crianças, os pés descalços, as mãos dadas, os visitantes, tudo deveria ser fotografado. Diante de tantas possibilidades que a máquina fotográfica me oferecia, alguns momentos eu optei pelas questões relacionadas à composição da imagem, como enquadramento, fotometria, foco, profundidade de campo e controle do movimento, explorando o máximo possível os recursos da câmera; ou seja, inicialmente minha preocupação era muito mais o pensar esteticamente, já que estava iniciando os meus estudos nessa área. O diálogo entre a técnica e a linguagem foi se dando gradativamente durante as experiências práticas, que me fez aprimorar a autonomia e segurança no ato de fotografar. Da mesma forma, as leituras propostas no grupo de estudo foram essenciais para que eu pudesse analisar e refletir a respeito da construção do conceito que eu deveria optar fotograficamente nos próximos encontros com os jongueiros.

O que é ver? Não se vê com os olhos apenas, olhar exige uma rivalidade e não adesão plena [...] cada visível guarda também uma dobra do invisível, que é preciso desvendar a cada instante e a cada movimento. [...] na construção do olhar há no início, uma ignorância que aos poucos vai se abrindo para as sensações e as relações (NOVAES, 1995).

Sobre a diversidade dos registros fotográficos, capturei imagens de diversas apresentações de jongo, encontros no terreiro da Serrinha, entrevistas, oficinas, rodas de samba, rituais religiosos, procissões, apresentações, entre outros, nas quais foram somadas às demais imagens produzidas pelos coordenadores e alunos do projeto. Outra rica experiência foi o trabalho expositivo fotográfico, onde pela primeira vez entregamos o material realizado por nós, nos dois primeiros anos de atividade.

A seleção, a curadoria e a exposição

Em 2014, principalmente no segundo semestre, os bolsistas estiveram concentrados na inauguração do Terreiro da Tia Eva. Foram organizadas inúmeras reuniões no intuito de promover reflexões, delegar funções e estipular a maneira como cada integrante iria contribuir com a exposição.

O primeiro passo foi fazer um levantamento para que compreendêssemos quem era a Tia Eva* e qual a relevância da mesma para a história do Jongo da Serrinha. As gravações e transcrições de algumas entrevistas, sobretudo, da Deli — filha da Tia Eva — muito contribuíram para o nosso entendimento e avanço nas pesquisas. O uso da oralidade sempre foi importante na metodologia do projeto, pois foi através das conversas que pudemos usufruir de um maior conhecimento a respeito das relações do passado e do presente da história do Jongo da Serrinha.

Minha participação diz respeito a seleção das fotografias, impressão e montagem expositiva. Num total de mais de 2000 imagens (das oficinas, festas, apresentações, encontros e entrevistas), selecionei 80 fotografias para fazer parte do acervo de exposição do lançamento do Terreiro da Tia Eva. Levei em consideração os aspectos técnicos, no que se refere ao enquadramento, foco, luz e composição e também a linguagem fotográfica, contemplando temas importantes para o grupo dos jongueiros e para a parceria estabelecida entre a UFRJ e o Jongo da Serrinha.

* Tia Eva nasceu em 18 de agosto de 1938, na Serrinha. Filha de Vovó Maria Joana e Pedro Monteiro, teve dois filhos, Pedro e Dely. Morava com a mãe. Foi jongueira, sambista e mãe-de-santo. Após a morte da Vovó Maria Joana, Tia Eva herdou a responsabilidade de continuar cuidando e realizando as festas na Tenda Espírita Cabana de Xangô.

Nesse recorte, selecionei fotos das crianças, da Tia Maria, dos dançarinos, dos músicos, dos sambistas, do dia do lançamento do livro, da Tia Ira, dos bolsistas na Serrinha, do Felino e sua esposa, das apresentações no Centro Cultural Justiça Federal, na Casa Sérgio Porto e no Arpoador, com o espetáculo das ciganas, e também fotografias digitalizadas dos acervos individuais dos jongueiros.

A exposição aconteceu no dia 26 de setembro de 2014, na antiga sede do Jongo e reuniu moradores, visitantes externos, jongueiros e sambistas.

Expandindo as fronteiras expositivas

Do dia 19 a 27 de agosto de 2016 foi realizado na cidade de Fortaleza um encontro intelectual – Curta O Gênero – promovido pela Fábrica de Imagens, cujo objetivo era discutir a interseccionalidade entre gênero, raça e classe a partir de seminários, mostra audiovisual, apresentação de teatro e exposição. Com o tema “Descolonizando o Gênero”, a exposição por exemplo tinha por objetivo reunir fotografias que se inserissem nas ideias feministas descoloniais, e refletisse sobre os povos marginalizados e subalternizados, de uma sociedade que simultaneamente é capitalista, eurocêntrica, machista, heterossexista e racista.

Pensando no destaque que as mulheres assumem no Jongo da Serrinha, na ancestralidade matriarcal africana, na figura feminina presente nas memórias do Jongo, desde atuação da Vovó Maria Joana à presença atual da Tia Maria, das mulheres que administram a ONG e o Grupo Artístico, Eu e as bolsistas Aline Santiago e Mayara Rodrigues* resolvemos enviar uma proposta expositiva para o evento.

A partir de 20 imagens fotográficas selecionadas, o intuito era discutir as relações do feminino na favela da Serrinha, os papéis e as relações sociais que essas mulheres desenvolvem ao longo de suas vidas. Mais do que isso, o

* Texto enviado para a exposição com a descrição de quem somos: “Esse projeto fotográfico foi desenvolvido por bolsistas de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mulheres negras, do curso de História da Arte, integrantes do Núcleo de Arte, Antropologia e Patrimônio (NAPA), coordenado pela professora Doutora Carla da Costa Dias e do Coletivo Chama Negra. O objetivo deste projeto é colaborar com a construção do imaginário da Serrinha, na preservação de sua história e no empoderamento de mulheres periféricas.”

desejo era discutir a estética das imagens profissionais e pessoais, estabelecer relações entre elas, e colocar em evidência outros personagens do jongo, do samba e da comunidade da Serrinha.

Nossa proposta foi selecionada juntamente a outros dezoito trabalhos. Baseado na experiência da exposição da Tia Eva, acreditávamos que as fotografias escolhidas por nós contribuiriam para a consciência política e histórica da diversidade racial, para o fortalecimento de identidade, conscientização dos direitos, e para ações educativas de combate ao racismo e às discriminações. Contudo, apesar de várias tentativas de diálogo com a equipe de curadoria da exposição, esta foi desenvolvida de modo arbitrário e apresentada de forma descontextualizada; apenas uma imagem compôs o conjunto das obras expostas no evento, que foi a imagem da Tia Ira.

Surgiu, por minha parte, os seguintes questionamentos: Havia um interesse do curador em saber quem é a Tia Ira e quais narrativas havia por detrás da fotografia selecionada? Se no texto enviado ao evento havia informações sobre o projeto de extensão com as memórias do Jongo, importava-lhes saber sobre a relação dela na história do Jongo da Serrinha? De que maneira a imagem da Tia Ira se comunicava com as outras fotografias? E quais critérios foram adotados para essa escolha? Um critério caricato da mulher negra no imaginário nacional? O símbolo da mãe preta inventado nos discursos nacionais? Ou uma maior possibilidade de reinvenção dos significados iconográficos a partir do olhar do espectador?

Cabe aqui abordar brevemente o que significa um curador e quais são as suas funções, a partir da perspectiva da História da Arte. A palavra “curador” deriva do latim “curatore”, cujo significado é “tutor”, ou seja, “aquele que tem uma administração a seu cuidado”. A tarefa do curador é portanto zelar e administrar os acervos de obras que lhe foram confiados, pensar e elaborar a melhor forma de exibi-las, tendo em vista estratégias que potencializem a proposta do artista e a ampliação dos seus conceitos e poéticas. É um projeto de comunicação e por isso exige do curador um posicionamento político, uma tomada de decisão a respeito de suas crenças e valores. As etiquetas e textos permitem o acesso às obras, e se usados de maneiras corretas, pode sugerir um caminho de leitura ao espectador, deixando claro que se trata apenas de uma possibilidade entre muitas outras.

No entanto, a fotografia da Tia Ira, assim como todas as outras, estava exposta sem nenhuma contextualização. Enfim, houve uma crença que o

evento contribuiria para a valorização da pluralidade sociocultural brasileira e colocaria em evidência os atores da história do jongo, dando voz a eles. Ou somente a Tia Ira, ainda que fosse, ao contrário do que aconteceu. Na exposição a foto tratava-se apenas da representação de uma mulher silenciada identitariamente, reforçando clichês e obscurecendo a história do povo negro. Era como as narrativas nas quais eu lutava para desconstruir, tal como os discursos dos fotógrafos que invadem o território que eu moro (Rocinha) e capturam imagens perversas dos moradores, colaborando em reforçar preconceitos de cor e de classe.

Militar a favor da valorização da identidade negra é interrogar os lugares de poder e do saber, é desconstruir os olhares e as narrativas discriminatórias, é reconstruir as histórias silenciadas, as subjetividades reprimidas e os saberes subalternizados. Levo comigo essa lição.



Imagem. Exposição Descolonizando o Gênero, Fortaleza, 2016.
Fotografia Gabrielle Nascimento, acervo NaPa– Núcleo de Arte, Antropologia e Patrimônio.

Conclusão

Vou caminhar que o mundo gira,
vou caminhar que o mundo gira.
Gira meu povo.

A participação no projeto contribuiu muito para a minha formação intelectual e, principalmente, acadêmica. As discussões teóricas da Antropologia têm sido a base da minha perspectiva como pesquisadora no que concerne à

preservação de práticas culturais ameaçadas, nas interpretações das narrativas visuais e na compreensão das memórias e histórias compartilhadas. Por outro lado, essas práticas fotográficas vivenciadas na extensão cooperaram com a minha concepção a respeito da identidade de um indivíduo, da consciência de pertencimento a um grupo e nas relações que se dá entre esses membros.

Como historiadora da arte, atualmente minhas pautas de estudo vão desde a representação do negro até a defesa do uso do cabelo crespo como instrumento de ato político, os problemas de opressão racial, silenciamento, embranquecimento e genocídio. As imagens como testemunho histórico, desde as aquarelas do século XIX até as imagens midiáticas na reafirmação de estereótipos do negro, são provas de como a cor da pele foi (e continua sendo) determinante das experiências pelas quais as pessoas passam. A luta é para que tenhamos o acesso a espaços monopolizados pela classe mais privilegiada e possamos assim fazer uso dos instrumentos acadêmicos que possibilitam a mobilidade social e a afirmação da identidade negra.

Por fim, gostaria de destacar que o grande desafio e principal objetivo é a “conquista” do nosso lugar no ensino superior. Desejo faculdades mais plurais, inclusivas e coloridas. Que haja mais projetos de extensão que possibilitem a integração dos alunos negros. Desejo ver empoderados todos os negros universitários e aqui, em especial, os negros das artes.

Referências

AMADO, J. e FERREIRA, M. de M. (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

BARTHES, R. *A Câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BOY, D. C. *A construção do Centro de Memória da Serrinha*. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2139/CPDOC2006DyonneChavesBoy.pdf?sequence=19>>. Acesso em: 15 out. 2016.

CHIODETTO, E. *Curadoria em fotografia: da pesquisa à exposição*. São Paulo: Prata Design, 2013.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Â. de C. (org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, N. L. *Cultura Negra e educação*. *Rev. Bras. Educ.*, Ago 2003, n. 23, p. 75-85.

HALL, S. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

IPHAN. Dossiê Jongo no Sudeste. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/59>> Acesso em: 10 out. 2016.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus Identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NOVAES, A. *Evgen Bavcar. Não se vê com os olhos*. Cadernos de Memória Cultural-RJ. Museu da República, 1995.

PEIXOTO, N. B. *O olhar do estrangeiro*. In.: O olhar. NOVAES, Adauto (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

QUIJANO, A. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANSONE, L. *Negritude sem etnicidade*. Salvador: Edufba, 2003.

SONTAG, S. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

SOUZA, N. S. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

VALENÇA, R. T.; VALENÇA, S. S. *Serra, Serrano, Serrinha: O império do samba*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

SERRA DOS MEUS SONHOS DOURADOS: CONSTRUÇÃO E PRESERVAÇÃO COLETIVA DE MEMÓRIAS AFETIVAS NA FAVELA DA SERRINHA EM MADUREIRA

DEISE PIMENTA*

* Assistente Social ESS/ UFRJ (2016); Especialista em Políticas Públicas e Movimentos Sociais pelo NEPP-DH/ UFRJ (2019); Mestranda no PPGSS/ ESS pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2020).

Nada poderá me afastar do que sou o amor é o meu ambiente
Nada poderá me afastar do que eu sou me deixa, por favor,
Do bom samba sou escravo seu fascínio me apertou
Traçou-me este destino e meu sonho
menino se concretizou.

(Dona Ivone Lara – Minha Verdade)

Meu nome é Deise Pimenta, sou paraense e estou morando no Rio de Janeiro há dez anos, cheguei a esta cidade, purgatório da beleza e do caos, em 2006 no mês de Agosto. Minha decisão de vir para o Estado do Rio está diretamente ligada a uma vaga para trabalhar como empregada doméstica. A proposta foi aceita e em 2006 passei a trabalhar e morar no local de trabalho como doméstica. Após dois anos na dura rotina de empregada doméstica, resolvi me matricular num pré-vestibular comunitário da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Dentro de um ano de estudos no pré-vestibular, minha trajetória havia tomado outros rumos, sonhava com uma vaga na universidade pública, mesmo com todas as dificuldades impostas pelo fato de continuar trabalhando como doméstica, tinha pouco tempo para dedicar-me aos estudos. Assim, consegui passar para uma vaga em Serviço Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Entrei na universidade no período de 2009/2, tudo era uma grande descoberta, as aulas, os colegas, a realidade diferenciada e distante da minha realidade, o campus onde estudei (Urca, Praia Vermelha). Assim que assumi a vaga no curso de Serviço Social, também consegui uma vaga na residência estudantil – o alojamento da UFRJ, como popularmente é conhecido entre a comunidade acadêmica.

Como estudante oriunda das classes populares, enfrentei algumas dificuldades para conseguir manter-me estudando, a assistência estudantil à época estava começando a ser estruturada a partir de um plano de política estudantil. Logo que pude engajei-me na luta política pelo Movimento Nacional de Casas de Estudantes (MCE), na luta por condições de permanência digna para os estudantes presentes na universidade, durante toda essa ebulição da movimentada vida acadêmica e militante fui levada a conhecer o programa de extensão universitária da UFRJ e com isso a possibilidade de pleitear uma bolsa.

Desta feita, tive o privilégio de passar para algumas seleções para ser uma estudante extensionista, um acontecimento tão grandioso quanto passar no vestibular. Particpei de inúmeros projetos extensionistas voltados para o tema dos direitos humanos, educação e habitação, em alguns deles tive a honra de receber o reconhecimento através de “menções honrosas” entregues pela reitoria da universidade aos trabalhos que se destacam no congresso anual de extensão da UFRJ.

Era um mundo novo de aprendizados profundos e compreensão do papel da universidade pública e a necessidade de articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Neste sentido, compreendi, a partir das vivências no campus como moradora da residência estudantil e fora das universidades, a função estabelecida para a extensão universitária no Plano Nacional de extensão:

Sua função básica de produção e de socialização do conhecimento visando à intervenção, na realidade, possibilita acordos e ação coletiva entre universidade e população. [...] sinalizando para uma universidade voltada para os problemas sociais com o objetivo de encontrar soluções através da pesquisa básica e aplicada, visando realimentar o processo ensino aprendizagem como um todo intervindo na realidade concreta (2001, p. 5).

Sendo assim, no ano de 2013 particpei de uma seleção na Escola de Serviço Social mediada pela professora e antropóloga Andrea Moraes, que oferecia uma bolsa para participar de um projeto intitulado “Construindo e Preservando a memória na Casa do Jongo da Serrinha”, projeto este ligado à Escola de Belas Artes em parceria com a EEFD e ESS. Tratava-se de uma rica oportunidade de conhecer a favela da Serrinha e seus moradores, conhecidos e reconhecidos pela grande resistência de uma comunidade jogueira centenária.

Além disso, é o território que serviu de berço para uma das escolas de samba mais tradicionais do Rio de Janeiro – O Império Serrano, fundado em 1947 por trabalhadores da estiva e organizados no sindicato da resistência, entre eles Mestre Fuleiro, Mestre Aniceto e Mestre Molequinho. Outros personagens também participaram da criação da escola de samba, tais como Vovó Maria Joana, umbandista, mãe de santo, rezadeira, parteira, Dona Ivone Lara, Tia Eulália, Tia Maria do Jongo.

Minha inserção no território da favela da Serrinha se deu no ano de 2013, num primeiro momento fomos convidadas pelas coordenadoras do projeto a acompanhar as atividades que eram desenvolvidas na escola do jongo, local hoje conhecido como Terreiro da Tia Eva, onde eram oferecidas aulas diversas para crianças moradoras da favela. Assim pude assistir e fazer algumas sistematizações e registros fotográficos a partir da metodologia de observação participante das aulas de cavaquinho, cultura popular, percussão, canto, artes plásticas e de jongo.

Após alguns meses de vivências diárias ao lado das crianças e professores tivemos a oportunidade de ser convidadas a comparecer a uma feijoada na casa de Tia Maria do Jongo, matriarca do jongo da Serrinha, na época com 93 anos. Uma mulher que participou da vida cultural da favela da Serrinha e inspira toda uma geração de sambistas, jongueiros e amantes ouvintes de uma boa História com letra maiúscula, um verdadeiro tesouro centenário, pessoa encantadora e acolhedora.

Quando chegamos ao local, situado no alto da favela da Serrinha, próximo à Grota havia um grupo de pessoas sentadas à mesa, outras estavam se deliciando com a feijoada, havia crianças que brincavam alegremente e procuravam a companhia da Tia Maria e outras cantando sambas antigos da Escola de Samba Império Serrano. A atmosfera era de alegria e de festa, de repente pensei: que lugar incrível para se aprender e ficar junto das pessoas que fazem este lugar ser maravilhoso. Senti-me em casa e resolvi ficar e aprender.

Dentre as memórias afetivas que guardo daquele dia está à alegria de ver as pessoas dançando e cantando o jongo, umas batiam palmas e respondiam com entusiasmo o refrão, tudo era aprendido, o respeito aos mais velhos presentes, a dança, os passos, a favela estava em festa. Um samba enredo do Império Serrano ficou gravado na minha memória, o título é “Império tocar reunir” de composição de Mano Décio da Viola, era Tia Maria quem cantava em primeira voz, como uma cabrocha, assim:

Vem, vem ouvir
O império tocou reunir
Vem, vem ouvir
O império tocou reunir
Não fique assim desanimada
Seu amor vai dizer
Que você é uma louca apaixonada

Não se deixe dominar
Que o amor é uma ilusão
Que não vale nada
Ao invés de você chorar
Vem cantar até chegar a madrugada
*Eu quero lhe ver cantando
Sorrindo e sambando
Pra esquecer essa paixão
Que domina seu coração*
É triste você sentir uma dor
*Quando alguém
Vem sorrir do seu amor.*



Imagem. Deise Pimenta 2013.

A convivência com personagens históricos e as possibilidades de ouvir as histórias dos jongueiros mais velhos que começaram a tradição, os fundadores da escola de samba Império Serrano, as idas a cada encontro planejado para festejar o lugar e as pessoas do território me encantaram de tal forma que cada dia essa convivência criava laços afetivos com a favela e com os jongueiros. Tia Maria do Jongo carinhosamente deu-me o apelido de “pimenta” por conta do meu sobrenome, até hoje as pessoas me chamam assim, sinto-me querida e respeitada.

Neste sentido, a extensão universitária nos possibilitou conhecer a realidade da favela e também acompanhar a convite dos coordenadores da Escola do Jongo um projeto que consistia levar o grupo de Jongo às escolas municipais para apresentação de jongo e contações de histórias para crianças de escolas públicas. No total visitamos 16 escolas ao redor da grande Madureira e em outros bairros do Rio de Janeiro.

Duas dessas dezesseis escolas se localizam fora do município do Rio de Janeiro, especificamente no Quilombo São José na região de Vassouras e também no Quilombo Bracuí, na região da costa verde do Estado do Rio.



Imagem. Tia Maria e Tio Manezinho Deise Pimenta 2015.

Após acompanhar o grupo de jongo nessas atividades nas escolas pude apreender similaridades e diferenças entre as comunidades jongueiras que visitamos, pois nestes dois quilombos: Santa Rita Bracuí (Angra dos Reis) e o São José (Vassouras), eles cantam e dançam o jongo. Uma diversidade maravilhosa e rica de detalhes a maneira que tais populações tradicionais preservam suas raízes a pesar edos tempos de escravização. Foi uma experiência extraordinária, conhecer as comunidades dos remanescentes de quilombolas e poder conviver com tanta cultura e memória viva.

Quando retornamos, recebemos o convite para assumir uma vaga no quadro de professores da escola de jongo, começava outra oportunidade para novos aprendizados, como bolsista extensionista assumimos uma oficina com as crianças. Nesta ação éramos supervisionados por professoras que nos orientavam na preparação e desenvolvimento dos planos de aulas. Desenvolvemos essas atividades de 2014 até meados de 2015, após essa ação algumas mudanças aconteceram, o grupo de Jongo conseguiu um espaço maior para desenvolver as atividades junto às crianças.

Tratava-se de um espaço público que pertence à prefeitura do Rio de Janeiro. A prefeitura reformou e concedeu o uso do espaço ao Grupo Cultural Jongo da Serrinha. Então, em novembro de 2015 o espaço cultural Casa do Jongo da Serrinha foi inaugurado e as atividades passaram a ser desenvolvidas na casa. Nós acompanhamos e participamos ativamente do processo de mudança de sede, já acomodados em novo espaço também desenvolvemos atividades com as crianças em parceria com outra bolsista extensionista de artes plásticas.

Neste sentido, existem experiências que transformam nossa maneira de enxergar certas situações que se repetem no cotidiano. Lembro-me das primeiras vezes que subi a Serrinha, tudo era muito novo e diferente das favelas por onde já havia atuado. A Serrinha tinha seus prazeres, muito por conta da magia que o jongo traz, especialmente pelas figuras vivas e as que estão eternizadas em canções que enaltecem a *“serra dos meus sonhos dourados”*.

Estou há quase dois anos em contato uma vez por semana com o cotidiano das crianças e do desenrolar da vida na favela da Serrinha. Ocupo uma vaga de professora na Escola de Jongo e posso apreender mais dos alunos que assistem às minhas aulas. De início houve certo estranhamento por parte das crianças, afinal algumas mudanças ocorreram na escola, como a saída de duas bolsistas que trabalhavam há bastante tempo com as crianças. Eu era a novata e como tudo que é novo é estranho e depois de um tempo deixar de ser, ocorreu também das crianças me acolherem com carinho.

No cotidiano da Serrinha aquelas crianças tiravam um momento de seu dia para estar presente nas aulas que preparei com muita empolgação e desejo que eles gostassem. Dessa forma, tudo foi se encaixando, a participação das crianças nas atividades fez com que nós nos conhecêssemos, nossas aulas, sempre com atividades lúdicas, os deixavam muito à vontade para falarem de si, de seus familiares, da realidade vivenciada por cada um deles. Assim,

essa relação de confiança que nós construímos ao longo desse tempo juntos nos deu elementos ricos para pensar o território da Serrinha junto da riqueza dos sujeitos que ali habitam.

Dito isto, sempre que subo a Rua Silas de Oliveira, faço um esforço de tentar remontar cenas antigas de documentários disponíveis em acervos públicos e que falam da Serrinha. Penso no Mestre Aniceto improvisando no partido alto, Mano Décio da Viola, Mestre Darcy tocando seus tambores, Vovó Maria Joana e sua fé, Beto sem braço e seu cantarolar sobre o cotidiano dali. Todo esse pessoal reunido e jongando e cantando e sambando. Essa é a Serrinha dos sonhos dourados cantarolado em poema e verso pela imperiana e serrana, Dona Ivone Lara.

Minha imaginação enquanto subo a Rua Mestre Silas é “*interrompida*” por uma cena corriqueira na serrinha de hoje: Um menino do tráfico que estava de plantão na guarita (vigia) recebe de outro adolescente uma sacola com uma marmita com seu almoço e retorna a seu posto, “*tudo tranquilo*”, meus pensamentos agora estão voltados para aquela cena que acabei de assistir, pois faz parte da vida cotidiana da Serrinha o tráfico de drogas e seus armamentos pesados. Outra cena que não esqueço é meninos de até 14/15 anos em grupo, todos armados de fuzis, cena que ainda não tinha presenciado em outras favelas ocupadas pelo tráfico.

A questão da violência produzida na relação do Estado com o tráfico de drogas (facções) e em territórios de favela se espriam na vida cotidiana das pessoas que moram no local, ainda que elas não possuam “*envolvimento*” com facções criminosas. Um exemplo disto é o fato de que quando ocorre invasão do Bope no morro, milhares de crianças da rede pública de ensino ficam sem poder assistir aula, ou mesmo eu que não moro na Serrinha, em um dia após a aula ao descer o morro, encontro com o “*Caveirão*”, *veículo* blindado da Secretaria de Segurança do Estado Rio de Janeiro, que carrega oito policiais, cada um com um fuzil, subindo a ladeira.

No desespero peço auxílio a uma senhora que regava suas plantas, por sorte minha, ela se solidarizou e me deixou entrar. Essa é uma fração do cotidiano do Morro da Serrinha, hoje sitiado por uma violência legitimada pelo Estado Democrático de Direito. Assim, este mesmo cotidiano violento do território é refletido nas falas e no comportamento das crianças que recebi em minhas aulas, seja pela memória de algum familiar que foi vítima de bala perdida, ou histórias de abusos e destrato por parte dos policiais militares.

O tráfico e seus agentes tentam seduzir estes meninos, seja pelo poder de segurar uma arma, andar de motos com a cintura cheia de pentes de munições carregados. Os valores oferecidos em troca de pequenos serviços (comprar comida para os soldados do tráfico), essa realidade é conhecida e verbalizada por alguns adolescentes que frequentam esporadicamente nossas aulas. Certa vez dois deles nos disseram que iriam “*comprar uma arma*” pra dar tiro e descer para Madureira. Sabíamos que não eram reais suas falas, mas num tom de provocação nos chamavam a atenção para a realidade que cerca crianças e adolescentes de perto no Morro da Serrinha.

Mas, como o cotidiano é apenas uma fração da vida, existem outras dimensões que nós podemos lançar mão para mediar nossa vivência dentro de territórios de favela com legados históricos, políticos e culturais gestados pela resistência de atores políticos locais. Neste sentido, Deli Monteiro é um desses sujeitos, neta de Vovó Maria Joana e filha de Tia Eva Monteiro, sobrinha de Mestre Darcy do Jongô, uma das herdeiras do axé da Serrinha, jogueira, pessoa iluminada nos fez o convite surpreendente para que eu a acompanhasse até a Pedra de Xangô onde a mesma iria ofertar a Xangô antes de uma viagem.

De imediato fiquei extremamente lisonjeada e prontamente aceitei o convite, assim uma terça-feira, como de costume subi a balaiada para dar aula, tudo ocorreu como de costume e por volta das 14hs Deli me chamou para subirmos além das escadarias da balaiada, berço do Glorioso Império Serrano. Na ladeira da balaiada também fica localizado o Terreiro de Umbanda Cabana de Xangô, o qual a Vovó Maria Joana era quem zelava, hoje serve de residência para Deli Monteiro, sua neta.

Por volta de 14hs, eu e Deli começamos a subir as escadarias, Deli carregava a comida de Xangô, e me deu para carregar uma vela e uma cachaça preta, e assim caminhávamos. O cenário vai mudando aos primeiros passos, observamos muitas casas grandes acima da escadaria, eu que sempre pensei que não havia muita coisa além das escadas, ficávamos na escola de jongo mais abaixo.

A descrição do cenário à primeira vista não é das mais empolgantes. Passamos pela “*fortaleza do tráfico*”, uma construção que imita um castelo medieval, ao lado de fora uma muralha, churrasqueira e um rapaz que sentado aguarda um menino que traz uma marmita e sobe logo atrás de nós, o mesmo entrega a marmita e torna descer. Seguindo caminho, passamos pela

antiga sede do Jongo da Serrinha que fora tomada/ocupada pelo tráfico. A construção é grande e com muitos espelhos, porém o cenário é de pós-guerra.

Neste local há escombros na casa e na quadra em frente. Há um buraco enorme na parede da casa, não há ninguém em seu interior, apenas abandono. Quando seguimos mais adiante, eu avisto dois garotos segurando uma espécie de cano (ferro) que imita um fuzil. Os dois meninos apontam a arma de brinquedo em nossa direção. Quando nos reconhecem, abaixam a arma de brinquedo e gritam: “*é a tia da escola*”, pensei comigo é a violência que os cerca de perto. Os meninos nos seguiram perguntando se nós iríamos à Pedra de Xangô, respondemos que sim.

De repente apareceram outros quatro alunos que se juntam aos outros e seguem em caravana para o que eles disseram ser a piscina, um tipo de local onde eles podiam se banhar. Os meninos diziam: “*Tia, eu moro bem ali ó naquela casa ali*” e “*minha casa é aqui tia*”. Eu respondia que sim, que eu estava vendo. Ainda sobre o cenário, o local onde os meninos disseram que ficavam suas casas, era bem próximo à antiga sede do jongo.

Hoje o lugar serve de estábulo para os animais do traficante que é o “*dono do morro*”. Existem muitos animais amarrados atrás da sede: cavalos, jegues, jumentos, bodes, cabritos, galinha d’angola, patos, tudo isso em meio a um odor fortíssimo de fezes e urina desses animais. O terreno é íngreme e possui uma área verde bastante conservada, embora haja lixo acumulado nas áreas onde os animais ficam presos. Existem muitas famílias habitando ali também, são casebres, alguns são de madeira.

Caminhando ainda um pouco mais chegamos à esperada pedra de Xangô. A primeira coisa que se vê ao entrar no lugar é um trono de pedra de uns 15 metros de altura. A imponência do lugar me arrepia o corpo. Pergunto a Deli se aquele trono foi construído, ela responde que não que o mesmo é de pedra maciça e natural. Sua avó Maria Joana foi quem encontrou o trono em uma de suas caminhadas mata adentro para ofertar a Xangô e que desde então aquele lugar é cuidado por quem é adepto das religiões de matriz afro.

Atrás do trono existe uma enorme mata verde de galhos que mais parecem ramos de flores. Quando olho para o horizonte (mirante de onde se pode ver toda a Serrinha/Madureira, avisto um bellissimo pavão azul de quase meio metro de altura, a visitação estava chegando ao fim, mas a sensação que tive foi a de reviver coisas que eu não vivi no território da Serrinha. Há uma magia no lugar, me refiro à fé e à devoção, ao jongo, aos partideiros,

aos pretos e pretas velhas, ao samba, a Tia Ira rezadeira, à solidariedade e valores jongueiros.

Existe um rei que habita ali naquele trono imponente, existem guardiões espirituais de toda a cultura construída pelos que já se foram e preservada pelos que estão na luta cotidiana na favela. Essa experiência inspirou-me a olhar para além do que meus olhos alcançam a violência armada local e policial, os perigos a que estão expostas a juventude e todos moradores da favela, pois acredito que é desta forma que os sujeitos que vivem ali aos pés de Xangô o fazem para seguir adiante do amanhã.

Sou grata à favela da Serrinha representada em seus moradores ilustres (*In memorian*): Vovó Maria Joana, Mestre Darcy do Jongo, Tia Eva, Tia Eulália, Mestre Fuleiro, Mestre Mulequinho, Mano Décio da Viola, Silas de Oliveira, Mestre Aniceto do Império, Tio Hélio, Saravá. Aos vivos e atuantes: Tia Maria do Jongo, Tia Ira (rezadeira), Suellen Tavares, Deli Monteiro, Luiza Marmello, Lazir Sinval, Anderson Vilmar, Andrea França, Brayon, Dona Eliana, Ivo Oliveira. Meus agradecimentos à instituição ONG Grupo Cultural Jongo da Serrinha pelo carinho e confiança que encontrei em todas as pessoas.

Agradeço também aos envolvidos no Programa de Extensão Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro, aos coordenadores do projeto de extensão “Preservando Construindo a memória no Jongo da Serrinha” professores: Carla Dias, Andrea Moraes, Renato Barreto e os colegas bolsistas que tive o prazer de conviver e aprender. Hoje sou Assistente Social formada pela UFRJ e afirmo que o papel da extensão da universidade pública é nos formar cidadãos e sermos atuantes no que prima à extensão universitária: estender-se ao outro para construções de pontes entre saberes que gerem mudanças reais na sociedade.

“Por fim, como nos disse o intelectual e militante do campo da cultura, aquele que “toma partido”: Antônio Gramsci:” *contra pessimismo da razão o otimismo da vontade*”, e neste quesito vontade a Serrinha e seus encantos tem de sobra. Que a universidade pública seja referenciada pela possibilidade da transformação da realidade, que as parcerias sejam forjadas na necessidade de resistência dos e pelos sujeitos que lutam e ressignificam o lugar onde suas raízes estão plantadas.

Saravá!



Imagem. Deise Pimenta 2015.

Texto escrito em 2015 e editado em 2021

Meu nome é Deise Pimenta sou Assistente Social formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016); Especialista em Movimentos Sociais pelo Núcleo de Políticas Públicas em Direitos Humanos NEPP-DH /UFRJ (2019); e Mestranda no PPGSS/UFRJ (2020). Escrevemos este texto há cinco anos, e ao revisitarmos a escrita ao mesmo tempo somos invadidos por inúmeros sentimentos, entre eles o de saudades e alegria por termos partilhado momentos de aprendizados mútuos juntamente com os sujeitos históricos da Serrinha.

Ao revisitarmos tais memórias, inevitavelmente somos invadidos pela saudade dos nossos encontros, experiência esta que nos marca profundamente, tal qual um jongo cantado por nossa grande Matriarca do Jongo Tia Maria do Jongo que nos deixa no ano de 2019 ao longo de seus 98 anos, grande parte deles dedicado ao samba, ao seu menino de 47 – Glorioso Império Serrano, assim como o Jongo. Tia Maria parte e deixa um grande legado para a comunidade em geral, sobretudo para os jovens que a tinham como um tesouro centenário jongueiro, nossos respeitos e honra Tia Maria Saravá Jongueira Velha.

Por fim, reiteramos a máxima defesa da educação pública universitária e o tripé que a sustenta: ensino, pesquisa e extensão, pois acreditamos que o espaço de formação da pesquisa e extensão universitária seja uma escolha político teórico e prática para transformação social. Importante frisar o fato de que revisamos tais memórias e ações realizadas há cinco anos (2016) em meio a Pandemia do COVID-19 (2020-2021), e com isso, quase dois anos de isolamento social, muitas vidas perdidas para o vírus por descaso e falta de investimento em pesquisa.

Em tempo, salve a Serrinha sua juventude preta viva e produtora de vida em seus territórios, salve jongueiros novos e velhos, salve a Universidade Pública. Nossos agradecimentos a todas e todos que encontramos ao longo de quatro anos de atuação no território da Serrinha pelo projeto Preservando a Memória do Jongo da Serrinha, à todas companheiras e companheiros dessa experiência incrível transformadora e de encontros ancestrais Axé, Saravá!

Referências

APPADURAI, A; BRECKENRIDGE, C. A. Museus são Bons para Pensar: O patrimônio em cena na Índia. MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia, n. 3, 2007. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museu e Centros Culturais, 2007.

ARRUTI, J. M. A. Mocambo: Antropologia e História do processo de formação quilombola. Bauru: EdUsc, 2006.

BARBOSA, A. M. A imagem do ensino da arte: anos oitenta e novos tempos: São Paulo, Perspectiva, 2005.

BROUGERE, G. Brinquedo e cultura. São Paulo: Cortez, 1995

BECKER, H. S. Arte como ação coletiva in: Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

BENJAMIN, W. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas cidades, Editora 34, 2002.

BOY, D. C. A Construção de um centro e memória na Serrinha. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais). FGV, Rio de Janeiro, 2006.

CASTELLS, M. O poder da identidade: a era da informação, economia, sociedade e Cultura. 2v. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CLIFFORD, J. A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

DIAS, C. Panela de Barro Preta: a tradição das paneleiras de Goiabeiras. Rio de Janeiro: Mauad X. 2006.

DAUSTER, T. Um outro olhar: entre a antropologia e a educação. In: *Antropologia e Educação – Interfaces do ensino e da pesquisa*. Caderno Cedes. n. 43. Campinas: Centro de Estudos e Sociedade, 1997.

PASSOS, M. C. O jongo, o jogo, a ong: um estudo etnográfico sobre transmissão da prática cultural do jongo entre dois grupos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Departamento de Pós – Graduação em educação da PUC-Rio, 2004. (Tese de Doutorado)

PIMENTA, D. Relatos de Experiências de ensino na escola de Jongo da Serrinha (Madureira/RJ) In: Plano Nacional de Extensão Universitária – Coleção Extensão Universitária – FORPROEX, vol.1 In: http://www.renexus.org.br/Index.php?option=com_contentview=articleid=45&Itemid=20 – 01 de novembro de 2016

Proposta de Plano Quinquenal de Desenvolvimento para a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Série UFRJ. Debate. Setor de Mídia Imprensa Institucional de Acessória e de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, março de 2006.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa, São Paulo, Paz e terra, 1996.

GEERTZ, C. A arte como um sistema cultural. In: *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIL, J. Movimento total: o corpo e a dança. Lisboa: Relógio d'água, 2001.

GANDRA, E. *Jongo da Serrinha: do terreiro aos palcos*. Rio de Janeiro: Giorgio Gráfica e Editor, 1995.

KISHIMOTO, T. (org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 1996.

SOMÉ, S. *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos*. São Paulo: Odysseus, 2013.

UMA REVERÊNCIA À RODA

ANALICE PARON*

* Fotógrafa, jornalista, graduada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestranda em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

A experiência*

A experiência fotográfica no Projeto de Extensão do Jongo da Serrinha se apresentou para mim, enquanto aluna, a partir de um recorte duplo: em um primeiro momento, a preocupação era desenvolver um olhar que fosse capaz de registrar a expressão artística, a dança e o jongo em si. O interesse foi investigar como essa manifestação cultural se apresenta enquanto imagem. A segunda preocupação foi pensar a história do Jongo da Serrinha, como a comunidade nasceu e como as rodas de Mestre Darcy se organizaram.

Em relação à experiência do olhar, vou trazer esse relato de um ponto de vista muito pessoal, das percepções que fui aprendendo durante o trabalho de campo. A partir disso, entendi que a fotografia pode ser considerada parte daquele contexto. Esse ponto pode ser percebido quando observamos a importância do registro das fotos de família e o seu valor enquanto forma de construir e colaborar para o fortalecimento de referências históricas e afetivas da dança.

Sobre esse ponto, apresento as ideias de Susan Sontag, pesquisadora de imagens, sobre a relação entre fotografia e construção familiar. Susan aborda uma maneira possível de ler e entender a função social desses registros dentro de uma sociedade. No nosso caso, é possível usar seu pensamento para teorizar os arquivos íntimos dos personagens jogueiros dentro do projeto de extensão.

Por meio de fotos, cada família constrói uma crônica visual de si mesma – um conjunto portátil de imagens que dá testemunho da sua coesão. Pouco importam as atividades fotografadas, contanto que as fotos sejam tiradas e estimadas. A fotografia se torna um rito da vida em família exatamente quando, nos países em industrialização na Europa e na América, a própria instituição da família começa a sofrer uma reformulação radical. Ao mesmo tempo que essa unidade claustrofóbica, a família nuclear, era talhada de um bloco familiar muito maior, a fotografia se desenvolvia para celebrar, e reafirmar simbolicamente, a continuidade ameaçada e a decrescente amplitude da vida familiar. Esses vestígios espectrais, as fotos, equivalem à presença simbólica dos pais que debandaram. Um álbum de fotos de família é, em geral, um álbum sobre a

* Texto escrito em 2016 e editado em 2021

família ampliada – muitas vezes, tudo o que dela resta (SONTAG, 2004, p. 19).

Ainda que o foco desse texto não seja uma análise sobre o papel da fotografia nas relações familiares do Jongo, acredito ser importante apresentar essa perspectiva, pois demonstra o caráter íntimo da pesquisa que foi desenvolvida. A investigação dos arquivos relacionados aos personagens do Jongo entrou na vida de cada um deles, procurou entender as histórias íntimas para chegar a uma maior compreensão sobre a história dessa manifestação cultural em Madureira, Zona Norte carioca.



De certa forma, o que gostaria de fazer nessas páginas é traçar uma determinada trajetória íntima, uma pequena história pessoal que possa colaborar para refletir sobre a fotografia dentro desse projeto. É importante destacar que outros colegas do projeto fotografaram e produziram arquivos de imagem e vídeo para a pesquisa. Assinamos esse material de maneira coletiva e encaramos nosso trabalho dessa maneira. Porém, gostaria de compartilhar um pouco sobre a minha experiência enquanto fotógrafa e como isso transformou os rumos da minha fotografia.

Por essa razão, o presente texto assume um caráter mais particular e reflexivo sobre 1 ano e 8 meses de trabalho. Período no qual pude ter contato

com mais de 50 horas de gravações audiovisuais, assim como arquivos de texto, PDF, transcrições, digitalizações, tabelas, apresentações de data show, clippings sobre o Jongo da Serrinha. Além de ter gravado e fotografado diferentes eventos do grupo artístico da comunidade.

Quando fui chamada para integrar a equipe de alunos da Escola de Belas Artes no Projeto de Extensão *Construindo e Preservando a Memória do Jongo da Serrinha*, o meu único foco era fotografar um acontecimento que eu jamais tinha visto. Portanto, mais do que a pesquisa acadêmica, uma certa curiosidade jornalística acompanhava a câmera no dia 23 de maio de 2014.

A primeira vez que fotografei o Jongo e que testemunhei uma roda foi no dia em que o grupo da Serrinha fez uma apresentação em homenagem ao povo cigano. Dia 24 de maio é o dia da Santa Sara Kali, padroeira dos ciganos. O show fazia parte de um projeto apoiado pela prefeitura que percorreu a cidade com diversas rodas. Nesse dia, essa leva de apresentações foi encerrada em Ipanema, local onde há uma espécie de santuário para a santa. Os dançarinos procuraram homenagear essa cultura através de uma apresentação na qual rezavam aos ancestrais e dançavam músicas com inspirações ciganas.

Logo, as primeiras imagens que tive foram resultado de uma mistura de influências culturais e étnicas. Percebi que o meu olhar estava ansioso por movimentos da dança, que queria captar os movimentos dos corpos, ao mesmo tempo que não sabia para onde apontar a câmera. Visivelmente estava ansiosa e completamente perdida. As saias, os pés descalços, a emoção da dança, nada disso foi registrado como eu tinha pré-concebido. Do ponto de vista técnico de uma iniciante na carreira de fotógrafa, acredito que esse material não tenha ficado muito bom. A impressão que eu fiquei depois daquele dia é que eu não fazia a menor ideia de como me comportar. Nos eventos seguintes a dúvida continuava: como fotografar a roda? Como fotografar as cantoras? O que entrava no quadro? Como lidar com o material produzido?

Essa percepção demorou. Talvez tenha demorado por algumas razões: eu não era aluna de História da Arte, Museologia, ou mesmo da Antropologia. Era estudante de jornalismo e acreditava na câmera como um instrumento de registro. Minhas leituras acadêmicas ficaram concentradas nas falas de Roland Barthes e Susan Sontag. Não tinha referências bibliográficas de antropólogos ou historiadores da arte. Também me sentia fora de um grupo coeso até mesmo em relação a sua história. O projeto de extensão existia há pouco mais de 3 anos, toda uma vivência já existia e eu não fizera parte dela.

Além do mais, tinha ido poucas vezes para a Zona Norte do Rio de Janeiro. Não sou carioca, nasci no interior de São Paulo e me mudei para a capital fluminense para cursar a graduação em Comunicação Social. Nunca tinha ido à Madureira, não tinha subido o morro da Serrinha.

Mas também acredito que a percepção tenha demorado pois o que se colocava diante da lente não era um objeto, um fato jornalístico ou uma situação na qual eu me colocasse à parte. Gradativamente, percebi que a objetiva, aqui entendida como o nome técnico da lente, era mais do que uma testemunha. Ela era, de alguma forma, uma agente daquele momento, não passava despercebida, precisava se integrar àquela paisagem. Portanto, enquanto agente, era preciso que essa lente participasse, vivesse, que tivesse a experiência de tudo o que envolve o universo do Jongo.

Essa noção de uma fotografia mais “participativa” vai de encontro ao que eu acreditava ser o meu papel. Vale lembrar que essa pesquisa foi o meu primeiro trabalho de campo no âmbito acadêmico e, de novo, minhas referências estavam no jornalismo. Mas entendia que enquanto pesquisadores, precisamos ter a consciência que vamos para campo com o nosso próprio olhar, nossas questões e métodos. E que as questões e métodos locais são diferentes, partem de outros lugares e referências. Por isso é preciso problematizar a postura do pesquisador, principalmente a do pesquisador fotógrafo que procura, através da sua lente, registrar um certo exótico. A câmera é o instrumento utilizado para demonstrar que esse indivíduo que registra saiu do seu lugar de origem, partindo para o lugar do estranho, do inusitado, é o ponto de vista ideal.

Ao observar a realidade dos outros com curiosidade, com isenção, com profissionalismo, o fotógrafo ubíquo age como se atividade transcendesse os interesses de classe, como se a perspectiva fosse universal. [...] O fotógrafo é uma versão armada do solitário caminhante que perscruta, persegue, percorre o inferno urbano, o errante voyeurístico que descobre a cidade como uma paisagem de extremos voluptuosos. [...] acha o mundo “pitoresco” (SONTAG, 2004, p. 69 e 70).

Ainda que o nosso caso não trate do “inferno urbano”, mas sim da comunidade da Serrinha, localidade distante do centro da cidade, aqui estamos abordando justamente a figura do fotógrafo, que acredita que sua máquina

tem o poder de entrar em todos os recôncavos e apreender o universo com a sua lente. Ou seja, graças a todas essas questões que se colocavam diante das dúvidas de como eu poderia fotografar uma roda de Jongo pude tomar contato com toda a minha prepotência fotográfica.



As investigações sobre antropologia e as reações com etnografia provocaram uma série de questões que apresentei para a professora Carla Dias, coordenadora do projeto. Qual seria, então, a nossa função no momento do registro? Quando procurei entender o que precisava fazer, me deparei com um dos erros que estava cometendo: o que eu achava que precisava existir

era uma câmera procurando o inusitado, e, a partir disso, produzir uma imagem capaz de determinar o que era aquela manifestação. Ledo engano. Gradativamente, as questões foram respondidas com a observação da prática, principalmente, com as observações das rodas de Jongô. Posso concluir que sem o Projeto de Extensão demoraria muito para pensar a fotografia como eu aprendi a pensar ao longo desse um ano e oito meses de participação.

Além de procurar me fazer mais presente nos eventos do grupo, me envolvi com mais uma frente do projeto. Depois de tanto tempo filmando, fotografando e registrando o Jongô, os alunos se depararam com um volume enorme de produção que estava desorganizado. Logo, para facilitar a rotina de pesquisa das frentes variadas de estudo, era preciso dividir, catalogar e organizar esse montante.

Em parceria com as professoras Teresa Bastos, Carla Dias e com todos os colegas da pesquisa, conseguimos estabelecer um protocolo de organização. Esse trabalho aconteceu de maneira paralela aos registros dos eventos e, infelizmente, não foi totalmente concluído. Todavia, ao ter acesso aos primeiros arquivos, a toda uma historiografia sobre o Jongô, passei a ter uma dimensão muito maior sobre o trabalho que estava desenvolvendo.

Compreender mais sobre a história do Jongô me fez sentir mais parte do grupo de pesquisa, colaborou para eu entender mais qual a função do vídeo e da fotografia. E, principalmente, me fez perceber que o registro não é sobre o exótico, sobre o diferente, o inusitado. E nem procurar uma imagem síntese. A minha função era estabelecer uma relação mais orgânica entre a câmera e o Jongô. E orgânica significa, nesse contexto, dizer que era preciso viver a experiência da roda, me permitir assimilar a manifestação da dança, da música e desse trabalho para além da etnografia. Mas também como uma parte fundamental da vida.

A partir de 2015 a fotografia passou a ocupar mais espaço do que o vídeo na minha produção dentro do projeto. Assim, paralelamente às produções de imagem, passei a trabalhar com os arquivos já produzidos por mim e por todos os outros alunos. Em um primeiro momento a organização começou por aquilo que era mais familiar: as minhas fotos e vídeos, depois mergulhei na história do projeto, que conta com arquivos de 2009 e que se oficializou enquanto projeto de extensão em 2011. A expressão mergulho faz todo sentido uma vez que o escopo de arquivos engloba imagens em movimento, imagens fixas, áudios de entrevistas, transcrições, digitalizações, relatórios,

apresentações para data show, arquivos em PDF, clippings referentes ao Jongo da Serrinha e tabelas das pesquisas dos bolsistas. Foi preciso olhar para todo esse volume e procurar compreender a especificidade de cada um desses componentes e a importância deles para os diferentes braços das pesquisas que são desenvolvidas pelos alunos. Esse mergulho foi essencial para colaborar com a minha formação enquanto uma pesquisadora de arquivos.

O que percebi é que essa vivência não só me aproximou mais do projeto, como colaborou para que o grupo tivesse mais consciência do que já tinha sido produzido. Sei que não foi um modelo definitivo de arrumação e que há ainda muito trabalho a ser feito. Porém, foi incrível ter a oportunidade de acessar as fontes do projeto, de fazer parte delas também. De certa forma, organizar parte desses arquivos era um jeito de estar dentro dessa história e de ver como o material que eu produzia podia se encaixar nessa dinâmica.

Sobre essa produção senti que meu caminho se abriu de um jeito completamente diferente depois de eu entender que a minha função principal não era registrar, era participar. Não dancei em nenhuma das rodas que fui, mas vivi todos aqueles momentos e acho que só por isso consegui fotografar e produzir imagens do Jongo da Serrinha. Elas não representam a cultura do Jongo, elas não dão conta de se tornar referência para explicar o que é uma roda. As fotos e vídeos que produzi são um olhar que se modificou muito e que procurou sentir e compartilhar o que presenciou.

Um dos momentos mais marcantes dentro dessa perspectiva particular foi a procissão em homenagem a São Jorge. No dia 23 de abril de 2015 fomos convidados a acompanhar o grupo artístico na caravana que percorreu todo o bairro de Madureira. Começamos na quadra da Escola de Samba Império Serrano, de lá o comboio seguiu para uma igreja católica. Em seguida, entramos em uma instituição espírita ao som de atabaques e pontos do candomblé. Tomamos um passe e seguimos para o encontro das baterias da Império Serrano com a Imperatriz Leopoldinense. A câmera não saiu da minha mão, nem quando me vi rodeada de assistas e percussionistas. O que fazer? Procurar o melhor ponto de vista, em cima de um trio elétrico, e negociar a subida com uma piscadela cúmplice. A procissão seguiu para dentro da Serrinha e fomos ao seu encontro onde tínhamos começado: na quadra da Império.

Poderia contar outros episódios, festas de São Cosme e Damião, festas do dia 13 de maio. Mas o que gostaria de deixar aqui registrado é que o Jongo

foi o responsável por transformar o meu olhar e, também, o meu discurso. Descrever minhas atividades e explicá-las é uma maneira de limitar a importância do Jongo da Serrinha na minha formação acadêmica, profissional e pessoal. Em um primeiro momento acreditava que o importante era buscar o registro que representasse o que eu via, que era essa a oportunidade de me tornar uma fotógrafa, já que sempre busquei essa profissão. Acreditava que o projeto de extensão era uma maneira de exercitar meu olhar e de aprofundá-lo na prática, colado na academia e o que vivi me mostrou que toda essa vivência teve um significado muito maior na minha existência.

Participar de todo esse processo foi sim um grande exercício para o olhar. E foi bem mais do que isso. Ter sido bolsista do projeto de extensão “Preservando e Construindo a Memória do Jongo da Serrinha” colaborou intrinsecamente para a fotógrafa que eu estou me tornando hoje. Concluí a graduação em Comunicação Social – Jornalismo, na Escola de Comunicação da UFRJ e, atualmente trabalho como fotojornalista do jornal O Globo. Procuro, todos os dias, me lembrar que cada um que passa pelas lentes que uso é um ser único, detentor de uma história, que faz parte de outras histórias. Que esse ser carrega uma ancestralidade que deve ser respeitada, que ele merece ser ouvido antes do clique. Uma boa foto não procura trazer a essência do momento, mas refletir a experiência que está inserida em algum contexto.

Machado.

Salve.

Sobre a escrita

Meu nome é Analice Paron, sou fotógrafa, jornalista, graduada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestranda em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Escrevi esse texto em um contexto muito diferente do qual me encontro hoje. Em 2016 estava ainda na graduação, mas muito próxima de me formar com um projeto de pesquisa sobre cinema brasileiro e muito envolvida por toda a experiência na Serrinha, em Madureira, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Não escrevi o texto como uma pesquisadora, até porque não tinha bases teóricas para tanto. Escrevi como uma aluna empolgada, uma fotógrafa iniciando sua carreira e descobrindo a cidade e suas manifestações culturais. Hoje, cursando um

mestrado em Antropologia Social gostaria de refazer muitos trechos do texto, incluir teoria, esmiuçar explicações. Mas acredito que isso não seria justo com aquela aluna empolgada de 2015. Porém, poder revisá-lo, tomar contato com essas descrições e emoções foi muito especial. Ao encerrar minha participação no Projeto de Extensão pude ver como ele tinha sido fundamental na minha formação acadêmica e pessoal, mas agora, anos depois, consigo dimensionar a profundidade dessa influência. Foi graças a esse projeto que me tornei fotógrafa e graças a ele que tive meus primeiros contatos com a Antropologia Social, área que aprofundo meus estudos atualmente. Sou grata a todos integrantes do Projeto de Extensão *Construindo e Preservando a Memória do Jongô da Serrinha* e profundamente grata ao Jongô da Serrinha. Salve Tia Maria. Salve todos os jongueiros. Salve a ancestralidade.

Referências

SONTAG, S. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HISTÓRIA AFRO- BRASILEIRA, BATUQUES, DANÇA DE RODA — RELATO DE EXPERIÊNCIA NO JONGO DA SERRINHA

RAPHAELA FERREIRA GONÇALVES *

* Historiadora e professora formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ.
Doutoranda da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE.

Conheço o Jongo da Serrinha há algumas décadas, antes de entrar na Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ e fazer parte do projeto “Preservando e Construindo a Memória do Jongo da Serrinha”, já fomos apresentados por algum lugar na cidade do Rio de Janeiro. Porém, minha inserção só ocorreu em 2012, quando me inscrevi em uma disciplina na Escola de Belas Artes – EBA, onde tive contato com a professora Carla da Costa Dias, que ministrava as aulas de Arte Africana e Afro-brasileira. Ao fim de uma de suas aulas, esta convidou a turma para conhecer o projeto e eu de imediato me interessei por fazer parte dele.

Naquela época eu já trabalhava com a temática racial no Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes/Diversidade, sendo orientada pelo professor Amílcar Araújo Pereira. Como bolsista do PET, minhas atividades consistiam em discutir questões relativas à diversidade racial e de gênero, principalmente, que o fiz em torno de duas pesquisas no período em que participei desse programa: O Movimento Negro e a Imprensa Negra como uma busca de igualdade racial no Brasil e Reflexões sobre as relações étnico-raciais através da arte de Rosana Paulino. Essas pesquisas foram a base para meus futuros estudos sobre o jongo, pois me proporcionaram um conhecimento prévio de história africana e afro-brasileira, tão cara para reconhecer o Jongo da Serrinha como uma manifestação cultural afro-brasileira por excelência.

Minha função no projeto, como estudante de História, era a de reunir informações a partir de pesquisas em acervos públicos e privados sobre o que encontrasse a respeito do Jongo da Serrinha. E não apenas, buscar o diálogo entre o jongo praticado nas fazendas de café do Vale do Paraíba e o jongo de hoje, que sofreu inúmeras mutações desde sua localidade inicial onde fora praticado, até os arranjos e instrumentos musicais utilizados.

De início, como uma típica *observadora participante*,* acompanhava o grupo em muitos dos encontros que ocorriam quase sempre aos sábados na Escola de Jongo da Serrinha, localizada na comunidade da Serrinha, bairro de

* A observação participante é considerada o método por excelência da antropologia. Consiste em o pesquisador se inserir, ser aceito e participar dos eventos do grupo que está estudando para assim entender a lógica que move essa comunidade. Para Bronislaw Malinowski, pai da observação participante e autor do clássico: *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, observar e participar para entender é melhor do que simplesmente perguntar, as respostas vêm com o tempo, junto com a observação e a participação. O diário de campo, o gravador, a máquina fotográfica e a de filmar são acessórios que auxiliam na constru-

Madureira, Zona Norte do Rio de Janeiro. Junto com outros bolsistas e professores, acompanhava as atividades que eram previamente discutidas entre nós, da UFRJ, e os integrantes da Organização não governamental (ONG) Grupo Cultural Jongu da Serrinha, como proposta de confraternização e construção coletiva de saberes.

Das atividades que mais me marcaram pela quantidade de registros que coletamos e pela disponibilidade e ânimo dos participantes, estas certamente foram as oficinas ministradas pelos bolsistas envolvidos na pesquisa. Elas ocorreram, na maioria das vezes, nesses encontros semanais e contava com a presença de muitas personalidades jongueiras, crianças e adolescentes que frequentavam a Escola de Jongu, professores, moradores e era aberta a quem quisesse entrar. Abaixo se encontra uma tabela com as oficinas que fizemos e uma breve descrição do objetivo de cada uma:

Oficina	Proposta
Museu, Memória e Cidadania	Apresentação do panorama dos museus no Brasil, sua importância para o desenvolvimento da comunidade e realização de exercício em grupo sobre a possibilidade de um museu na Serrinha
Objetos e Texto	Confecção coletiva de legendas para as fotografias históricas do Grupo de Jongu
Inventário Participativo	Ao trazerem um patrimônio pessoal, foi aberto um espaço de diálogo sobre as relações com os objetos e a importância do inventário como procedimento de preservação
Cartografias sociais	A partir das referências de patrimônio apresentadas pela comunidade ao longo de oficinas e entrevistas, realização coletiva de uma cartografia afetiva da Serrinha
Linguagens expositivas	Apresentação dos resultados parciais do projeto e conversa sobre os caminhos possíveis para uma exposição das histórias e as memórias da Serrinha

ção da pesquisa. (COSTA, Thalles Chaves. O ator antropólogo – a observação participante como ferramenta do ator para a construção do personagem).

Todas as oficinas geraram um acervo imagético riquíssimo, com fotos, vídeos, desenhos, escritos. O que mais me recordo era a emoção que a envolvia do início ao fim. Era uma festa aguardada por muitos e por mim, o momento de trocar, de observar, de experimentar os valores jongueiros e de vivenciar as tradições culturais passadas pelos “cabeças brancas” – como são chamados os jongueiros mais velhos pelos jovens. As oficinas eram um momento propício de transferência mútua, que nos proporcionavam, enquanto pesquisadores e estudantes, material para as reuniões que fazíamos periodicamente no museu D. João VI, na EBA, quando discutíamos as diretrizes do projeto e quantificávamos o andamento do trabalho coletivo e pessoal.

Ao longo dos anos de 2012 a 2015, enquanto fiz parte do projeto, busquei contribuir com o olhar de uma estudante de história em formação. Esse trabalho consistiu em aplicar as ferramentas analíticas do historiador na pesquisa de acervos de documentação contemporânea, em especial jornais, revistas, documentários e literatura sobre o tema, buscando com isso estudar as origens dessa manifestação cultural, desse “batuque com dança de roda”.

Para tal, foi muito importante recorrer a pesquisadores que estudaram o jongo. Stanley Stein, Robert Slenes, Hebe Mattos, Martha Abreu, Raquel Valença, Edir Gandra e autores dos mais variados artigos sobre o jongo na Serrinha e de outras localidades. É interessante destacar que o Jongo da Serrinha compõe com uma série de comunidades, quilombos e grupos a resistência pela manutenção da tradição do jongo no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo (ao longo do Vale do Paraíba) como a figura a seguir nos ilustra.



A partir desse mapa disponibilizado pelo *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)* podemos observar que a frequência do jongo em locais afastados da cidade do Rio de Janeiro é grande. E uma das frentes da minha pesquisa no projeto se inseriu em revisar onde estavam os jongos na cidade mencionada, que desde a publicação desse dossiê, em 2007, mudou bastante de conformação.

Em uma busca inicial verificou-se que o Jongo da Serrinha não era o único no Rio de Janeiro. Existiam outros jongos urbanos espalhados pela cidade do Rio de Janeiro que não foram citados pelo IPHAN, que quantificou em maior número os jongos rurais. Através do quadro abaixo,^{*} podemos analisar partes dos jongos que estão em atividade na cidade e no Estado do Rio de Janeiro, alguns apontados pelo IPHAN, outros não.

^{*} Informações retiradas dos sites e redes sociais dos grupos (inscrito no endereço virtual da tabela).

Nome do grupo	Descrição	Endereço virtual	Localidade
1 – Jongados na vida	Criado por Mestre Darcy do Jongo em 2000, o grupo o acompanhava nos espetáculos e rodas de jongo. O “Jongados” é um coletivo que realiza trabalhos em diversas áreas, como na música, cinema, produção, pesquisa etc.	Site não localizado	Madureira, cidade do Rio de Janeiro
2 – Coletivo Griot	O Coletivo Griot pesquisa e difunde a memória das tradições afro-brasileiras, atuando na região dos lagos (especialmente Cabo Frio e Arraial do Cabo) desde 2008, com foco na cultura e história africana e diáspora no Brasil. As principais ações desenvolvidas são palestras, vivências, oficinas, cursos, rodas e apresentações de Jongo, Coco, Ciranda, dança afro contemporânea, entre outras expressões.	http://coletivo-griot.blogspot.com.br/	Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro
3 – Dandalua	O foco dos integrantes do Dandalua é de conhecer, apreender, ensinar e divulgar as diferentes manifestações presentes na cultura popular do povo brasileiro. Realizam oficinas de danças populares na Associação Terreiro Contemporâneo de Arte e Cultura, localizado no Centro da cidade do Rio de Janeiro.	https://instagram.com/grupodandalua/	Centro, cidade do Rio de Janeiro

4 – Núcleo de cultural popular Tribal	<p>Criada em 7 de dezembro de 2003, na cidade de Cabo Frio, a Associação Cultural Tributo à Arte e à Liberdade é formada por artistas de diversas áreas que resolveram unir suas forças para concretizar ideias, realizar projetos, formar plateias, mostrar valores culturais e transformar a política cultural da Região dos Lagos. Dança, literatura, música, teatro, fotografia, cinema, ciranda, jongo, artes plásticas, teatro de marionetes são algumas de suas ações.</p>	<p>https://www.facebook.com/tribalcultural</p>	<p>Cabo Frio, Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro</p>
5 – Jongo da Dona Su	<p>Dona Su vem difundindo há anos os ensinamentos do Mestre Darcy do Jongo através do grupo Jongados na Vida e dos cabofrienses da Associação Cultural Tribal.</p>	<p>http://donasudojongo.blogspot.com.br/</p>	<p>Madureira, cidade do Rio de Janeiro</p>

6 – Companhia folclórica	<p>A Companhia folclórica é um grupo artístico de pesquisa e de divulgação da cultura popular brasileira constituído por professores, funcionários e alunos de diversas unidades da UFRJ. Produz espetáculos de música, danças e folguedos brasileiros, promove atividades e eventos científicos e culturais, além de cursos de extensão e para a educação continuada. Sendo assim, a valorização do patrimônio imaterial se distribui em vários cursos de formação profissional da UFRJ e para o público em geral.</p>	<p>http://ciafolc-ufRJ.blogspot.com.br/</p>	<p>Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ilha do Fundão</p>
7 – Cia Banto	<p>Com uma grande perspectiva de trazer mais cultura para os bairros da Zona Oeste do Rio de Janeiro, em 20 de julho de 2006, o Projeto Jongo Banto foi idealizado por Carla Maria da Conceição Gomes, em Campo Grande/RJ. Hoje conhecido como Cia. Banto, com intuito de pesquisa e divulgação cultural, a companhia se diferencia dos outros grupos de jongo tradicionais, por não priorizarem em suas atividades o aspecto religioso, o que, permite o acesso de um número maior de pessoas a esta manifestação.</p>	<p>http://jongobanto.blogspot.com.br/</p>	<p>Zona Oeste, cidade do Rio de Janeiro</p>

<p>8 – Movimento Cultural Jongo da Lapa</p>	<p>O Jongo da Lapa é um movimento cultural que teve seu início em 2004, a partir de uma roda realizada em homenagem à Mestre Darcy Monteiro. No seu repertório, este grupo trabalha não só com releituras de canções tradicionais das comunidades jogueiras, mas também com um trabalho autoral que inclusive renova este gênero musical a partir do “jongo-canção”.</p>	<p>https://www.facebook.com/jongolapa</p>	<p>Lapa, região central da cidade do Rio de Janeiro</p>
<p>9 – Caxambu do Salgueiro</p>	<p>Grupo de jongo tradicional comandado por mestre Geraldo desde o início da década de 1980, no Morro do Salgueiro, bairro da Tijuca, Rio de Janeiro. É composto por figuras históricas daquela comunidade, entre as quais Tia Neném e Tia Zezé, famosas integrantes da ala das baianas da Escola de Samba G.R.E.S Acadêmicos do Salgueiro.</p>	<p>https://www.facebook.com/caxambudo-salgueiro?fref=photo</p>	<p>Salgueiro, Tijuca, cidade do Rio de Janeiro</p>

<p>10 – Companhia de Aruanda</p>	<p>A companhia de Aruanda criada em 2007 é formada por jovens vindos de diversos projetos sociais como Jongo da Serrinha, Afroreggae, Companhia Étnica, Cia dos Comuns, Companhia Brasil Mestiço, entre outros. São moradores de comunidades do subúrbio e baixada fluminense da Cidade do Rio de Janeiro com experiências em diversas áreas, tais como dança contemporânea, dança Afro, danças populares, Teatro, música e etc. Estes Jovens se reuniram em torno de um ideal em comum: o de Pesquisar, divulgar e preservar as diversas danças e tradições da Cultura popular do Brasil através de Oficinas, Palestras e eventos.</p>	<p>http://companhiadearuanda.blogspot.com.br/2010/02/companhia-de-arua-da-em-2007-e.html</p>	<p>Subúrbio/ Baixada fluminense, Estado do Rio de Janeiro</p>
----------------------------------	---	--	---

11 – Grupo Zanzar

Criado e dirigido por Lais Bernardes, o Zanzar é um grupo carioca de música e danças que há 10 anos trabalha as linguagens das culturas populares tradicionais brasileiras: Coco, Jongo, Carimbó, Cavalomarinho, Maracatu, Cirandas, Frevo, entre outros. Apresenta-se como grupo artístico formado por músicos e brincantes que já se apresentou em diversos espaços da cidade. Realiza a Oficina de Danças Populares semanalmente no Circo Voador, dentro das atividades da ELA (Escola Livre de Artes) e promove mensalmente uma Roda de Coco aberta e gratuita nos Arcos da Lapa. Traz as nuances cênicas, sonoridades, jogos e gestualidades do universo das danças, ritmos e dramaturgias populares, recriando estas manifestações dentro de uma linguagem própria e original que valoriza e se inspira nesta rica brasilidade.

<https://www.facebook.com/grupozanzar>)

Lapa, região central da cidade do Rio de Janeiro

12 – Quilombo São José da Serra	O quilombo São José da Serra é uma comunidade descendentes de escravos que está localizada no interior do estado do Rio de Janeiro, na cidade de Valença, e faz parte de um universo quilombola de 13 comunidades no estado e mais de 1000 comunidades espalhadas por todo o Brasil.	http://quilombosaojosedaserra.blogspot.com.br/	Valença, Estado do Rio de Janeiro
13 – Jongo da Serrinha	O jongo da Serrinha engloba a ONG, a Escola de jongo e o grupo musical. Criado por Mestre Darcy Monteiro, sua família e as jongueiras Vovó Teresa, Djanira, Tia Maria da Grota e Tia Eulália, suas missões são de preservar o jongo como Patrimônio Imaterial do Sudeste, envolver crianças e jovens na preservação do ritmo do jongo e atua pesquisando e criando produtos culturais (livros, filmes, espetáculos, discos, exposições etc) para divulgar o jongo pelo mundo	www.jongodaserrinha.org	Madureira, cidade do Rio de Janeiro

Essa tabela nos faz refletir sobre como a tradição jongueira está viva e em movimento. Grupos, Coletivos e Companhias exaltam a matriz afro-brasileira atrelando a prática do jongo com maracatu, coco, poesia, música, teatro. Dessa forma, resistem e difundem os saberes tradicionais do jongo, recriando-os com suas particularidades e preservando sua memória.

O Jongo da Serrinha já empreende esse trabalho de salvaguardar a memória através de diversas ações que os próprios moradores envolvidos no jongo na comunidade sempre fizeram, bem antes do projeto. Por volta dos

anos de 1960, temendo que o jongo acabasse, Mestre Darcy Monteiro e sua família convidaram as antigas jogueiras Vovó Teresa, Djanira, Tia Maria da Grota e Tia Eulália para formar o grupo artístico Jongo da Serrinha.* Desde a sua formação, sua trajetória contou com muitos colaboradores.

A partir das reportagens dos jornais que pesquisei, moradores que estavam na oficina de Inventário Participativo foram convidados a entrar no túnel do tempo do jongo. Em um projetor, imagens de 1980, 1990, 2000 foram exibidas, revivendo para muitos dos que estavam naqueles eventos noticiados o quanto dessa luta pela sobrevivência de sua cultura jogueira data de longa data. Enquanto os mais velhos se recordavam coletivamente, os mais novos se interessavam por também querer fazer parte dessa história.

Apenas em pesquisas *online* a quantidade de ocorrências sobre o Jongo da Serrinha foi grande, o que é ótimo para os pesquisadores do tema e para o acervo que se pretende construir com a abertura da nova Casa de Jongo na comunidade. Veículos como o jornal O Globo, que infelizmente não permite a entrada no seu acervo na rede para visualização das notícias, quantificou cerca de 730 ocorrências sobre o Jongo da Serrinha em seu banco de dados. Na Folha de São Paulo foram 33, no Jornal do Brasil 25; Jornal Última Hora, O Fluminense e a Tribuna da Imprensa também possuíam registros sobre o Jongo somando algo em torno de 10 notícias. Existem ainda mais acervos a serem vasculhados, complementando essa vasta memória midiática que o Jongo da Serrinha acumulou em sua trajetória.

E de tamanha importância, o projeto convidou a muitos moradores da comunidade que tinham alguma ligação com o samba, o jongo, a Serrinha, adentrar nesse grande painel de recordações com suas memórias afetivas. Desde relatos, entrevistas e contação de histórias dignas de serem passadas de geração a geração, a *entrevista-documento* nos forneceu uma versão do passado que tanto estimamos por conhecer. Essa prática passou a ser bastante relevante para os estudos na área das Ciências Humanas a partir da década de 1970. Em seu conhecido Manual de História Oral, a pesquisadora Verena Alberti nos expõe de que forma é compreendida esse fonte para o estudo da História, a qual foi largamente utilizada em nossos trabalhos.

* O Jongo da Serrinha. http://jongodaserrinha.org/?page_id=83.

Trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações.

A partir desse método de pesquisa, bolsistas e integrantes do projeto se dividiram em grupos de aproximadamente três componentes, munidos de câmera, gravador e às vezes *scanner*, em busca dessas narrativas do passado. Nessas visitas em domicílio, por vezes digitalizamos documentos, fotografias de aniversários, festas, casamentos e do cotidiano, tudo que tivesse lugar nessa memória coletiva constituída pelos indivíduos que estavam a nossa frente.

Destaque para esses documentos, outro pequeno grupo se voltou para a organização e catalogação de álbuns de família. Recordação de enorme relevância social, esta permite a unidade entre os jongueiros que fizeram e fazem parte da construção do Jongo da Serrinha, através de cada vivência naquele lugar comum. A importância da fotografia na historiografia é vista em Jacques Le Goff, no seu livro *História e Memória*, do qual foi retirado o fragmento a seguir:

a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visual nunca antes atingida, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica. Pierre Bourdieu e a sua equipe puseram bem em evidência o significado do “álbum de família”: “A galeria de Retratos [...] “ordem das estações” da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente. É por isso que não há nada que seja mais decente, que estabeleça mais a confiança e seja mais edificante que um álbum de família: todas as aventuras singulares que a recordação individual encerra na particularidade de um segredo são banidas e o passado comum ou, se se quiser, o menor denominador comum do passado, de

nitidez quase coquetista de um monumento funerário frequentado assiduamente” [1965, pp. 53-54] (LE GOFF, 1924, 466).

Visto que a família Monteiro, fundadora do Jongo da Serrinha, sempre buscou meios de difundir e salvaguardar a memória de seus antepassados, a reflexão de Le Goff nos dá uma chave para tratarmos fontes como esta, principalmente “o álbum de família”, no estudo e conhecimento do passado do Jongo. A união dos membros do jongo e do samba, do Império Serrano, se fazia presente no trabalho do cais do porto (onde muitos faziam parte), nas comemorações referentes ao samba, nas festividades religiosas e aniversários. Todos os registros se comunicavam entre si, se encontravam numa teia de acontecimentos comuns aos entrevistados.

Na última entrevista que fiz, com um dos fundadores do Império Serrano, Sebastião de Oliveira mais conhecido como Mestre Molequinho, ele nos abriu seu álbum de recordações enquanto tomávamos café diante daquela lenda do samba carioca. Apesar de debilitado, seu relato contou com alguns versos de samba e um tom divertido de relembra seu passado. Naquele instante pude vivenciar tempos distintos unidos na figura de um “cabeça branca” dessa história que tanto prezamos por conhecer.

No projeto “Preservando e Construindo a Memória do Jongo da Serrinha” a viagem por tempos distintos é tão mágica quanto os passos de Tia Maria do Jongo na roda. Vemos geração

s unidas ao som de pontos, festejando, dançando, se entrosando em perfeita harmonia nos batuques do angoma puita, candongueiro e caxambu. As crianças que antes não eram permitidas entrar – porque segundo os mais velhos o jongo era metafórico demais e criança não entende metáfora – se unem na missão de não deixar morrer essa tradição.

Essa é uma diferença do jongo de antigamente e o novo jongo: se antes ele era utilizado para organizar fugas entre escravizados no cativeiro,^{*} hoje ele ganhou o status de diversão e sua prática é menos restrita como era. Muitos grupos jongueiros perceberam a importância de manter a tradição mesmo que modificando-a, se inserindo politicamente no âmbito da resistência. E o Jongo da Serrinha possui um papel de relevância nessa nova fase do jongo; Mestre Darcy foi um visionário em muitos aspectos. Levou a roda para além

* COSTA, Maria Vergínia Chambela. A linguagem cifrada nos “pontos” de jongo, p. 2.

da Serrinha, para os meios universitários e inseriu instrumentos de corda em seus pontos. Conforme a pesquisadora Dyonne Boy, este inovou ao criar arranjos para o jongo com cordas, coro com diversas vozes e introduzindo crianças nas rodas, até então permitida apenas para os mais velhos,^{*} como já dito anteriormente.

Sendo assim, o trabalho realizado por moradores, artistas e educadores vinculados a comunidade jongueira da Serrinha tem o objetivo de preservar e valorizar a cultura e os patrimônios locais. Nessa linha, buscamos organizar registros documentais da vida da comunidade, principalmente aqueles relacionados ao Jongo e ao Samba, guardados nas lembranças individuais, mas que compõe um acervo de memória coletiva. Minha experiência no Jongo da Serrinha contribuiu no desenvolvimento dessa ação, que iniciada há anos, tende a immortalizar essa manifestação cultural afro-brasileira praticada ao som de batuques e dança de roda.

Referências

- ALBERTI, V. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- APPADURAI, A. *A vida social das coisas*. Rio de Janeiro: Eduff, 2008.
- BOY, D. C. *A construção de um centro e memória na Serrinha*. Dissertação de Mestrado. Fundação Getúlio Vargas – Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais. Rio de Janeiro, 2006.
- COSTA, M. V. C. *A linguagem cifrada dos pontos de jongo*. In: Cadernos do CNLF, Série VIII, nº 13. Anais do VIII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, realizado, no Instituto de Letras da UERJ, entre 23 a 27 de agosto de 2004, disponível na Internet pelo site <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/index.html>.
- COSTA, T. C. *O ator antropólogo – a observação participante como ferramenta do ator para a construção do personagem*. XVI Encontro de Pesquisa e Extensão – XVI ENCOPE/UERN – Mossoró – 14 a 16 de abril de 2010.
- LARA, S. H.; PACHECO, G. (orgs.). 2007. *Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein*. Vassouras, 1949. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas, SP: CECULT. 200p.

* BOY, D. C. *A construção de um centro e memória na Serrinha*, p. 2.

GANDRA, E. *Jongo da Serrinha: do terreiro aos palcos*. Rio de Janeiro: GGE, 1995.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

LE GOFF, J. *História e memória*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

MATTOS, H.; ABREU, M. (orgs.). *Passados presentes*. Rio de Janeiro: Laboratório de História Oral e Imagem, Universidade Federal Fluminense (LABHOI/UFF), 2005-2011. Coletânea de quatro DVDs. Apoio: Editora da UFF, FAPERJ, CNPq e Petrobras.

VALENÇA, R.; VALENÇA, S. S. *Serra, Serrinha Serrano: O Império do Samba*. José Olympio, 1981.

CONSTRUINDO O CENTRO DE MEMÓRIA DIGITAL DO JONGO DA SERRINHA

BEATRIZ NUNES LEONARDO *

* Bolsista PIBEX do ano de 2014 a 2015. Bacharel em História da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

(Re)memória

No final do ano de 2016, escrevi o artigo “Construindo o centro de memória digital do Jongo da Serrinha”, com o qual me reencontro agora no ano de 2021 para esta publicação. Pode parecer que o intervalo temporal entre um acontecimento e outro não seja tão longo, mas é impossível não me sentir profundamente tocada ao encontrar com essa versão mais nova de mim mesma e vê-la como um marco fundamental em minha trajetória pessoal e profissional.

Quando escrevi este relato ainda não podia imaginar o quão profundamente a experiência da memória me tocaria. Pois sim, a memória é uma experiência, uma ação diária que quando movimentada é capaz de criar raízes profundas e transformar todo o exercício de olhar para o mundo. Foi dentro desse projeto o meu primeiro contato consciente com a prática da memória – e desde então, nunca mais pude cessar, não apenas de explorá-la em suas múltiplas potencialidades, mas também a defendê-la com unhas e dentes. Me parece que lutar por e ao lado dela é o meu lugar nesse mundo.

Optei deliberadamente por não modificar uma vírgula sequer dentro deste relato. Através da narrativa de memórias outras, eu também escrevi as minhas, ainda que infantis, como uma semente recém-plantada em terra úmida. Nunca mais deixei de regá-la e até hoje descubro novas ramagens, texturas – ao passo que também descubro incessantemente os males que podem afligi-la.

Após encerrar minha participação no projeto de extensão *Preservando a Memória do Jongo da Serrinha*, comecei a trabalhar como arquivista audiovisual no Centro Técnico Audiovisual – CTAv e pude aprender novas formas de lidar com a memória: preservando sua materialidade – seja tomando ações para tal ou a vendo dia a dia se esvaír como tempo orgânico, bem como aprimorando técnicas e especificidades como organização e manutenção de sistemas de informação e seu bem mais essencial: a catalogação. E assim, foi bonito esse reencontro de minha primeira experiência com acervos e catalogação e notar que, desde o nosso primeiro encontro, já gestava a importância desses processos não apenas como atos sistemáticos, mas ato de aproximação e reapropriação de memórias de indivíduos e/ou coletividades.

É também impossível de deixar dar nome a todos os sentimentos gerados neste reencontro aqui neste pequeno e contemporâneo anteâmbulo: tris-

teza. O ser-humano é, na maioria das vezes, capaz de lidar com o sentimento de luto por nele também enxergar a vida e seu ciclo. Mas jamais deveríamos nos acostumar com políticas de extermínio, de desmontes e apagamentos – seja falando de memórias ainda vivas no presente quanto de memórias que lutam para permanecerem vivas em registros do tempo passado. É de tristeza o sentimento que surge ao ver a maneira como discursos que pretendem-se manter hegemônicos lutam para abandonar, e conseqüentemente, destruir memórias.

É com um punhado de emoções que me reencontro e partilho esse relato de experiência, escrito por uma versão passada de mim mesma que, ainda imatura, não sabia das dimensões e reverberações que este trabalho teria em minha vida que, até o momento presente, segue em luta ao lado da sobrevivência das memórias – sobretudo às relegadas ao subterrâneo da história.

Relato de experiência: Construindo o centro de memória digital do Jongô da Serrinha

O projeto de extensão *Preservando a Memória do Jongô da Serrinha* se articulou de formas múltiplas durante todo seu tempo de execução e foi espaço promotor de debates nos mais diversos âmbitos. Ingressei no projeto como voluntária no ano de 2013, onde meu papel fora o de realizar transcrições de vídeos gravados durante oficinas realizadas pelo projeto com o objetivo de organização dos materiais coletados e, de certa forma, expandir meu conhecimento e minha relação com a história do Jongô da Serrinha que até então era, em grande parte, desconhecida para mim. Em 2014 participei da pesquisa, elaboração e montagem da exposição permanente realizada para a inauguração do Terreiro Tia Eva Emely Monteiro. Este foi um momento muito importante, pois durante esse processo comecei a frequentar a Escola de Jongô e estabelecer relações com importantes personagens que permeiam sua memória. Este foi um momento com certo grau de dificuldade, pois era necessário entender de que forma seria possível estabelecer laços de confiança com estas pessoas.

Porém, para mim, o ano de 2015 foi muito significativo em termos de produção e aprendizado, sendo este o período em que nos focamos na construção coletiva do acervo do Jongô na Serrinha que seria inaugurada no final

do ano. Uma das propostas conjuntas foi a elaboração de um museu virtual, que já vinha sendo discutida desde meados do ano de 2014: este projeto propunha a difusão de imagens digitalizadas de álbuns pessoais dos personagens que da história do Jongo da Serrinha, de forma que, ao resgatar seus álbuns de família também se resgata a teia de subjetividades que compõe a história da comunidade da Serrinha e todas as suas produções subseqüentes. Este projeto entende que estas famílias atuam diretamente na preservação e manutenção da memória local a partir de suas fotografias analógicas e recortes de jornal.

A demanda de organização e catalogação de materiais digitalizados já se fazia presente dentro do projeto de extensão, uma vez que o processo de coleta e digitalização de álbuns de família já era realizado desde o início do projeto (em 2011), mas foi intensificado em 2013, de forma que grande parte do acervo disponibilizado on-line era proveniente destas experiências anteriores dentro da extensão. Este fato somado a concretização da produção de um centro de memória, tornou necessária a reflexão acerca da metodologia que seria utilizada por trás da construção de um acervo museológico virtual, que deve dialogar não somente com o Jongo e a sua memória como expressão artística e cultural, mas também com suas relações com a comunidade da Serrinha e o bairro de Madureira. Trata-se de pensar um momento de suma importância dentro do projeto, pois é hora de reunir toda a produção realizada até o presente momento e gerar um produto que beneficie todos aqueles interessados em ampliar seus conhecimentos sobre o assunto, mas principalmente, de tornar acessível à comunidade uma fonte de informações que reforce suas relações de memória, afetividade e ancestralidade.

Em conversas com os parceiros externos do projeto, estabeleceu-se que a organização destes álbuns seria feita a partir do preenchimento de uma planilha enviada por eles, onde, apesar de sermos provedores de grande parte das imagens presentes no acervo, não pudemos participar ativamente da elaboração das categorias nas quais as imagens deveriam ser descritas. Não pretendo me estender aqui sobre esta questão ou até mesmo entrar em detalhes sobre os parâmetros que foram estabelecidos, mas de forma resumida, estes pediam que fossem dados títulos às imagens e fossem identificados os personagens, lugares e ano em que os registros aconteceram.

Sinto ser necessário dizer que esta foi a minha primeira experiência com um trabalho de catalogação, e, portanto, a primeira impressão que senti ao assumir essa função foi de que se tratava de um trabalho simples e mecânico

que se daria da seguinte forma: a primeira etapa consistiria em organizar os diversos arquivos coletados pelo projeto dentro do parâmetro que estabelecemos de álbuns de família. Em seguida, deveria criar uma nova planilha para cada uma destas seções organizadas, e simplesmente preenchê-las a partir do que via. A primeira etapa, que consistiu na organização objetiva dos arquivos por colecionador, se deu de forma relativamente fácil: algumas imagens ainda precisavam ser digitalizadas, porém a grande maioria se encontrava dentro da imensa nuvem de arquivos gerados pelos projetos internos da extensão, que apesar de serem numerosos, já contavam com uma organização mínima que foi muito útil para este processo. Levei cerca de um mês para conseguir organizar os acervos de Tia Maria do Jongo, Felino Feliciano e Tia Ira, e, portanto, era hora de abrir arquivo por arquivo e transformar, objetivamente, imagens em dados.

Iniciado este segundo momento, me surpreendi ao perceber que não bastava olhar as imagens: era preciso interpretá-las. Cada imagem possuía sua própria narrativa, e portanto, entendi que não é uma tarefa simples transmutar imagens carregadas de memórias e subjetividades em pequenas categorias de dados objetivos. Foi necessária muita cautela para que minhas observações, como personagem externa a esta história, se despissem de um olhar categórico para que não corresse o risco de apagar seus significados. Para tanto, decidi que a melhor forma de dar prosseguimento ao trabalho seria entrando em contato com Lazir Sinval, que além de atuar como integrante ativa dentro do Jongo da Serrinha, também desenvolve sua própria pesquisa, ou seja, era a pessoa ideal para me guiar pelas imagens.

Em abril de 2015 marcamos o nosso primeiro encontro. Lembro-me que selecionei apenas algumas imagens, porque entendi que passear por essas histórias poderia se tornar um trabalho cansativo. Foi um encontro muito produtivo para o desenvolvimento do trabalho, onde Lazir me contou sobre apresentações do grupo, as saídas de Tia Maria do Jongo na ala das baianas do Império Serrano e no Pena Vermelha e sobre a Procissão de São Jorge, ressaltando a importância cultural desse evento para comunidade. Se por um lado algumas imagens não puderam ser identificadas durante este encontro, por outro, Lazir foi tocada por algumas fotografias que retratavam sua família ou momentos importantes dentro de sua trajetória particular, inclusive me solicitou que enviasse algumas dessas imagens para o seu próprio acervo de memórias. Realizado este encontro, voltei meus esforços para a transcrição de

nossa conversa com a finalidade de utilizar a sua fala como base fundamental das descrições da planilha de dados.

Em paralelo a este trabalho, a professora e orientadora do projeto Carla Dias vinha realizando uma série de entrevistas e contatos para a coleta de novos materiais para o centro de memória. No final do mês de julho, fui convidada a participar de um desses encontros que consistia em visitar a casa de Elenice de Oliveira, filha de Silas de Oliveira. A princípio tive dificuldades em compreender a importância destes personagens dentro do projeto, talvez pelo fato de estar imersa dentro das catalogações e afastada dos demais processos de pesquisa. Porém, com o decorrer da visita, ao ouvir as narrativas evocadas por Elenice, rapidamente compreendi a forma como as teias de relações nos levaram a sua história e a de seu pai.

Ao chegar à casa de Elenice, acompanhada pela professora Carla, Aline e Lazir Sinval, fomos apresentadas a uma série de fotografias e recortes de jornais, material este que eu deveria digitalizar durante a entrevista. Ainda assim, de ouvidos abertos acompanhei a fala de Elenice que criava narrativas muito pessoais ao nos apresentar as fotos. Apresentou-nos ainda um livro de recortes de jornais que começou a ser montado pelo próprio Silas de Oliveira, sendo interessante observar a forma como o próprio escolheu narrar sua vida, o que me soou como uma autobiografia. Depois de algumas horas de entrevista percebemos que Elenice parecia já estar cansada, uma vez que passou a tarde caminhando por histórias que tocavam diretamente em suas bases familiares e afetivas e, desta forma, optamos por marcar uma segunda visita para que pudéssemos terminar de digitalizar o restante do material, pois o equipamento que eu estava usando para isso trabalha de forma lenta. Sendo assim, na semana seguinte retornei sozinha a sua casa em uma visita que seria totalmente focada nas digitalizações. Em meio a assuntos informais, Elenice perguntou se esse trabalho que realizamos geraria algum produto que pudesse ser retornado para ela e, além disso, me pediu que digitalizasse algumas imagens específicas do livro da FUNARTE para que pudesse enviar para ela. Com este trabalho com a família de Silas de Oliveira, agregamos mais um acervo em nossa coleção. Diferentemente da primeira leva, estar presente no processo de entrevista facilitou muito meu trabalho de identificação das imagens, utilizando a fala de Elenice para a catalogação de seus arquivos.



Imagem 1. Elenice e suas primas.
Recortes de jornal emoldurados. Fotos Carla Dias

Após essa etapa concluída, recebi novo material referente a colecionadores externos ao núcleo de personagens que a pesquisa estava se atendo, como Carlos Azambuja, responsável por fotografias que viriam a ilustrar o livro “Serra, Serrinha, Serrano: O império do Samba” de Raquel e Suetônio Valença, e o material coletado por Lazir Sinval em um processo pessoal de pesquisa, sendo este segundo composto basicamente por recortes de matérias de jornais, funcionando de forma mais simples para o processo de catalogação por se tratarem de imagens mais objetivas em sua essência.

Em paralelo, um dos parceiros externos solicitou que o trabalho de identificação das imagens fosse finalizado para que, então, ele pudesse cumprir o seu papel na formatação do site em si, porém, ainda existiam imagens que careciam de identificação mais profunda e outras que necessitavam de edição. Esse período final do trabalho se tornou muito estressante e cansativo, pois estávamos correndo contra prazos e, desta forma, eu e a professora Carla dividimos as tarefas da melhor forma que pudemos: aprendi a editar as imagens e a convertê-las para o formato de arquivo solicitado pelo desenvolvedor do site; também editei matérias de jornal que haviam sido escaneadas em partes, devido ao tamanho físico do material com o intuito de fazer com que estas formassem uma só imagem. Já a professora Carla marcou entrevistas com Felino Feliciano e Tia Maria do Jongo, na intenção de finalizar as identificações dos materiais. Essas entrevistas foram gravadas e seu material enviado a mim para que eu pudesse transcrevê-las e então, utilizá-las para complementação das planilhas. Outro empecilho para o envio imediato do trabalho tange a uma questão mais burocrática de permissão da divulgação dessas imagens pelos personagens, mas que também foi conversada e solucionada o mais rápido o possível.

Desta forma, depois de semanas intensas de trabalho, todo o material foi liberado, seguindo as instruções enviadas pelos parceiros do projeto e, além de enviar as planilhas separadas por colecionadores, fiz o upload das imagens em um site recomendado pelos próprios – tomando cuidado de dividir os álbuns por suas devidas coleções. Em um balanço final, este trabalho levou um ano, contando com entrevistas, organização de imagens, pesquisas históricas e edições e abrangeu cerca de 450 imagens organizadas e catalogadas através de intenso trabalho de campo. Este material pode ser visitado no site www.museu.jongodaserrinha.org.

Este trabalho foi importante para mim em diversos aspectos. Começarei falando do meu envolvimento com o Jongo da Serrinha, onde a partir de trabalho de campo e o trabalho com imagens em si, pude estreitar meus laços afetivos com o projeto: fator que influencia diretamente na qualidade do meu trabalho. Aprendi muito sobre a história do Jongo da Serrinha e do Império Serrano e me fascinei com seus personagens. Entendo que a partir disso, pude ampliar meu campo de conhecimento e percepção, aprendendo sobre as relações existentes entre pessoas, territórios e ancestralidade.

Outro ponto importante, foi a descoberta de novos interesses no campo acadêmico: trabalhar com a preservação de memória, me fez descobrir uma nova área de interesse, por mais que este tenha sido um processo difícil. Entendo que a princípio, realizar esse trabalho foi frustrante e massivo, me levando ao ponto de pensar em passar a tarefa para outro bolsista. Todavia, em seus múltiplos desdobramentos, acabei descobrindo aqui um campo de trabalho interessante e apaixonante, pois ter a oportunidade de preservar a memória é gratificante.

Referências

VALENÇA, R. T.; VALENÇA, S. S. *Serra, Serrinha Serrano: O Império do Samba*. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

SILVA, M. B. da; OLIVEIRA, A. de. *Silas de Oliveira: Do jongo ao Samba-enredo*. Rio de Janeiro: MEC/Funarte, 1981.

SERRA PEQUENA: UMA CAMINHADA PELO MORRO NA TENTATIVA DE MANUTENÇÃO DO LEGADO

RENATO MENDONÇA BARRETO DA SILVA*

* Professor Adjunto II da EEFD/ Dança da UFRJ (2010), Doutor em Artes Visuais pela UFRJ (2017), Mestre em Artes Visuais pela UFRJ (2011). Atua como dançarino no Grupo Cultural do Jongo da Serrinha (2009).

Introdução

Eu vou falar pro Seu Vito pra fincá tenda aí / aí aí, finca tenda aí.
Tenda pra caxambu finca tenda aí/aí aí, finca tenda aí. Eu vou falar
pro presidente, / pra dar um jongo e convidar a toda gente, Vovó
Teresa, ficou contente, /Fuleiro oriçando seu bigode alegremente.
As rezadeiras da Balaiada, / uma fazenda vão recordar,/do caxambu
e do candongueiro, no 13 de maio no terreiro a zoar, falei?/
Falou jongueiro.

Finca Tenda (Seu Vito) é um Jongo composto por Mestre Darcy do Jongo,^{*} um dos primeiros pontos que aprendi a cantar desde quando cheguei ao morro há 15 anos. O que me encanta nesta composição é a singeleza das rimas e o apontamento de algumas referências de pessoas da localidade, como Vovó Teresa^{**} e Mestre Fuleiro,^{***} certamente cada sujeito histórico já daria páginas biográficas.

Quando Mestre fala: – “As rezadeiras da Balaiada uma fazenda vão recordar”, estabelece dois importantes tipos de mapeamentos, o primeiro é a da localização geográfica, pois foi na Rua da Balaiada, precisamente no número 124 que residiam os pertencentes à família Monteiro.^{****} Rua íngreme e com uma grande escadaria, também foi local da fundação do Império Serrano e onde se encontra o espaço da primeira quadra da escola de Samba.

O segundo mapeamento é o histórico/temporal, pois alavanca a ideia saudosista de um tempo ruralista, fortalecendo as primeiras concepções do

* (1933-2001). Filho de Vovó Maria Joana, foi o um grande articulador para o reconhecimento pelo grupo do Jongo da Serrinha. Teve uma grande carreira como percussionista, tocando com Milton Nascimento entre outros. Introduziu diferentes instrumentos musicais para a execução do Jongo. Pouco antes de falecer passou a responsabilidade para Tia Maria do Jongo, o cuidado e a responsabilidade de transmissão do Jongo para as crianças da comunidade.

** Antiga Jongueira do Morro da Serrinha compôs o Jongo “Vapor da Paraíba” que faz parte do repertório do grupo artístico do Jongo da Serrinha.

*** Antônio dos Santos (Mestre Fuleiro) compositor foi mestre de bateria da Escola de Samba Império Serrano, considerado um patrimônio da Escola.

**** Maria Joana Monteiro, Darcy Monteiro, Eva Emely Monteiro, Eunice dos Santos Monteiro, Dely Monteiro Chagas, Darcy Antonio S. Monteiro e Nubia Augusta da Silva (GRANDRA, 1995, pp. 98-99).

imaginário de favela com algo apartado da própria cidade, marginalizado e com acúmulos de semânticas pejorativas. Além de historicamente situar o processo migratório de ocupação da zona urbana, preferencialmente os morros cariocas, por diferentes negros oriundos da fazenda de café do Vale do Paraíba.

O canto responsorial: o método em questão

A característica responsorial é aquilo relativo ao responsório, capacidade do indivíduo ou coletivo responder, é um termo originário do canto litúrgico, mas que foi adotado para classificar muitas manifestações da cultura popular, não diferente o Jongo também é categorizado desta forma na qual uma pessoa se responsabiliza por “puxa o ponto” e o grupo responde imediatamente, construindo uma egrégora circular que congrega musicalidade e dança.

Darcy tendo vivenciado isso na infância, quando reestruturou os códigos no Jongo certamente levou a característica responsorial em consideração, musicalmente e corporalmente falando, todos os elementos no Jongo da Serrinha cumprem um jogo de canto e resposta. Luiza Marmello ensina que o Mestre dizia que pra saber o Jongo “é preciso primeiro ‘introjetar’ o tambor, pra depois [...] tambor é coração”.*

A metáfora entre tambor e coração principia a relação dos elementos materiais e imateriais do Jongo, o diálogo entre corpo e música, dança e ritmo são provocações em constante processo de troca. Posto em prática, a centralidade no coração colabora para reconfiguração de referências, fruto da presença das filosofias afro diaspóricas, visto que fomos educados a compreender o mundo pela ótica da razão na qual o centro é a cabeça e os aspectos cognitivos.

É perceptível nas aulas de Jongo que quando se ensina a dança o tambor é fundamental. Um diálogo que exemplifica essa relação é o nome da batida do Candongueiro (tambor agudo) que pode ser chamado de *martelo mancador*, *mancador* é exatamente o nome de um movimento na dança do jongo, que promove o gestual da sonoridade. Darcy pensou de forma bem orquestrada o diálogo entre o Caxambú (tambor médio) e o Candongueiro,

* Relato coletado em aulas ministradas e conversas cotidianas com Luiza. Também disponível em: www.youtube.com/shared?ci=TbqSvjuXFf. Visitado em 17/10/2016.

são métricas que se completam. Além da sua canção supracitada reforçar a recordação das rezadeiras: “do Caxambu e do Candongueiro no treze de maio no terreiro a zoar, falei?”

Desta forma, como estratégia metodológica de coleta de informações farei as clássicas revisões bibliográficas, entrevistas com ex-alunos, além de utilizar o que Caputo (2012) classificou como momentos de *conversas*, ou seja, situações que não seguem um roteiro, com uma abordagem mais livre. (p. 30).

A *conversa* como método seria a busca das sincronias responsórias construídas no Jongo, nas histórias, lembranças e memórias. Não pela linearidade e sim pelo gingado dos corpos, o bailado da saia e a forma maleável com a qual a informação vai sendo fornecida. Não se trate de algo que finaliza neste relato é uma forma de experiência cotidiana.

Tenho que pedir licença, como manda a tradição.

Saravá! Uma expressão muito comum entre os jongueiros, presente em diversos pontos de Jongo, torna-se um código essencial de comunicação e demonstração de respeito. É um termo que surge a partir da alteração da palavra em português salvar e/ou da interjeição salve, desta forma quando as jongueiras cantam: “Saravá angoma-puíta, saravá meu candongueiro, abre caxambú, saravá jongueiro...”^{*}; configura-se uma ambiência de saudação e respeito.

Esse conhecimento permitiu pisar na comunidade da Serrinha *saravando* a territorialidade, a história e os indivíduos. Desde a minha chegada ao morro da Serrinha era nítida a relação de tensão e afeto entre moradores e traficantes da localidade, o morro se revela como um espaço social complexo capaz de apresentar diferentes facetas identitárias, ser jongueiro, por exemplo, é uma delas. E foi justamente por esse encantamento pelo Jongo que encarei a mística da favela e me permiti (re) construir laços de fortalecimento artístico que se reafirmaram no canto, na dança, fortalecimento político no que tange minha negritude ao identificar a cor da pele dos meus colegas de trabalho.

* Ponto de jongo. Rosário de Maria (Jongo da Serrinha) – Ponto de Louvação. Saúdam a todos, iniciou durante anos os espetáculos comandados por Mestre Darcy e por boa parte da atual formação do Grupo.

O CCJS foi inaugurado em 2001 em um espaço social com quadra poliesportiva, que era utilizada para realização de festas, assim como, um espaço geral de lazer da comunidade. Neste período as atividades como dança afro, circo, jongo, musicalização e percussão já faziam parte do histórico de ações e o atendimento de crianças e jovens da comunidade acontecia no formato de contraturno escolar. Essa edificação de aproximadamente 100 metros quadrados fica localizada em um ponto estratégico no morro da Serrinha, a vista possibilita mapear praticamente todas as entradas e saídas da favela e parte considerável dos morros e bairros vizinhos.

No Rio, como em Canudos, o morro oferece uma posição estratégica. Por sua posição privilegiada ele se debruça sobre a cidade e, isolado, oculta de quem observa de baixo aquilo que se passa no alto. Todos aqueles que chegam à sua parte mais elevada, como em Canudos, experimentam uma sensação de medo misturada a uma espécie de fascinação.*

Fui acolhido pelo projeto no ano de 2006,** estava no meu último ano do bacharelado em Educação Física e há três anos já fazia parte de um grupo de pesquisa que tem como objetivo principal a investigação das danças folclóricas brasileiras e tive a oportunidade de compartilhar com as crianças da comunidade o início de minhas pesquisas junto às danças populares. Neste mesmo ano o projeto convivia com resquícios de problemas internos e externos,** o que afetou a organização pedagógica e administrativa.

A cultura escolástica e a divisão em disciplinas sempre foram características da escola, em alguns momentos com a reprodução da estrutura da escola formal, no entanto, dois fatores são importantes para especificidade na formação jongueira. A primeira seria a forma como as artes em geral eram

* VALLADARES (2005, p. 31) defende a tese que a representação social de favela foi uma invenção e que o imaginário construído sobre a obra de Euclides da Cunha (1902) reforçou as narrativas sobre as favelas cariocas.

** Nesta época o projeto tinha Marisa Silva como coordenadora pedagógica (2006 a 2009), que me fez o convite para compor o quadro de professores do CCJS.

*** Sobre as questões internas Ver Dyonne Boy, 2006, p. 68. Confrontos entre a polícia e o tráfico de drogas local impediram a utilização do primeiro espaço construído em parceria com a Prefeitura (p. 12).

apresentadas e debatidas, Marisa Silva* formava junto dos educadores conteúdos de artistas alternativos e independentes, com apontamentos que caminhavam na “contramão” dos elementos oriundos da indústria cultural. A segunda tem como base a própria ideia do que é ser jongueiro, ligada fortemente a ancestralidade que de forma bem mediada transcendia as questões religiosas, como o conceito de respeito ao ancestral (ou ao mais velho) sendo disseminado em todas as disciplinas e o código do jongo *Machado*** usado a qualquer momento para solicitação do silêncio.

Ainda em 2006 e 2007, semanalmente estava no morro junto da equipe pedagógica, subíamos em conjunto como uma forma de segurança, todos uniformizados para identificar o local de procedência, lembro-me de subirmos por duas diferentes rotas, pela famosa Rua da Balaiada*** ou por uma estreita subida de terra que tem início na Rua Doutor Joviano,**** esta última usada com mais frequência naquela época.

Neste período aspectos como a possibilidade de redimensionar ensino e aprendizagem foram sendo apresentados, e subir o morro em conjunto não se configurava como ato simples e pragmático, tinha dimensões pedagógicas importantes, era durante esse processo que passávamos pelas casas das (o) alunas (o) as (o) convidando para irem ao projeto, ou as crianças ficavam a esperar debruçadas na janela para irmos juntos para aula.

Em uma subida de aproximadamente 10 minutos as crianças perguntavam qual seria atividade e ali mesmo a aula já começava, era difícil competir com os meninos que soltavam pipas, mas quase sempre conseguimos convencê-los a participarem das atividades conosco, assim como, bebíamos

* Foi coordenadora pedagógica do CCJS (2006-2009). Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2008) e Idealizadora do projeto Foi às cinco em ponto (2020).

** Código usado em muitas comunidades jongueiras. Expressão que tem a função de parar o ponto de jongo, para que se tenha início um novo, em outras comunidades jongueiras se usa a expressão *Cachoeira*, com a mesma finalidade. Na serrinha Lazir Sinval (liderança jongueira e cantora do Grupo Cultural do Jongo da Serrinha) ensina que *Machado* finaliza todo o ponto (letra e música), e que *Cachoeira* é utilizado quando a (o) cantadora (o) pretende continuar a cantoria, a letra termina, mas melodia continua.

*** Local onde morou Tia Eulália e família, histórico por ser considerado o espaço de fundação da escola de samba Império Serrano.

**** Local simbólico, pois é onde mora a atual matriarca do Jongo da Serrinha “Tia Maria do Jongo”.

água na casa de alguns moradores a fim de continuarmos a subida com tranquilidade. Nessas idas e vindas, subidas e descidas, pude

desconfiar que essa conjunção da casa e da rua através da estrutura do ritual popular de *visitação* (trazer a rua pra casa e devolver a casa à rua) foi ou é um dos núcleos de sentido praticamente todos os rituais e celebrações populares no Brasil (BRANDÃO, 1989, p. 21).

Naquele momento não estava em um grande festejo popular, mais o rito de passagem se configurava em um trânsito contínuo entre asfalto e morro, onde o ordenamento social dialoga com a geografia local sendo que “sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido” (DAMATTA, 1997, p. 30).

Minha condição no projeto transitava entre ações voluntárias (sem remuneração) e contratuais quando firmavam patrocínios.* Durante dois anos pude vivenciar essa temporalidade e espacialidade no morro da Serrinha, sendo que em 2008 toda equipe pedagógica e alguns materiais que sobraram foram transferidos para uma pequena casa na Rua Doutor Joviniano, nesta época, aulas de Circo, por exemplo, não continuaram por falta de estrutura, outras áreas como Teatro e Capoeira também não estavam mais no quadro de atividades.

Essa ocupação de um novo espaço ocorreu devido às diversas operações policiais e confrontos entre facções, que entendiam que aquela sede do Jongo servia de acomodação não somente para as atividades culturais promovidas para as crianças e jovens da favela. Era um espaço que estava a serviço de toda comunidade sem exceção.

A primeira mudança de sede fazia com que debatêssemos o real papel do terceiro setor no interior da Serrinha, era evidente que qualquer discurso salvacionista que tivesse como base retirar os “jovens do mundo das drogas”, não cabia aos reais enfrentamentos cotidianos, dos professores do projeto e dos moradores. Se por um lado estávamos no morro a fim de “amparar” a

* A Petrobrás foi a principal empresa patrocinadora, a ONG já fez parcerias com o projeto Criança Esperança, além de receber apoio do Ministério da Cultural. Disponível em: http://jongodaserrinha.org/?page_id=539 visitado em 10/10/2016 às 15:20.

comunidade com uma educação pela arte, quem nos “ampararia” para que nossas ações pudessem ter o devido sucesso?

Entre 2008 e 2010 a equipe pedagógica se esforçava para continuar com as atividades em uma casa improvisada,^{*} com dimensões básicas de quarto e sala, comportava uma biblioteca comunitária, instrumentos musicais e secretaria. Minhas aulas de dança eram junto aos livros, uma experiência pedagógica desafiadora, não havia estrutura física para a construção de laboratórios corporais, no fim de cada ano montávamos espetáculos com 15 a 20 jovens que ocupavam espaço cinco vezes maior que a da sala de aula.

Lembro também quando era menor uma dança que não me lembro o nome, mas a roupa foi bem criativa, foi com canga, como foi linda a apresentação! Valéria que fez nossa coreografia. Dançamos o frevo uma vez também. Adorava ir apresentar no Folclorando.^{**}

Metodologicamente o projeto sempre funcionou legitimando as transformações praticadas por Mestre Darcy e Maria Joana, os ensinamentos do jongo têm como fim a elaboração e execução de espetáculos, isso interferiu diretamente no meu procedimento metodológico referente ao ensinamento das danças populares, pois estava aberto a não impor formas e estratégias acadêmicas na Escola de jongo e sim entender como a cultura local se organiza e reforça suas formas de transmissão do saber na tentativa do diálogo horizontal com a comunidade.

Certamente a experiência da tradição existente na Serrinha cria teias e reverbera pelo espetáculo, pensar no espetáculo como tradição é compreender os entrecruzamentos socialmente construídos pelos quais aparecem as lutas culturais, que surgem mais intensamente no ponto “onde tradições distintas e antagônicas se encontram e se cruzam. [...] As tradições não se fixam para

* Chamávamos também de biblioteca. Cabe ressaltar que neste período convivemos com a instalação do principal espaço de venda de drogas da comunidade exatamente em frente a essa segunda sede.

** Conversa com Ester Silva, 16 anos, ex-aluna do CCJS, moradora da Serrinha, realizada no dia 18/10/2016. Folclorando é uma ação de extensão universitária promovida pela Companhia Folclórica da UFRJ, que reúne crianças de diferentes segmentos do ensino e promove um festival de danças populares.

sempre: certamente não em termos de uma posição universal em relação a uma única classe.” (HALL, S. 2009, p. 243).

Naquela época era bom, era os antigos né [...] eu me lembro que era um lugar muito de paz, tranquilidade como sempre foi né? Até hoje. Naquele mínimo espaço tinha todas as oficinas, e quando não dava pra subir pro centro cultural, acontecia ali mesmo, tinham bastante alunos mas não tanto quanto hoje, ai foi como eu te disse, uns morreram , e outros se afastaram.*

O relato de Ruane Silva carrega uma memória afetiva que contrasta com as minhas e isso é o valioso das realidades vividas, certamente não tínhamos todas as oficinas, oferecíamos as que podíamos, as ideias de “paz” e “tranquilidade” revela um olhar da infância para o entorno como o lugar do brincar. O que nós, equipe pedagógica, classificamos como problemas sociais para ela era mais um elemento do cotidiano.

Debruçar-me sobre os relatos das meninas faz desperta a fala de Halbwachs (2003) que afirma que a “intuição sensível está sempre no presente” e que

nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos [...]. Isto acontece porque jamais estamos sós (HALBWACHS, p. 60).

Configurou-se como um período transitório, a ocupação da pequena casa, mas como nos diz Guimarães Rosa que a importância está na travessia, foi no atravessamento dessas dificuldades que percebi a dignidade dos atores envolvidos com o projeto do Jongu enquanto identidade. Nesta altura classificar a experiência jongueira como um projeto é perceber que as pessoas envolvidas, tentam dar continuidade a um legado deixado por Maria Joana e Mestre Darcy.

* Conversa com Ruane Silva, 18 anos, ex-aluna do CCJS, moradora da Serrinha, realizada no dia 17/10/2016.

Nosso terreiro: viva o quilombinho e a casa do Jongo da Serrinha!

O início do século atual foi marcado pelo aumento de política pública para os patrimônios imateriais brasileiros, em 2000 fica instituído o registro de bens culturais de natureza imaterial,^{*} o Jongo é inscrito no livro de registro do Iphan como Formas de Expressão em dezembro de 2005. O reconhecimento governamental do Jongo potencializa as formas de diálogo e construção de valores comungados por diferentes comunidades jongueiras.

Somado a valorização das comunidades jongueiras, o conceito de Quilombo assume novas formas, o que antes estaria atrelado a espaço de fuga no período escravocrata, também pode ser entendido como um local predominantemente negro e lócus de resistência cultural. A ideia de Quilombo urbano se fortalece em várias favelas cariocas, na Serrinha não é diferente e as novas composições de pontos de Jongo utilizam o termo como forma de reafirmação da negritude jongueira.

Através das atitudes dos corpos e dos gestos se percebe alguns comportamentos semelhantes aos encontrados nos relatos sobre o Jongo num passado histórico, como as festas do dia 13 de maio e do dia de São Cosme e São Damião, as rezas e as relações com os antepassados antes das apresentações, a presença de valores colocados para as crianças na Escola de Jongo de respeito aos mais velhos, o uso de saias pelas mulheres nas rodas de jongo e de calça pelos homens, o dançar jongo de pé no chão – descalço, o uso dos tambores como instrumentos de fundamental importância etc. Essas características que se perpetuam através do tempo, podem ser ditas como tradicionais, e estão em constante luta nesse campo cultural, se rearticulando a diferentes práticas, adquirindo novos significados e relevâncias.

Em 2010, nesta caminhada de esforço de manutenção do legado, o Centro Cultural assume uma nova sede que recebeu o nome de Terreiro Tia Eva Emely^{**} Monteiro, neste contexto já fica perceptível que os atores sempre sentiram a necessidade de marcar a presença do Jongo na comunidade, nunca

* Decreto Lei 3551 de 4 de Agosto de 200. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Decreto%20n%C2%BA%203_551%20de%2004%20de%20agosto%20de%202000.pdf. Visitada em 15/07/2021.

** A partir dos estudos de GANDRA (1995) Eva Emely Monteiro era Filha de Vovó Maria Joana, herdeira da liderança da família, dançava o Jongo e cantava enquanto dançava junto

negando a favela como o principal lócus de construção identitária jongueira, legitimando com o nome dos seus ancestrais e que intimamente é chamado de Quilombinho”.

Perto de todas as demandas já enfrentadas o novo terreiro, bem mais amplo, é o acalanto para novos tempos, novas ações e parcerias.^{*} Só pelo fato de ficar localizado na famosa Rua da Balaiada, conhecida em tantas composições e próxima a casa da família Monteiro, foi no Terreiro de Tia Eva que muitas das referências jongueiras se tornavam concretas no processo pedagógico da escola, através das imagens fotográficas, estátuas de caráter religioso, recortes de jornal que eram espalhados pelo interior do terreiro, assim como pinturas.^{**}

O ambiente externo do terreiro já revela aspectos favoráveis há um período bucólico e saudosista, a entrada tem ao lado bananeiras que não maduram bananas tão doces, mas que suscitam histórias antigas de jongueiros como a do nascimento de bananeiras no fim do cântico, da dança e principalmente do som encantado dos tambores no Jongô, ou a inspiração para novas composições como o ponto de visaria do poeta Celso Marinho.^{***}

Bananeira que se tira o cacho
Não pode ficar de pé
Deita bananeira, que quero me levantar.
Xô! Pururuca, sai pra lá azar.

com os demais, fazendo parte do coro; opinava sobre a indumentária e compunha pontos de Jongô (p. 98).

* Em 2010 me torno docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no Departamento de Arte Corporal na Escola de Educação Física e Dança (EEFD). Fui convidado pela Profa. Carla da Costa Dias para coordenar em parceria um projeto de Extensão Universitária junto à comunidade.

** Em 2015 artistas plásticos grafitaram vários muros na favela da Serrinha com a face de várias personalidades do Jongô e do Samba.

*** Morador da Rua Beco Novais, que faz esquina com a Rua Mestre Darcy. Visita quase que diariamente o projeto e é conhecido como “Poeta da Serrinha”. Ver artigo deste livro de Rian Ferreira Rodrigues intitulado: **A poesia negra de resistência: notas sobre raça e classe.**

Tenho como hipótese que o poeta Celso Marinho já fazia previsões, pois no interstício 2013/ 2014 o projeto apresentou uma redução das verbas por falta de apoio, a função de coordenação (geral e pedagógica) é acumulada por Luiza Marmelo,* da mesma forma que as aulas passam a ser ministradas somente em três dias da semana e sempre no “contra turno” escolar, oferecendo aulas de danças populares, cavaquinho, jongo, percussão, canto e artes plásticas.

Naquele período a construção de ações políticas paralelas às práticas pedagógicas já anunciavam a cessão de um novo espaço na comunidade e o início das obras em um local de aproximadamente 2000m². Tratava-se da atual Casa do Jongo cedida pela prefeitura com previsão de inauguração no “segundo semestre de 2014”** só foi entregue pronta no dia 25 de novembro de 2015, em grande festa com aproximadamente 11 horas de duração.

No processo inicial da construção da Casa do Jongo a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) auxilia o protagonismo dos jogueiros na elaboração do Plano Político Pedagógico da Casa (PPPC). A Casa neste sentido transcende as dimensões físicas e pode ser entendida como

entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (DAMATTA, 1997, p. 15).

A Casa do Jongo hoje “soluciona” um enfretamento histórico de utilização do espaço geográfico, é a questão do acesso, já que a nova casa fica situada em uma rua (Compositor Silas de Oliveira, 101) “distante” das ostentações bélicas e comercialização das drogas ilícitas. Somado a muitas salas que possibilita a oferta de diferentes atividades ao mesmo tempo.

* Uma das lideranças jogueiras. Cantora do grupo Cultural Jongo da Serrinha, também é uma das coordenadoras do CCJS.

** Ver: <http://jongodaserrinha.org/ong/>, visitado em 15/07/2021.

conhecido fora do morro e nos grandes centros, foi potencializar vidas de dentro da favela através do Jongo, ele resiste assim.

A Serrinha através do Jongo reforça a superação da ideia dicotômica de favela x cidade, onde a primeira era percebida como “a outra metade da cidade” sendo compreendida como “território da violência e da pobreza, da ilegalidade frente à cidade legal” (VALLADARES, 2005, p. 20) deve-se a perspicácia de Darcy (impulsionado pela sagacidade materna) que ao descer o morro popularizou o Jongo para além da favela, esta manifestação artística faz parte do urbano e reconfigura a cidade.

Quanto ao processo pedagógico, ter minha história atravessada pela construção de ser jogueiro, só fortalece minha prática docente na instituição federal, a Extensão universitária nesse sentido viabiliza a transferência de conhecimento em duas vias e de forma horizontal.

Jogueiro vai, jogueiro vem, jogueiro está aqui e agora, quem é jogueiro da Serrinha finca tenda e está aqui e agora [...] (SINVAL, 2009).

Uma nobre característica do projeto que se estende para boa parte da comunidade jogueira é o acolhimento, e a construção de um ambiente familiar, digno de tensões, senão não configuraria uma família, capaz de permitir entradas e saídas, muitos trânsitos pela comunidade e algumas permanência. Acredito que pude “finca a tenda”.

Referências

BOY, D. C. *A Construção do Centro de Memória da Serrinha*. Dissertação de Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais em História, Política e Bens Culturais – PPHPBC / Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea – CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

BRANDÃO, C. R. *A cultura na Rua* – Campinas, 1989.

DAMATTA, R. *A casa e a rua*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, p. 11 – 64. 1997.

GANDRA, E. *Jongo da Serrinha: Do terreiro aos palcos*. Rio de Janeiro: GGE-Giorgio Gráfica e Editora / UNI-RIO, 1995.

HALBWACHS, M. *A memória Coletiva*, Centauro: São Paulo, 2003.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais* – Editora UFMG: Belo Horizonte, 2009.

JONGO DA SERRINHA. Disponível em: <http://jongodaserrinha.org/ong>. Acesso em 15/07/2021.

VALLADARES, L. do P. *A invenção da Favela: do mito a origem a favela com*, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

DANÇANDO E CONTANDO AS MEMÓRIAS DE TIA MARIA DO JONGO

ALINE OLIVEIRA DE SOUSA *

* Professora de Educação Física do município do Rio de Janeiro, Mestre em Filosofia e integrante do grupo artístico Jongo da Serrinha.

Introdução

*Ai meu zirimão, estendo a mão / Boto os meus pés no chão / Dai-me licença / A Serrinha é um Quilombo / E pra Tia Maria do Jongo Eu peço a benção.**

O presente relato resulta da experiência que vivenciei, no ano de 2012, em montar juntamente a professora Jéssica Castro,** e os educandos da Escola de Jongo da Serrinha, um espetáculo que contava memórias de Tia Maria do Jongo, para ser apresentado no Festival Folclorando*** e na própria Escola de Jongo.

A ideia sobre esse tema, surgiu numa proposta de juntar minhas pesquisas do mestrado**** sobre as memórias Tia Maria do Jongo e as aulas de danças populares, que eu e Jéssica Castro ministrávamos.

Os objetivos da nossa experiência eram possibilitar que os educandos se aproximassem mais das histórias sobre a vida da Tia Maria do Jongo e o Jongo da Serrinha, oportunizá-los a construir um espetáculo de dança e teatro e vivenciassem o Festival Folclorando, fruindo e se apresentando.

Dividimos nossas aulas com alguns temas relacionados ao espetáculo: Jongo, memória, samba e dança afro. Fizemos uma parceria com a professora de artes plásticas, Rosiane Cunha,***** que construiu junto aos educandos alguns figurinos, adereços e cenário para o espetáculo. Nossas aulas e montagem do espetáculo eram todas no terreiro da Escola de Jongo da Serrinha, localizado na Rua da Balaiada, n. 106, no Morro da Serrinha, em Madureira.

* “Jongo Vista Forte”, composição de Lazir Sinval.

** Aluna do curso de Bacharelado em Dança da UFRJ e bolsista do projeto “Preservando e construindo a memória no jongo”.

***Mostra anual de trabalhos realizados por crianças e adolescentes desenvolvidos em escolas e projetos sociais, organizado pela Cia Folclórica do Rio – UFRJ na Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sempre ao final de cada ano.

**** Estava no meu primeiro ano do Mestrado em Filosofia, no programa de Pós-graduação em Estudos Culturais, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP). O mestrado foi finalizado no ano de 2015.

***** Aluna do curso de Belas Artes da UFRJ e bolsista do projeto “Preservando e construindo a memória no jongo”.

As aulas eram ministradas para crianças e adolescentes, de 5 a 14 anos. Iniciávamos sempre nossas aulas com uma atividade prática, de dança ou teatro. Utilizávamos algumas ferramentas, como músicamecânica, instrumento de percussão e/ou vídeo. E no final de cada aula, havia uma roda de conversa, onde avaliávamos juntos aos educandos o que havíamos construído até o momento e como seguiríamos.

Construí o texto e o roteiro do espetáculo, a partir do repertório teórico das minhas pesquisas junto a Tia Maria do Jongo. Tia Maria é a atual mestra e matriarca do jongo no Morro da Serrinha e recebeu do Ministério da Cultura o título de Mestre Griô.* Escutar suas histórias e memórias é momento de aconchego e simpatia. Ao chegar em sua casa, o ouvinte-visitante pode ter a certeza de ser muito bem recebido.

Marco teórico

Tia Maria foi criada na Rua da Balaiada e mudou-se, quando se casou, para a Rua Doutor Jovinião, também na Serrinha. Casou-se com Ivan Mendes, aos 20 anos de idade. Seu nome de batismo era Maria de Lourdes de Oliveira. Com Ivan, Tia Maria teve dois filhos: Ivan Mendes Filho – falecido em 2006 em decorrência de um câncer nos pulmões – e Ivo Mendes, que atualmente é casado e também é jongueiro do grupo Jongo da Serrinha.

Na Rua da Balaiada morava uma senhora chamada Maria Joana (que passaria a ser conhecida como Vovó Maria Joana Rezadeira), casada com Pedro Monteiro, com quem teve 14 filhos. Tia Maria cresceu junto a eles, devido à proximidade e à amizade entre as suas famílias. Pedro Monteiro

* O termo griô é um abasileiramento do termo francês griot, que define um “arcabouço imenso do universo da tradição oral africana. [...] O termo griô tem origem nos músicos, genealogistas, poetas e comunicadores sociais, mediadores da transmissão oral, bibliotecas vivas de todas as histórias, os saberes e fazeres da tradição, sábios da tradição oral que representam nações, famílias e grupos de um universo cultural fundado na oralidade, onde o livro não tem papel social prioritário, e guardam a história e as ciências das comunidades, das regiões e do país.” O governo federal, no papel do Ministério da Cultura, cumpre a Lei Griô, que contempla alguns mestres e mestras do saber popular brasileiro com incentivos financeiros e estruturais a seus trabalhos desenvolvidos nas suas comunidades. Ver mais informações em: <http://www.leigrionacional.org.br/o-que-e-gri/>. O Jongo da Serrinha não recebe mais esse incentivo para continuar com o projeto.

trabalhava no cais do porto do Rio de Janeiro, mas aprendera a música como autodidata e transmitiu essa paixão para seus filhos. Maria Joana era umbandista e sempre rezava ladainhas nas casas de pessoas das redondezas em dias dedicados a santos católicos. Tia Maria conta que ao final dessas ladainhas, bem tarde da noite, os mais velhos faziam o jongo, porém era proibida a participação das crianças. Então, quando acabavam as ladainhas, as crianças tinham que ir dormir, mas, por vezes, ela e seus amigos ficavam acordados escondidos vendo os adultos fazerem o jongo. Isso rendia boas brincadeiras de jongo no dia seguinte. Entre as crianças que brincavam com Tia Maria, estavam os vários filhos de Pedro e Maria Joana, como Darcy. Assim conta Tia Maria:

*Menina, mocinha, assim, quando a gente ia pro jongo, no dia seguinte, minha filha, o jongo era no terreiro da minha mãe, que é onde mora a Gina, né? As lata d'água que minha mãe usava pra carregar água era os tambor. Furava as lata toda, minha mãe reclamava (rindo enquanto fala)... Molequinho, Darcy, os irmão de Darcy. Darcy era pequeno ainda, mas os irmão de Darcy tudo batendo o jongo**

Tia Maria recorda com muito carinho vários momentos que viveu ao lado de Vovó Maria Joana e Pedro Monteiro, a quem ela chama de “dona Maria e seu Pedro”. Conta que um ajudava o outro e que ambos adoravam festas. Na casa deles sempre tinha baile e muitas crianças da vizinhança junto com a Tia Maria, frequentavam a casa da família.

*Antes dela ser dona de terreiro, ela dava muito baile. [...] A gente dançava à beça na casa dela. Depois é que ela virou pra umbanda. Aí, já... já mudou, né? Já não tinha muitos... aqueles bailes. E a gente sempre ali com ela, né? Sempre agarradinha com a dona Maria. Que ela era boa demais.***

* Entrevista com Tia Maria, no dia 14 de abril de 2012, em sua residência no Morro da Serrinha.

** Entrevista com Tia Maria do Jongo, no dia 25 de setembro de 2012, em sua residência no Morro da Serrinha.

Relembrando sua infância, Tia Maria diz que nasceu jongueira:

*Eu já nasci jongueira, na barriga da minha mãe eu já era jongueira, que minha mãe já veio de Minas em 1910. Ela já veio cantando jongo, falando do jongo, nasci em 1920. Já nasci jongueira. Só que a minha mãe não dançava, ela cantava, cantava muitas músicas.**

Tia Maria relembra o nascimento da Escola de Samba Império Serrano, no ano de 1947, a partir de uma ideia de seu irmão Sebastião de Oliveira, conhecido como “Molequinho”. Conta que havia no Morro da Serrinha a escola de samba “Prazer da Serrinha”, liderada pelo senhor Alfredo, e que, embora sempre fizesse desfiles muito bonitos, a escola começou a cair nas colocações, chegando próximo ao último lugar entre as demais. Seu irmão Molequinho ficou muito chateado e com a ajuda de outro irmão, o João, começou a procurar pessoas que pudessem ajudá-los a criar uma nova escola de samba.

Existe uma forte ligação do samba com o jongo, principalmente no Rio de Janeiro. Há pesquisas que apontam que o samba “nasceu” do jongo e muitos autores reiteram a sentença de que “o jongo é o pai do samba”. O grupo Jongo da Serrinha mantém forte essacaracterística, utilizando até um surdo como instrumento para tocar o jongo, e na escola de samba Império Serrano Tia Maria é tratada com muito carinho e respeito. Apesar de ter crescido junto ao samba e ter participado da fundação da escola, Tia Maria sempre diz que se houver uma festa no mesmo dia no Jongo da Serrinha e no Império Serrano, ela vai preferir o Jongo da Serrinha.

Relembrando as festas e os jongos que presenciou na infância, Tia Maria diz que:

No meu tempo de criança tinha (o jongo) aqui na (rua) Mano Décio, pra quem ia pra Itaúba, na casa do Seu Antenor. Tinha na Dona Florinda, lá no Morro da Congonha, tinha jongo. Tinha jongo na casa do seu Vieira, ali na Rua Portela. Em (casa de seu) Manoel

* Entrevista com Tia Maria do Jongo, no dia 04 de setembro de 2014, em sua residência no Morro da Serrinha.

*Pesado, em Rocha Miranda, dava aquele jantar pros cachorros, que Dona Maria Joana¹¹⁵ dava, seu Manoel Pesado também dava.**

Tia Maria conta que, já adulto e trabalhando como músico, Mestre Darcy montou um grupo de apresentações de jongo (Jongo Bassan, que depois passou a se chamar Jongo da Serrinha) e começou a dar aulas para os mais jovens tanto na comunidade quanto em outros lugares, como em universidades e na Escola de Música Villa-Lobos. Darcy era incentivado por sua mãe, Vovó Maria Joana, que começou a perceber que as rodas de jongo estavam se tornando menos frequentes, os jongueiros velhos morrendo e a juventude não se interessava pela manifestação. Tia Maria lembra com muita alegria a época que viveu com o Grupo Jongo da Serrinha ao lado de Mestre Darcy. Pouco antes de falecer, Mestre Darcy escolheu Tia Maria para dar continuidade ao seu trabalho no Jongo da Serrinha, principalmente com as crianças.

O grupo Jongo da Serrinha, que foi fundado por Mestre Darcy com a intenção de divulgar e fazer apresentações do jongo em diferentes locais, é composto atualmente por Tia Maria do Jongo, Dely Monteiro (sobrinha de Mestre Darcy), Lazir Sinval (sobrinha-neta de Tia Maria), Luiza Marmelo (ex-aluna e braço direito de Mestre Darcy),¹²¹ Ivo Mendes (filho de Tia Maria), e outras pessoas da comunidade do Jongo da Serrinha.

As recordações de Tia Maria compõem um acervo de dados sobre a vida de diversos atores sociais que passaram e escreveram a história do Jongo da Serrinha. Elas dão forma e esclarecem muitos discursos sobre essa manifestação, que se esconde atrás de preconceitos e valores institucionalizados. Sobre isso, Ecléa Bosi afirma que:

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura (BOSI, 2004, p. 15).

* Entrevista com Tia Maria do Jongo no dia 14 de abril de 2012, em sua residência no Morro da Serrinha.

A manifestação do jongo na Serrinha, através do Grupo Jongo da Serrinha, passou por diversas transformações, desde as rodas de jongo nos terreiros até os palcos. Os atuais atores sociais do Jongo da Serrinha possuem diferentes bagagens de vida e experiências com o jongo. Alguns foram nascidos e criados no Morro da Serrinha, outros conheceram a família Monteiro e outras famílias jongueiras da Serrinha. Alguns passaram a morar na Serrinha já adultos, conhecendo o jongo a partir de Mestre Darcy, outros conheceram o jongo por Mestre Darcy em diferentes espaços da cidade do Rio de Janeiro. Alguns foram trabalhar na ONG ou na Escola de Jongo, outros foram ou ainda são alunos da Escola de Jongo. Toda essa diversidade de formas de se relacionar com a manifestação, corrobora com a memória coletiva desse grupo, que se constrói, principalmente, nesse espaço/tempo da família Monteiro na Serrinha.

Contudo, se a memória coletiva deve sua força e sua longevidade ao conjunto de pessoas que a mantém consigo, são os indivíduos que a explicitam, enquanto integrantes do grupo. Nesta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade para cada um. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo a posição que ocupo e que essa mesma posição muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (cf. HALBAWCHS, 2006, p. 69).

O Jongo da Serrinha é um “lugar de memória” onde não se encontra uma história estanque, e sim memórias vivas que são interpeladas pelo tempo, pela história e pelas mudanças. Lugar que estabelece uma ligação entre o passado e o presente, num emaranhado coletivo e individual de identidades e memórias, de formas sagradas e profanas, que é híbrido e, ao mesmo tempo, antigo e atual. Como explica Nora (1981), os lugares de memória

são, eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro. Não que não tenham conteúdo, presença física ou história; ao contrário. Mas o que os faz lugares de memória é aquilo que pelo que, exatamente, eles escapam da história. [...] Nesse sentido, o lugar de memória é um lugar du-

* Pierre Nora (1981), em seus escritos, esclarece as definições de memória, história e lugares de memória.

plo: um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações (NORA, 1981, p. 27).

Conclusão

O espetáculo, que recebeu o título “Tia Maria do Jongo: memórias e histórias do Jongo da Serrinha”, contou com toda essa diversidade de informações referentes à vida de Tia Maria do Jongo, como consta no roteiro do espetáculo:

Tia Maria do Jongo: Memórias e Histórias do Jongo da Serrinha

A partir das lembranças da Tia Maria do Jongo, as crianças da Serrinha contam um pouco da história do Jongo no Morro da Serrinha, num diálogo constante entre a tradição e a modernidade. Pedimos licença aos antepassados, sabendo da riqueza e da amplitude de personalidades que fizeram história no Morro da Serrinha, para contarmos brevemente as memórias de Tia Maria. Dá licença ioiô, dá licença iaiá...

CENA 1 – Todos saem das coxias, de cabeças baixas, como negros escravizados. Enquanto isso estará sendo lido o POEMA de Celso da Serrinha sobre a vinda dos escravos da África para o Brasil. Todos sentam em quatro fileiras na posição inicial.

MÚSICA: YAYÁ MASSEMBA – Maria Bethânia*

Roupas: Meninas de macacão, quem tiver, se não calça de murim e blusa branca. Meninos calça de murim e blusa branca.

*CENA 2 – Entre a música Yayá Massemba e a Ore Moreira,** há um grito de “MACHADO!!!” e as crianças param de braços levantados e ficam em potencial (estátua). Todos vão para suas duplas em suas posições.*

MÚSICA: ORE MOREIRA

CENA 3 – A música vai terminando e as crianças vão saindo para as coxias jongando.

Fica em cena no placo a ESTER como TIA MARIA.

TIA MARIA: – Oh, IIIIIvooooo!!! Traz meus óculos, minha saia, meus cordões, menino!!! Que eu tenho que contar uma história para essas crianças que estão aqui. Tenho que contar uma história do

* Composta por Roberto Mendes e José Carlos Capinan, interpretada por Maria Bethânia.

** Composta por Luiz Flávio Alcofra, interpretada por Lucio Sanfilippo.

Jongo da Serrinha, lá do Morro da Serrinha em Madureira onde eu nasci!!!

(Entra MANOEL como o IVO, levando os óculos, a saia, os colares e o pano de cabeça

e ajuda a Tia Maria a se arrumar em cena)

TIA MARIA: – Bom! Bom dia crianças. Eu me chamo Maria de Lourdes, mas vocês podem me chamar de Tia Maria, é, Tia Maria do Jongo. E Esse aqui é o Ivo, meu filho! Lindo de mamãe, né? Fala com eles Ivo...

IVO: – Bom dia!

TIA MARIA: – Ai, que bom! Gente, a história que eu vou contar aqui, é um pouquinho da história do Jongo da Serrinha. Mas, olha, seu Barboza, eu não vou demorar muito não, tá? Vocês conhecem o Barboza? Dizem que ele é meio brabo, né? Eu não posso demorar muito! (fala como que se quisesse falar baixo). Bom... A Serrinha que eu falo pra vocês fica lá em Madureira. Eu cresci vendo o jongo e o samba naquele morro. Lá nasceram e se criaram muitos jongueiros, sambistas e compositores. Lá é terra de bambas! Aiai, sabe que começar a lembrar de tempos atrás, me bate uma saudade... Ai, meu filho, como era diferente aquela Serrinha, tempos que voltam mais... (Tia Maria sai com Ivo para coxia enquanto a próxima música começa)

*CENA 4 – MÚSICA: SERRA DOS MEUS SONHOS DOURADOS
Todos entram sambando, ficam um pouco no centro do palco e saem para as coxias novamente.*

(Roupa: Meninas de saia do folclorando do ano passado, sem as fitas, e meninos, de bermudas verdes e blusas brancas)

GLEICIANE entra como TIA EULÁLIA, junto com todos.

Duas meninas entram, uma com o estandarte do Jongo da Serrinha e outra com a bandeira do Império Serrano.

Só não entra: Wallace e Lorraine (pois estarão se arrumando para próxima cena), e

Manoel e Ester (que acabaram de sair).

A porta bandeira entrega a bandeira para Gleiciane.

A música vai terminando e GLEICIANE fica em cena em potencial. ESTER, como TIA MARIA, na coxia em off, começa a falar sobre a Tia Eulália.

TIA MARIA: – Ahh, minha irmã Eulália! Que saudades!!! Nasceu em Minas Gerais e veio para o Rio de Janeiro com os meus pais! Casou-se com Nascimento, e por muitos anos deram jongo na casa deles, lá na Rua da Balaiada, na Serrinha. Mas o grande amor da minha irmã Eulália, era o samba. Foi na casa deles, em

1947, que fundamos a Escola de Samba Império Serrano. Você sabem que no primeiro ano que desfilamos, em 1948, vencemos o carnaval! Nossa, a Serrinha ficou muito animada, foi muita festa e alegria! Essa minha irmã aí, era muito guerreira, pelo Império Serrano ela brigava e tudo... Jongueira e sambista, essa minha irmã deixou muitas saudades...

MÚSICA: TIA EULÁLIA NA CHIBA

Todos entram (inclusive, Lorraine e Wallace, como Vovó Maria Joana e Mestre Darcy)

dançando. No refrão fazem uma roda em volta da Gleiciane.

(Roupa: Meninas e meninos com as mesmas roupas da outra música)

A música vai terminando, e as crianças saem cada uma para sua coxia.

Somente ficam em cena: LORRAINE como VOVÓ MARIA JOANA e WALLACE como MESTRE DARCY em potencial.

CENA 5 – ESTER, como TIA MARIA, na coxia em off, começa a falar:

TIA MARIA: – Dona Maria, mais conhecida como Vovó Maria Joana Rezadeira. Nossa, quando eu era pequena vivia junto dela, ela costurava e fazia vários vestidos pra mim. Quando ela ia rezar as ladainhas pros santos, nas casas de outras pessoas, lá ia eu com ela. Mas sempre depois das ladainhas, eles faziam jongo, e eu com as outras crianças tínhamos que ir dormir. Então Dona Maria, fazia nossas caminhas. Mas a gente não dormia não, ia lá, ficar espiando o jongo que os mais velhos faziam... Hihihhi (dá uma risadinha)... Vovó Maria Joana, abriu na sua casa um terreiro de umbanda, e começou a dar várias festas pros santos na sua casa. Ela era uma pessoa muito boa, ajudava muita gente, naquela Serrinha. Abria sua casa pra cuidar de pessoas que estavam mal e com fome, fazia partos e curava muitas doenças. Teve vários filhos, entre eles Eva e Darcy, que aprenderam a gostar do jongo, assim como ela. Darcy, ou Mestre Darcy do Jongo, como o chamavam, era um pouco mais novo que eu, e crescemos juntos na Serrinha. Gostava de música, fez da música a sua vida e trabalhou com muita gente boa. Mas ele também era muito bom, era um visionário, gostava de criar coisas novas, e fazia isso com muita arte. No jongo, não foi diferente, colocou violão e cavaquinho... dizia, que se os negros escravos tivessem tido acesso a outros instrumentos musicais, eles já tinham colocado no jongo também... Hihihhi... Só Darcy mesmo!!! Ele era demais! Rearranjou os toques dos tambores, e criou nomes para os passos do jongo. Isso facilitava as pessoas a aprenderem o jongo, pois muitos dos mais velhos já tinham morrido, e ele quis ensinar as crianças da comunidade a gostarem do jongo como

ele. Compôs muitas músicas e jongos, inclusive agora me lembrei de um jongo que ele escreveu para sua mãe Maria Joana...

MÚSICA: JONGO DE SÁ MARIA – cantado por Luiza e tocado ao vivo por Renato, Anderson Vilmar e Ruan.

VOVÓ MARIA JOANA E MESTRE DARCY começam a dançar jongo no meio do palco. Enquanto isso vão entrando em cena pelo fundo Simone, Maria Eduarda e Tássia Helen que farão: DELY, LAZIR E LUIZA. Elas ficam dançando próximas aos tambores. VOVÓ MARIA E MESTRE DARCY começam a sair de cena, e Luiza grita MACHADO quando eles estiverem próximos a coxia.

CENA 6 – Ficam em cena DELY, LAZIR E LUIZA, em potencial, ao lado dos tambores, mas um pouco mais no meio do palco.

ESTER, como TIA MARIA, na coxia em off, começa a falar:

TIA MARIA: – Essas aí, são as meninas da Serrinha... as minhas meninas. Dely é neta de Vovó Maria Joana, filha de Eva e sobrinha de Darcy. Lazir é minha sobrinha-neta. E Luiza foi a aluna querida e braço direito de Mestre Darcy. Foi com elas que Darcy, antes de falecer pediu para eu ficar e não deixar o jongo da Serrinha. Elas que dão conta daquele espaço lá na Serrinha, e firmes na nossa fé aos nossos antepassados e amor ao jongo me ajudam a continuar. Dely é a herdeira do terreiro da sua vó e não deixa aquela casa, cuidando da sua herança. Luiza e Lazir dão aula na Escola de Jongo, e passam seus conhecimentos para as crianças da Serrinha. Ah, minhas meninas, muito obrigada! Passamos por tanta coisa juntas né? (ESTER VAI ENTRANDO EM CENA) Mas vocês sabem, que sou muito apaixonada por tudo isso. Se tiver uma festa no Império e no Jongo, adivinha para onde vou? Para o jongo, é claro!!!

MÚSICA: CUIDADO VOVÓ – ver se pode ser ao vivo, com Manoel Arthur no cavaco, Wallace no pandeiro e as três meninas cantando com a Ester. (Não precisa ser a música toda!!!)

CENA 7 – Assim que acabarem de cantar, ESTER fala:

– Mas sabe, crianças, o que me dá mais esperança e felicidade, é saber que o Jongo na Serrinha, não vai morrer. Ele está vivo em cada criança daquela comunidade. É um novo tempo, em um novo espaço, que cria e recria o jongo a cada dia.

As crianças entram batendo palma e cantando o jongo “abre a roda ioio, iaiá” (sem o som dos tambores inicialmente). Quando o tambor começar a bater, ester vai até o público e chama tia maria para

* Ponto criado e construído pelos educandos da Escola de Jongo da Serrinha junto ao professor Renato Mendonça.

vir para a roda de jongo. Começa o jongo “Preta velha jongueira”, cantado por Lorraine. Sequência de jongos ensaiados pela professora Lazir.

(As crianças vão entrar com a blusa do jongo, saias de chita e bermudas verdes)

Tia Maria cantou, dançou e se emocionou com a homenagem. O Festival Folclorando desse mesmo ano, 2012, também homenageou Tia Maria, e por isso pudemos apresentar o espetáculo duas vezes, para o turno da manhã e para o turno da tarde.

Foi uma experiência muito rica, em diferentes aspectos, tanto para os educandos da Escola de Jongo, quanto para nós, professores educadores. Foi um processo de descobertas, de criações coreográficas e cênicas feitas em parcerias, e de muito estudo teórico e prático sobre o que é e como é trabalhar com memórias, e transformá-las em espetáculo. Ao indagar Ester, atualmente com 16 anos, sobre as apresentações que ela participou na Escola de Jongo, ela lembrou com muito carinho desse espetáculo:

*Apresentamos uma vez sobre o navio negreiro, melhor apresentação da minha vida. Fiz o papel de Tia Maria. Como fiquei famosa (risos).**

Referências

BOSI, E. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

NORA, P. “Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares”. In: *Projeto História: Revista do Programa de Pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC/SP*. São Paulo, 1981.

* Conversa informal realizada com Ester no dia 18 de outubro de 2016.

CADERNOS DIÁRIOS DE MEMÓRIA: NARRATIVAS SOBRE O COTIDIANO DA FAVELA DA SERRINHA

DEISE PIMENTA^{*}
RAFAELA SILVA^{**}

* Assistente Social ESS/ UFRJ; Especialista em Políticas Públicas e Movimentos Sociais pelo NEPP-DH/ UFRJ; Mestranda no PPGSS pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

** Professora de Artes Visuais licenciada em Educação Artística – Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

“Serra Serrinha Serrano eis o berço Imperiano onde tudo começou terra de sambista e de jongueiro, São Jorge é seu padroeiro Molequinho avisou”.

(Roberto Ribeiro e Toninho Nascimento)

Meu nome é Rafaela Silva, conheci o projeto “Construindo e Preservando a Memória do Jongu da Serrinha” no ano de 2014 através do professor Renato Barreto na disciplina Folclore na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Na época, o projeto estava precisando de uma licencianda do curso de Artes Plásticas para que pudesse participar auxiliando nas aulas de Artes na Escola de Jongu. Minha contribuição para esse projeto era administrar, junto com a aluna Roseane do curso de Pintura (EBA – UFRJ), as aulas de Artes Visuais.

Nas aulas de Artes, nosso trabalho era voltado para os seguintes temas: a Cultura do Jongu, a Cultura Popular e a Arte Africana. No ano de 2014, as aulas eram realizadas no alto do Morro da Serrinha, um espaço que abrigava as atividades de artes, canto, dança e percussão. Auxiliamos as crianças na realização da pintura mural desse espaço, no qual as crianças participaram pintando a parede principal da escola. O tema da pintura seria a escola de jongu e seguiria o que os alunos gostariam de pintar na parede relacionada ao jongu.

Esse espaço recebeu o nome “Terreiro da Serrinha Tia Eva Emely Monteiro”, uma homenagem a uma antiga jongueira do morro. Nosso maior problema na época foi aplicar essas atividades na escola, ao passo que a favela vinha sofrendo conflitos de facções criminosas e operações policiais. E por motivo de segurança as aulas eram frequentemente canceladas. Em minhas subidas ao morro para poder realizar minhas atividades com as crianças, pude conhecer a tia Ira, uma rezadeira com quem fiquei muito próxima, além de sua família.

Tia Ira me relatava a importância do jongu dentro da Serrinha, citava alguns nomes importantes de pessoas que contribuíram para que o jongu não morresse. Entre esses nomes, o que ela sempre mencionava era o Mestre Darcy e a Vovó Maria Joana, pude também conhecer a Elaine, filha da tia Ira. Os relatos que ela me contava sobre a Vovó Maria Joana é que, em determinadas datas comemorativas, a Vovó Maria Joana cantava ladainhas no dia de São Pedro. E no dia de São Lázaro, fazia um grande banquete dos cachorros. Era

um ritual em que as comidas eram servidas no chão. Os primeiros a serem servidos eram os cães.

A Vovó Maria Joana foi parteira, rezadeira e Mãe de Santo. Em sua casa, ela realizava rituais de umbanda, cujo nome era “Tenda Espírita Cabana de Xangô”. Recebia todas as pessoas que precisavam de algum tratamento, seja ele de espinhela caída, quebranto, vento virado entre outros males. No dia 30 de setembro, realizava uma festa para Xangô, onde as pessoas caminhavam até a Pedra de Xangô com oferendas na cabeça até o local.

A tia Ira ajudava muito a Vovó Maria Joana na hora dos partos. Dizia ela que a Vovó Maria Joana era uma pessoa muito bondosa, pois ajudava sempre as pessoas que precisavam de algum alimento e moradia e Vovó Maria Joana ensinou todas as rezas para a tia Ira, e, até hoje, a tia Ira realiza a “Festa de Xangô” e reza as pessoas. Eles também contavam sobre o Mestre Darcy, que foi o filho da Vovó Maria Joana. O Mestre Darcy ajudou a divulgar o “Jongo na Serrinha”. Eles foram pessoas muito importantes para a história do jongo aqui no Rio de Janeiro, pois tinha com eles essa resistência cultural, luta e sobrevivência dos negros que foram escravizados.

Sou Deise Pimenta, paraense e estou morando no Rio de Janeiro há dez anos, cheguei a esta cidade purgatório da beleza e do caos em 2006 no mês de agosto. Minha decisão de vir para o Estado do Rio está diretamente ligada a uma vaga para trabalhar como empregada doméstica, a proposta foi aceita e em 2006 passei a trabalhar e morar no local de trabalho como doméstica. Após dois anos na dura rotina de empregada doméstica resolvi me matricular num pré-vestibular comunitário da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Dentro de um ano de estudos no pré – vestibular, minha trajetória havia tomado outros rumos, sonhava com uma vaga na universidade pública, mesmo com todas as dificuldades impostas pelo fato de continuar trabalhando como doméstica, tinha pouco tempo para dedicar-me aos estudos. Assim, consegui passar para uma vaga em Serviço Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Entre na universidade no período de 2009/2, tudo era uma grande descoberta, as aulas, os colegas, a realidade diferenciada e distante da minha realidade, o campus onde estudei (Urca, Praia Vermelha). Assim que assumi a vaga no curso de Serviço Social, também consegui uma vaga na residência estudantil – o alojamento da UFRJ, como popularmente é conhecido entre a comunidade acadêmica.

Minha inserção no território da favela da Serrinha se deu no ano de 2013, num primeiro momento fomos convidadas pelas coordenadoras do projeto a acompanhar as atividades que eram desenvolvidas na escola do jongo, local hoje conhecido como Terreiro da Tia Eva, onde eram oferecidas aulas diversas para crianças moradoras da favela. Assim pude assistir e fazer algumas sistematizações e registros fotográficos a partir da metodologia de observação participante das aulas de cavaquinho, cultura popular, percussão, canto, artes plásticas e de jongo.

No ano de 2015 começamos a observar uma necessidade comum entre os alunos atendidos em nossas aulas, no caso na aula de artes plásticas e jogos de imagens, os mesmos apresentavam questões complexas sobre o território da favela da Serrinha, questões essas que estavam intrinsecamente ligadas ao cotidiano de uma favela como a Serrinha, com histórias e personagens incríveis que remontam a história do jongo, do samba, da escola de samba Império Serranos fundada em 1947 por famílias que até hoje habitam na favela, um caldo cultural incrível.

O Morro da Serrinha é localizado no bairro de Madureira, que fica no subúrbio da zona norte do Município do Rio de Janeiro. Até 11 de novembro de 1926, parte do que é hoje o bairro de Madureira fazia parte da freguesia de Irajá (LOPES, 1992, p. 2).

Neste sentido, nosso objetivo geral é apreender as percepções que as crianças e os adolescentes possuem sobre a favela onde moram, sobre suas relações cotidianas e projetos de futuro. A metodologia escolhida para tal fim se deu a partir de construções de jogos permeados de ludicidade para que os mesmos pudessem se colocar dentro desse espaço coletivo a partir de criações de narrativas para elaboração do cotidiano alinhado com as histórias que contadas pelos mais velhos da favela e também pelos professores na Escola de Jongo da Serrinha,

Deste modo, tal metodologia também é replicada em diferentes espaços de aulas na Escola de Jongo. Nossas aulas eram permeadas sobre temas específicos, utilizando jogos e brincadeiras nos quais a oralidade e a expressão corporal e criações no campo da arte foram elementos chaves para podermos lançar mão no momento da elaboração do Caderno diário memória,

assim aulas de artes plásticas e jogos de imagens serviram como espaço para discussão de assuntos que as crianças achem relevante em seu cotidiano.

Decidimos então, trabalharmos a construção do caderno diário memória em etapas, num primeiro momento desenvolvemos jogos lúdicos com crianças e adolescentes, já que muitas crianças não tinham tempo em suas casas para brincarem, pois estavam cuidando da casa ou até mesmo dos irmãos para que suas mães pudessem trabalhar. Nesse sentido o momento dos jogos lúdicos se dava numa necessidade de fazer com que os alunos pudessem sair de um comportamento mecânico e fossem sensibilizados para a construção do espaço coletivo.

Em seguida, nós desenvolvemos as possibilidades de criação do Caderno diário memória segundo as singularidades de cada um, pois no grupo havia crianças que por conta da pouca idade ainda estavam sendo alfabetizadas, então para estes trabalhávamos com desenhos. Para os maiores, os que sabiam ler e escrever nós trabalhávamos com desenho e também com a escrita. Deste modo, incentivamos as crianças e adolescentes a pesquisarem sobre suas histórias, de suas famílias, a história da favela da serrinha para que a elaboração sobre o cotidiano se tornasse um momento de trocas coletivas.

Assim, para a construção do caderno, as crianças faziam as capas, cada qual lançava mão de materiais distintos, os mesmos eram oferecidos pela Escola de Jongo, algumas capas tinham uma ligação com flores, corações e, em alguns outros desenhos com personagens que eles gostavam. Dentro desses cadernos as elaborações sobre suas formas de perceberem a favela e a relação dos mesmos com as manifestações artísticas e culturais presentes no território eram diversas.

Dentre alguns desses alunos destacamos alguns, na intenção de ilustrar o trabalho desenvolvido. Muitos colocavam suas relações com o Jongo da Serrinha, a dança, os tambores e as aulas de capoeira, aulas de canto, ou outras atividades que eram oferecidas para eles na escola de jongo. O cotidiano da favela e sua história também apreciam de forma frequente nos desenhos e nas escritas e falas dos mesmos.



Imagem. Rafaela Silva

Á exemplo de como o cotidiano e memória histórico cultural do local estão presentes na construção de identidades das crianças e adolescentes, apresentaremos um breve relato de uma criança, uma menina de aproximadamente 10 anos, de quando propusemos que desenhassem algum local na Serrinha que fosse especial para eles, a menina desenhou as escadarias da Rua Balaiada, local onde ficava localizado a antiga sede de Escola de Jongo da Serrinha, mas não apenas isso, tal rua é uma ladeira famosa na Serrinha que abriga o local onde foi criada a G.R.E.S Império Serrano e fica localizado o antigo Centro Umbandista “Cabana de Xangô” a qual a zeladora era Vovó Maria Joana. Quando questionamos o porquê que a menina havia escolhido aquele local, a mesma nos disse que era onde está a raiz.

No período que compreende o mês de novembro de 2015 estávamos passando por um momento importante de transição. A antiga sede da escola de jongo localizada na Rua Balaiada teria uma nova sede, tratava-se de um espaço público pertencente à prefeitura do Rio de Janeiro que após estar há anos abandonado foi reclamado pelas coordenadoras da escola de jongo para abrigar as atividades que já eram desenvolvidas com crianças e adolescentes da Serrinha. A prefeitura concordou em reformar o imóvel e

com a concessão de uso pelo Grupo Cultural Jongu da Serrinha por 12 anos e passível de renovação.

A Casa do Jongu surge das articulações políticas das lideranças jongueiras junto ao poder público, que possibilitou a assinatura de um termo de cessão de uso do espaço da prefeitura à ONG, este termo assinado em 21 de Janeiro de 2014 “soluciona” um enfrentamento histórico de utilização do espaço e na questão do acesso, já que a Casa fica situada em uma rua, distante das ostentações bélicas (SOUZA; SILVA, 2014, p. 15).

Sendo assim, nós os educadores que ocupamos a antiga sede concordamos que continuaríamos desenvolvendo nossas atividades com as crianças e adolescentes e participaríamos da grande festa de inauguração. Como estávamos trabalhando com as crianças e adolescentes na construção dos Cadernos Diários Memórias, fomos convidados pela coordenação da Casa do Jongu a expor os cadernos no dia da Inauguração da Casa do Jongu. Assim, ao fim da experiência da construção dos mesmos os colocamos numa exposição produzida pelos alunos no dia da inauguração.

Ainda nesta época de efervescência e preparativos para inauguração da Casa do Jongu algo interessante nos ocorreu, as adolescentes que participavam da nossa aula de construção dos cadernos diários memórias nos surpreenderam com uma solicitação para que elas pudessem desfilarem no dia da inauguração da Casa. Logo nos dispusemos a contribuir com as meninas. De rápido conseguimos algumas peças no brechó da Casa do Jongu e sugerimos algumas opções, elas adoraram e nós além da exposição dos cadernos diários memórias, também tínhamos um momento para o desfile das meninas.



Imagem. Deise Pimenta

Assim, no dia 29 Novembro de 2015 o clima na favela da Serrinha era de festa e celebração, houve roda de samba e exposição de empreendedores populares, produtos artesanais e gêneros alimentícios. Na casa haveria a inauguração de uma exposição de fotos de moradores antigos da favela, personagens importantes da história local. Neste dia pela manhã houve um grande encontro de grupos culturais e moradores da favela ao pé do morro da Favela da Serrinha e todos subiram em procissão para a inauguração da Casa do Jongo, localizada à Rua Compositor Silas de Oliveira número 100.

Deste modo, acreditamos que nossa passagem pela extensão universitária e a possibilidade de nos inserirmos em um espaço de trabalho coletivo em formação a foi muito enriquecedor para nossas vidas, pois pudemos conhecer a história dessa expressão cultural genuinamente brasileira, herança ancestral dos negros que aqui chegaram escravizados, da resistência que há na construção e na preservação da memória de um território como a favela da Serrinha, com tantas histórias de resistência.

Nesse sentido, uma resistência forjada na urgência de um cotidiano também difícil, pois a favela da Serrinha e seus moradores sofrem com violência que é algo presente no cotidiano destas crianças e adolescentes, o tráfico, a violência policial e as possíveis violências sofridas em família, essas questões também foram vivenciadas por nós bolsistas enquanto estávamos

desenvolvendo nossas atividades. Houve dias que tivemos que descer a favela durante um intenso tiroteio entre policiais do BOPE e traficantes da favela, foi uma manhã aterrorizante.

Sobretudo, quando tínhamos que ao mesmo tempo ficar calmas e tentar não assustar mais ainda os nossos alunos e alunas, sabíamos que eles precisavam de nós calmos para não causar pânico, e assim permanecemos fortes para poder dar suporte aos alunos. Durante uma tarde, estávamos em aula quando começou um intenso tiroteio, tomamos as medidas de segurança, pedimos que todos ficassem abaixados até acabarem os tiros. Uma menina de 10 anos, na época, chorava apavorada, quando a educadora Rafaela Pereira tentou acalmá-la, a menina mostrou uma enorme cicatriz na perna e disse que tinha sido uma bala perdida, por isso ela estava com muito medo.

Acreditamos que tenhamos que somar esforços, nessa articulação entre população de área de favela, universidades e movimentos sociais, para que a história e todo legado de resistência de uma favela como a Serrinha não seja ignorado e abafado por conta da violência estampada nas manchetes de jornais que optam em mostrar apenas a questão da violência e dos conflitos armados, cada vez mais comuns na maioria das favelas do Rio de Janeiro, infelizmente.

Portanto, que a favela da Serrinha e tantas outras cariocas sejam palco, berços de transformações, de sonhos individuais e coletivizados, que os jovens estejam vivos e em segurança. Que o “Jongo da Serrinha” que, até então, não conhecíamos e nos foi possibilitado através da extensão ser parte de ações reais na favela, continue sendo um sonho de democratização da cultura brasileira resistente.

Agradecemos o grande privilégio e grande prazer que tivemos de conhecer e conviver com as pessoas que fazem da favela da Serrinha este lugar mágico, “*terra de sambista e de jongueiros*” com uma história ainda a ser descoberta pela maioria do povo brasileiro. Que como nós, cada cidadão brasileiro possa ser impactado pelo conhecimento e adesão da cultura popular, à memória de resistência de espaços de favela como a Serrinha, bem como buscar na história a importância da luta pela preservação do Jongo e dança de matriz afro.

Portanto, conhecer e valorizar a nossa cultura faz com que possamos levantar reflexões e discussões que contribuem com o despertar da consci-

ência coletiva sobre a importância das raízes culturais e a preservação de sua história.



Imagem. Deise Pimenta

Texto escrito em 2015 e editado em 2021

Escrevemos este texto há cinco anos, e ao revisitarmos a escrita ao mesmo tempo somos invadidos por inúmeros sentimentos, entre eles o de saudades e alegria por termos partilhado momentos de aprendizados mútuos juntamente com a juventude da Serrinha. Na época era estudante de graduação em Serviço Social e deste modo assumimos um compromisso junto com a também estudante de Artes Plásticas Rafaela Silva conduzirmos o trabalho intitulado Cadernos diários de memória: narrativas sobre o cotidiano da favela da Serrinha.

Ao revisitarmos tais memórias, inevitavelmente somos invadidos pela saudade dos nossos encontros, experiência esta que nos marca profundamente, tal qual um jongo cantado por nossa grande Matriarca do Jongo Tia Maria do Jongo que nos deixa no ano de 2019 ao longo de seus 98 anos, grande parte deles dedicado ao samba, ao seu menino de 47 – Glorioso Império Serrano, assim como o Jongo. Tia Maria parte e deixa um grande legado para a comunidade em geral, sobretudo para os jovens que a tinham

como um tesouro centenário jongueiro, nossos respeitos e honra Tia Maria Saravá Jongueira Velha.

Por fim, reiteramos a máxima defesa da educação pública universitária e o tripé que a sustenta: ensino, pesquisa e extensão, pois acreditamos que o espaço de formação da pesquisa e extensão universitária seja uma escolha político teórico e prática para transformação social. Importante frisar o fato de que revisamos tais memórias e ações realizadas há cinco anos (2016) em meio a Pandemia do COVID-19 (2020-2021), e com isso, quase dois anos de isolamento social, muita vidas perdidas para o vírus por descaso e falta de investimento em pesquisa.

Em tempo, salve a Serrinha sua juventude preta viva e produtora de vida em seus territórios, salve jongueiros novos e velhos, salve a Universidade Pública. Nossos agradecimentos a todas e todos que encontramos ao longo de quatro anos de atuação no território da Serrinha pelo projeto Preservando a Memória do Jongo da Serrinha, à todas companheiras e companheiros dessa experiência incrível transformadora e de encontros ancestrais Axé, Saravá!

Referências

APPADURAI, A.; BRECKENRIDGE, Carol A. Museus são Bons para Pensar: O patrimônio em cena na Índia. *MUSAS Revista Brasileira de Museus e Museologia*, n. 3, 2007. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2007.

ARRUTI, J. M. A. Mocambo: Antropologia e História do processo de formação quilombola. Bauru: EdUsc, 2006.

BARBOSA, A. M. A imagem do ensino da arte: anos oitenta e novos tempos: São Paulo, Perspectiva, 2005.

BROUGERE, G. Brinquedo e cultura. São Paulo: Cortez, 1995

BECKER, Howard S. Arte como ação coletiva in: Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro: Zahar,

BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas cidades, Editora 34, 2002.

BOY, D. C. A Construção de um centro de memória na Serrinha. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais) – FGV, Rio de Janeiro, 2006.

CASTELLS, M. O poder da identidade: a era da informação, economia, sociedade e Cultura. 2v. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CLIFFORD, J. A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

DIAS, C. Panela de Barro Preta: a tradição das paneleiras de Goiabeiras. Rio de Janeiro: Mauad X. 2006.

DAUSTER, T. Um outro olhar: entre a antropologia e a educação. In: *Antropologia e Educação – Interfaces do ensino e da pesquisa*. Caderno Cedes. N.43. Campinas: Centro de Estudos e Sociedade, 1997.

PASSOS, M. C. O jongo, o jogo, a ong: um estudo etnográfico sobre transmissão da prática cultural do jongo entre dois grupos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Departamento de Pós – Graduação em educação da PUC-Rio, 2004. (Tese de Doutorado).

LOPES, N. O Negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical: partido alto, calango, chulas e outras cantorias. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

PIMENTA, D. Relatos de Experiências de ensino na escola de Jongo da Serrinha (Madureira/RJ) In: Plano Nacional de Extensão Universitária – Coleção Extensão Universitária – FORPROEX, vol.1 In: http://www.renex.org.br/Index.php?option=com_contentview=articleid=45&Itemid=20 – 01 de novembro de 2016.

PROPOSTA DE PLANO QUINQUENAL DE DESENVOLVIMENTO PARA A UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Série UFRJ. *Debate. Setor de Mídia Imprensa Institucional de Acessória e de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Março de 2006.

SOUZA, A; SILVA, B. A Casa do Jongo: uma forma de reafirmação da arte jogueira. In: Revista da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia.

UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA DE JONGO

ROSIANE CUNHA BARBOSA *

* Estudante do curso de Pintura da Escola de Belas Artes / UFRJ. Bolsista do projeto de Extensão no período de abril de 2010 ao final de 2014.

Comecei na escola de jongo em abril de 2010, através do programa de Extensão da UFRJ e permaneci até 2014. A proposta era ensinar artes plásticas para crianças com os temas: arte africana e jongo. A minha expectativa era muito grande pois nunca tinha entrado numa comunidade e ainda, numa tão famosa quanto a Serrinha pois aconteceram coisas muito importantes para a nossa cultura – escola de samba, o jongo, artistas da música brasileira. Então ficava imaginando como seria, como viviam, como moravam, se tinha essa violência toda que a imprensa nos faz pensar. Porque o que acreditamos, o que a imprensa nos faz acreditar é que é um lugar muito violento e que tem muitas mortes, conflitos quase que diários entre traficantes e não é bem assim. Quando comecei a frequentar achei um “bairro” como outro qualquer. Não tinha essa violência toda, nos últimos três anos é que ficou complicado, pois os conflitos entre traficantes aconteciam mais, e durante esses dias, a situação ficava difícil. Mas quando não tinha esses períodos difíceis, era um lugar como outro qualquer. Há mercadinhos, bares, lojas de materiais de construção, salões de beleza e escola municipal. Chegava sempre muito cedo na Serrinha e pude observar as pessoas: umas saíam pela manhã para seus respectivos trabalhos, outras colocando seus filhos na escola, outras levando seus filhos para a escola de jongo, outras que faziam compras nos mercadinhos, etc. A violência só existia quando havia conflitos entre os traficantes, e nessa hora dava muito medo.

Nos últimos anos de meu estágio, houve conflitos entre o morro do Cajueiro e a Serrinha, e por conta dessa briga, entre traficantes, das duas comunidades, várias foram as vezes em que as aulas foram suspensas. Algumas vezes observei adolescentes com motos, desfilando pelas ruas, impondo suas armas, sem nenhum tipo de receio. Era constante esse “passeio”. Além disso, quando chegava à Serrinha, já avistava um grupo de 3 a 4 meninos em idade de adolescência, de 13 a 15 anos e que ficavam nas primeiras esquinas da comunidade, armados. Uma vez passei por uma situação que fiquei com muito medo. Assim que saí da rua Edgar Romero e entrei na comunidade, na rua Mano Décio, logo a minha frente havia um menino que apontava uma arma em minha direção, fiquei gelada e pensei “Eu não acredito que esse menino vai atirar em mim, o que eu fiz?” e continuei andando, e o menino com a mira em mim, e quando cheguei bem próximo a ele, passou um carro e o garoto passou a mirar no carro. Nossa! Eu fiquei muito tremula e gelada nesse dia. Cheguei na escola de jongo com muito medo, até que me acalmaram. E logo

depois começou a chegar os alunos e ainda bastante nervosa, me recuperei e começamos as aulas.

Outra situação tensa aconteceu quando, já na escola de jongo, para dar aulas de artes, e de repente, começa um tiroteio e tivemos que ficar na escola eu e outro professor. Enquanto isso um aluno da serrinha, descia as escadas, uniformizado e com fones nos ouvidos, tranquilo, parecendo achar a situação normal. Não houve como nos avisar porque o problema aconteceu justamente quando nós, professoras, tínhamos acabado de chegar à escola de jongo e então ficamos na escola até que a situação melhorasse. Quando aconteceu, saímos da escola, descemos, ainda nervosas e quando justamente, no meio do caminho, recomeçaram os tiros, corremos até que conseguimos chegar à rua principal, pegar o ônibus e saímos de lá. Foi bastante complicado aquele dia.

As aulas de artes, eram bastante interessantes. As crianças vinham sempre. Havia alunos de cinco a quatorze anos de idade. Então as turmas, manhã e tarde eram cheias. Os alunos tinham uma alegria que me impressionava. Sempre atuantes nas aulas. Lembro que sempre havia a bagunça característica: muito falatório, algumas brigas e alguns xingamentos e eu tinha um aluno que quando eu pedia silêncio para começar a aula, e ninguém ligava, ele intervinha e gritava, gritava bem alto para todos calarem a boca que eu iria falar! Eu pensava: nossa! E quase ria da atitude do menino. E a turma ficava calada e assim eu podia começar a aula. No final, pegava a vassoura, o balde e a pá para varrer o chão, e essa atitude era motivo para outros alunos também quererem fazer o mesmo e isso ocasionava outras brigas, discussões que só terminavam quando eu acionava alguém da administração. Não era sempre que terminava em briga, às vezes eles entravam em acordo e havia a distribuição dos “serviços finais”. E o engraçado era que essa atitude de limpar a sala, guardar o material, começou com os próprios alunos.

As crianças dançavam o jongo na última sexta-feira do mês, porque nesse dia específico, a escola recebia alunos, visitantes e turistas que queriam conhecer o jongo. Então a escola preparava as crianças para se apresentarem naquele dia. Elas também se apresentavam em outros lugares como escolas públicas ou outros locais. Elas se vestiam, as meninas com as saias longas, coloridas e rodadas e os meninos com bermuda e blusa do jongo. Se apresentavam ao som do jongo, onde os artistas da música e da dança, que eram os professores respectivos, se apresentavam juntos. A apresentação durava

cerca de 30 a 40 minutos e as pessoas gostavam de conhecer uma cultura tão pouco divulgada e que fez parte do nosso passado, da nossa história.

O que me chama a atenção são as crianças. Essas crianças que num ambiente tão difícil, problemático, violento, chegavam à escola de jongo com um sorriso enorme, com um carinho, com uma alegria tanta que eu sempre questionava o porquê, pois não havia motivos para serem assim, mas são crianças, tinham sede de conhecimento, de saber o que nós tínhamos para dizer para elas, o que nós fazíamos ali. Elas tinham vários problemas: no colégio, quando não havia greves, havia a falta de professores, ou muitas vezes eu ouvia que não gostavam da professora tal porque não tinha paciência ou porque tratava mal, que elas gostavam eram de nós, professores do jongo porque tínhamos mais paciência, segundo elas. Outro problema que pude perceber era a falta de uma estrutura familiar – muitas crianças ficavam em casa quando os pais iam trabalhar e algumas delas, saíam, desobedecendo a ordem dos pais e quando chegavam do colégio iam para fora de casa para brincar. Alguns pais quando tinham conhecimento disso batiam em seus filhos, batiam muito. Já outros pais tinham outra maneira de reagir: não se importavam. Deixavam para lá. Outros pais levavam seus filhos pequenos, com cinco anos, para a balada, chegando em casa as seis da manhã. Tinham alunos que eram criados pelos avós porque os pais iam trabalhar. Havia crianças que tinham vários irmãos de pais diferentes e também havia conflitos. Havia crianças que não tinham pais, eram criados por seus tios. Alguns eram muito rebeldes. Mas com todos esses problemas elas vinham para a escola de jongo com um alegria imensa, chegavam felizes, foram vários os registros que fiz, dessa alegria, desses sorrisos, desses carinhos, desse amor todo apesar das imensas dificuldades que vivem, apesar de todo o descaso do governo, elas seguem e pensar que elas tem tão pouca idade pra viver isso tudo. Muito triste.

Nas aulas de arte, havia um momento em que permitia que, depois da tarefa principal, que normalmente era um trabalho que unissem o jongo, a África, eles desenhassem de forma livre. Havia um trabalho principal, por exemplo, em uma das aulas faríamos instrumentos de percussão como o chocalho, usando materiais recicláveis. Então preparávamos os materiais e no finalzinho da aula, me pediam para fazer desenhos e eu permitia. Então eles desenhavam sempre, armas, homens encapuzados empunhando armas e quando eu via esses desenhos pergunta para eles: “porque desenharam

isso?” e a resposta: “É porque é maneiro, tia”. Eu dizia para eles que armas matam pessoas e que não era uma atitude legal, de quem impõe armas numa cidade. E eles ficavam me olhando pensativos. Mas o desenho, quando eles podiam, quando havia espaço em nossas aulas, eles voltavam a desenhar e eu a questioná-los o porquê. Algumas brincadeiras também remetiam a essas situações, quando havia um intervalo, alguns meninos se encapuzavam com suas camisas e começavam a “brincar” dessa forma e imediatamente eu os questionava: por que estão brincando assim e eles: “É brincadeira, tia eu não to com arma, eu não sou bandido”. E eu dizia a eles que essas atitudes não eram brincadeiras, não eram legais.

Assim que entrei na escola de jongo, logo imaginei que seria ótimo ter como tema do meu trabalho de conclusão de curso, o jongo, pois eu poderia registrar sob a forma de pintura, uma arte importante e que é pouco divulgada. Foi uma ideia que foi amadurecendo. Então comecei a pensar em como eu poderia utilizar esse conhecimento. Então pensei em registrar tudo o que acontecia, para ter uma ideia geral e depois refinar meus pensamentos sobre o que eu queria. Nas aulas de arte, sempre trazia minha câmera e registrava fotos das crianças nas aulas, no fazer artístico, nas brincadeiras, no carinho de uns com os outros, na amizade, nas festas, na arrumação da sala e na apresentação da dança. Havia, na escola de jongo, uma vez por mês a apresentação das crianças dançando jongo para visitantes, turistas, festas, reportagens e tive o privilégio de registrar esses momentos. A preparação, a armação, as dicas finais, a entrada, a dança, os passes, o comportamento e a finalização da dança.

Registros redesenhados

Atualmente, estou no último período do curso de pintura e trabalho com as imagens que obtive na escola e que fazem parte de meu trabalho final. Foram muitos os registros e em vários momentos. Destaquei uma imagem que fiz com meus alunos. Certo dia, depois de registrar algumas fotos de meus alunos na aula de artes, um deles me pediu que tirasse uma foto porque iria dar um salto. prontamente disse que sim e me posicionei para o tal pulo. Vi o menino fazer um entrelaçamento com as mãos para que o outro menino colocasse o pé em suas mãos entrelaçadas e desse o pulo. O menino, então

se aproximou e eu olhando para clicar, pisou nas mãos do outro e deu um salto e eu cliquei. Só que o salto não era um salto comum como eu pensara, era um salto mortal! Isso mesmo! Um mortal!! Eu nem acreditei no que o menino fez! Fiquei de “boca aberta”! Nunca pensei que uma criança ia dar um salto daqueles! Fiquei sem palavras e eles começaram a rir de mim, e eu, chocada! Depois do transe eu perguntei a eles: “Por que fizeram isso? Podiam se machucar!”, novamente riram e me disseram que estavam acostumados a fazer isso. Faziam sempre, diziam eles. Até hoje quando eu penso nessa foto eu me assusto!



Hoje trabalho com diversas imagens que obtive na escola de jongo para a conclusão do meu TCC.

Durante o período em que estive na Serrinha, registrei muitas imagens da escola, dos alunos em atividades, das brincadeiras, das apresentações. Utilizei, primeiramente, meu celular e depois uma máquina digital. Na época eu não tinha o olhar correto para registrar as imagens, então a maioria das minhas fotos não ficaram muito boas, o olhar, com o tempo foi aprimorando e mais tarde consegui realizar melhores imagens.

Com as imagens eu passei a imaginar cenas, então passei a desenhá-las e fui montando-as. A partir dos desenhos, fiz uma pequena composição, já no óleo para definir a paleta. Assim fiz estudos de cada personagem para depois, passar para a tela principal. Seleccionei alguns trabalhos de pintura

que apresentarei no meu Trabalho de Conclusão do Curso de Pintura. São trabalhos de grande formato, medindo aproximadamente 1,60 X 1,10cm.



Imagem. Estudo (Grafite papel Canson 50 X 35) – Roda de Jongo.
Em execução (Óleo sobre Tela – 1,60 X 1,08)



Imagem. Estudo sobre Roda de Jongo (Óleo sobre Tela – 1,60 X 1,08), 2018



Imagem. No Jongado de Tia Maria (Óleo sobre Tela – 1,60 X 1,08), 2021



Imagem. Protetores do Jongo – Vovó Maria Joana e Mestre Darcy – em execução.
(Óleo sobre Tela – 1,60 X 1,08)





Imagem. Estudo para Bailarinas Jongueiras II – em execução (Óleo sobre Tela – 1,60 X 1,08)
Bailarinas Jongueiras I – em execução (Óleo sobre Tela – 1,60 X 1,08)



Imagem 3. Estudo Luíza (Óleo sobre Tela – 45 X 30), 2018

Pude conhecer a comunidade, conviver, ainda que por um breve período, senti com eles alegrias e tristezas, pude testemunhar o quanto é dura essa realidade e que se não existir uma política de inclusão social, dificilmente teremos uma solução.

O que eu levo da Serrinha, da escola de jongo, é a alegria. A alegria de crianças, que apesar de toda dificuldade sofrida, do descaso, do abandono, de falta de estrutura familiar, conseguem ter, ainda assim, motivos para serem alegres.

FAZENDO ARTE NA CASA DE JONGO

HENRIQUE DANTAS*

* Bolsista PIBEX do ano de 2016 a 2018. Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisador do tema Educação Popular em Saúde, Coordenador da campanha “Com o Ballet Manguinhos o COVID, dança!”, em ações contra o COVID-19 de março a setembro de 2020. Desde 2017 é Educador Social na EJA-Manguinhos, que acontece na Escola Politécnica de Saúde/FIOCRUZ, atuando com jovens e adultos apoiando-se no método freiriano de educação popular. Pesquisador desde setembro de 2020 no Projeto de pesquisa Inquérito COnVIDa, que acontece no Instituto Nacional de Infectologia/FIOCRUZ. Licenciando-se em Geografia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Introdução

As ações de extensão da UFRJ, seguindo o conceito de extensão universitária definido pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX, 2010), visa promover a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade, devendo ser orientada, formulada e implementada seguindo as diretrizes de: integração dialógica, interdisciplinaridade e interprofissionalidade, a indissociabilidade ENSINO – PESQUISA – EXTENSÃO, bem como, o impacto na formação do estudante e o impacto na transformação social.

De acordo com este conceito e essas diretrizes o Projeto de Extensão Preservando e Construindo a Memória do Jongu, vinculado à UFRJ, vem desenvolvendo um trabalho dentro da Casa de Jongu da Serrinha, no Morro da Serrinha em Madureira. O projeto é voltado para crianças, adolescentes e jovens, constituindo ações que buscam registrar a memória da Comunidade, promovendo a troca de experiências, numa reflexão a respeito da trajetória social, cultural e de identidade das pessoas envolvidas.

Como entrei no Projeto de Extensão

Sou nascido e criado na Serrinha e posso observar, há tempos, que é um território vulnerabilizado, precário, difícil acesso à educação, saúde, saneamento, emprego, só que, no entanto, rica em sua construção identitária e cultural, a partir da memória da comunidade que cultiva traços ancestrais da tradição do Jongu e sobrevive em meio ao caos.

Na efervescência desse caldo de cultura, é formado o Grupo Cultural Jongu da Serrinha com mais de 50 anos de existência, e a pelo menos 16 anos oficialmente como uma associação sem fins lucrativos com a missão da promoção do jongu como patrimônio imaterial do Sudeste e seus desdobramentos sociais para desenvolvimento humano.

O Grupo ficava sediado num terreiro no alto do morro da Serrinha, um ambiente com peculiaridades que restringiam o desenvolvimento do trabalho feito pelo Grupo, após tempos de negociações, em novembro de 2015 passa a estabelecer-se na Casa de Jongu da Serrinha, uma casa localizada no acesso da comunidade, com amplas instalações e que foi cedida

pela Prefeitura do Rio de Janeiro sob uma concessão de 15 anos ao Grupo Cultural Jongo da Serrinha.

Na semana seguinte à inauguração da nova sede procurei a administração da Casa de Jongo, fui conversar com a Lazir, uma das coordenadoras, e contei para ela que sou artesão, poeta, estudante de Serviço Social da UFRJ e apresentei uma proposta para ministrar uma oficina de artesanato com materiais reciclados com as crianças da Serrinha. Minha maior expectativa seria desenvolver exercícios, que propusessem desconstruir práticas alienadas, construir a consciência da importância do conhecimento do todo, a concepção que envolve a capacidade de discernir o que, porque e para que da necessidade do trabalho, na sua forma categórica de transformação da natureza e sua respectiva valoração, através do aprendizado e desenvolvimento artístico das técnicas artesanais para a confecção do artesanato.

A arte mostra-se como um elemento que tem a capacidade de incidir contra os processos de alienação porque faz com que o indivíduo se perceba em sua totalidade, como ser social, e dá possibilidade a este indivíduo de se manifestar de uma maneira única, reconhecendo-se no que produz (SCHERER, 2013, p. 75).

Com a resposta positiva para esta proposta, embalada ao som da linda voz da Lazir cantando o “samba do ancestral”, de Martinho da Vila, comprometo-me assim, como que num momento de oração comigo mesmo e os meus ancestrais, a compartilhar o conhecimento das minhas experiências de vida e dos conteúdos acadêmicos apreendidos durante minha formação de Assistente Social, para a comunidade onde nasci e me criei, e assim, tenho a oportunidade de aprender ainda mais.

Comecei a atuar como Oficineiro de Artesanato na Casa de Jongo da Serrinha sendo voluntário, no entanto, devido à dificuldade gerada a partir das minhas condições econômicas eu só estaria com as crianças em apenas um sábado por mês, fato que criou uma dificuldade na interação, continuidade e, até mesmo, a realização do cumprimento dos objetivos da proposta para a Oficina de Artesanato.

Apesar dessas circunstâncias demos início às aulas nos sábados no horário entre 14 e 15 horas, sem conseguir montar nem ao menos uma turma durante janeiro e fevereiro de 2016, a Oficina não se consolidou devido

a variação de alunas(os) que não chegavam a 5 por sábado, passou a ser um mero momento de recreação de desenho artístico para quem estivesse por lá e não tivesse outra coisa para fazer, comprometendo todo objetivo e frustrando as expectativas da Oficina.

Como era Oficineiro voluntário fui convidado a participar das reuniões de professores da Casa de Jongo juntamente com a coordenação da Casa e, durante uma dessas reuniões, compartilhei toda minha angústia quanto ao que estava acontecendo e os motivos pelo qual não consegui desenvolver as oficinas de artesanato e, justamente, nessa reunião conheci Renato Mendonça, Professor de dança da UFRJ e coordenador da ação. Conversamos durante aquela tarde e ele me apresentou o projeto ao qual coordena e, que, misticamente, afinou-se aos objetivos e expectativas tanto dele quanto as minhas. Fui convidado a integrar o projeto como bolsista (abril/2016 a fevereiro/2018) com o Professor afirmando que: “nada melhor que um aluno da UFRJ e da própria comunidade para integrar o projeto”.

Fazendo Arte na Casa de Jongo da Serrinha

Para fins de orientações da ação de extensão como Oficineiro de Artesanato, o professor Renato indicou-me como bibliografia a autora Edir Gandra, em “Jongo da Serrinha: do terreiro aos palcos”, e à luz desse trabalho, num movimento de reconhecimento das raízes do Jongo da Serrinha, atentei para a relação de ancestralidade que perpassa tanto o Jongo quanto o artesanato.

Assim como a tradição do jongo é transmitida através do repasse de ensinamentos dos mais velhos para os mais novos, e podendo ser ressignificadas por estes com a inclusão das crianças e de novos instrumentos, podemos considerar que a aprendizagem do artesanato enquadra-se nesses moldes de ancestralidade, com ensinamentos de técnicas que são milenares datadas de tempos antes de Cristo e ressignificadas pelas novas formas de trabalho e com as tecnologias que passam a ser incorporadas à atividade, ainda assim, a exemplo do jongo, o artesanato mantém seu caráter histórico, cultural e de geração de renda, o que permite manter-se vivo, forte e sempre presente em nossa sociedade.

Essa noção de ancestralidade foi providencial para desenvolver uma linha de atividades que viabilizassem atitudes de cooperação e respeito, como

por exemplo desenhos coletivos que todo grupo colabora para dar um sentido ao desenho. Durante as atividades surgiam conversas que abordavam sobre relações de gênero, homofobia, preconceito racial e religioso dentre outros temas sociais.

Na Oficina o nosso objetivo é desenvolver atividades cognitivas, mediadas pela arte, inspirando a criatividade e estimulando a ideia de identidade, ancestralidade e reconhecimento de direitos através dos princípios de cidadania e democracia. Para este trabalho realizamos nossas ações com referência, também, no Projeto Ético-Político do Serviço Social, que norteia princípios éticos da profissão, “[...] o projeto se declara radicalmente democrático – considera a democratização como socialização da participação política e socialização da riqueza socialmente produzida” (NETTO, 2006, p. 3).

Relato de Experiência como Oficineiro de Artesanato

As oficinas acontecem às segundas-feiras, pela tarde e às quartas-feiras de manhã com alunas/os numa faixa etária entre 5 e 15 anos, numa frequência média de 10 alunas(os) por aula.

Em consonância com a referência teórica nossa metodologia é composta por aulas explicativas, participativas, conversas e observações, onde as crianças passam a conhecer as ferramentas, os equipamentos de proteção para o trabalho, noções sobre os materiais para produção do artesanato articuladas a temas como meio ambiente, reciclagem e técnicas artesanais. Uma de nossas produções foi um chaveiro de madeira de caixote reciclado, escrito com um nome pirografado (escrita com fogo), escolhido pelas crianças.

A teleologia e o trabalho também são categorias exercitadas de forma lúdica com as crianças, sendo a idealização abstrata do chaveiro o primeiro passo para posterior produção concreta e, durante a confecção do chaveiro onde todas as etapas duraram cerca de dois meses, elas praticaram desenho, caligrafia, conhecimentos sobre espaço e tempo, falamos das figuras geométricas, fizeram uso monitorado das ferramentas, lixaram o molde de madeira no formato de coração e escreveram com o pirógrafo, de forma bem personalizada cada uma fez o seu.

[...] o elemento trabalho é a objetivação da vida genérica do homem: ao não se reproduzir somente intelectualmente, como na consciência, mas ativamente, ele se duplica de modo real e percebe a sua própria imagem num mundo por ele criado (MARX, 2006, p. 117).

Foi possível observar, nas oficinas de confecção deste chaveiro de madeira, uma aparente reflexão, por parte das(os) alunas(os), sobre princípios e valores. Esta observação foi feita a partir dos resultados das atividades e análises das conversas que surgiam durante as atividades. As crianças e adolescentes demonstraram melhor desenvoltura na postura e no falar, na caligrafia e controle das técnicas de desenhos desenvolvidas com o passar das Oficinas e apreensão dos conteúdos aplicados, além de uma sensível melhora no comportamento em aula, no tocante ao convívio dessas crianças que era bem mais agressivo e agora já demonstram maior capacidade de reflexão sobre suas atitudes.

No decorrer da Oficina ficou perceptível a reprodução do cotidiano dessas alunas(os), que vivem imersas(os) em violação de direitos, violência, falta de informações básicas e invisibilidade social. Muitas vezes as atividades não acontecem, em média perdemos duas aulas por mês devido à violência instalada no território onde está situada a Casa de Jongo da Serrinha. Vive-se lá uma guerra constante entre traficantes e policiais e entre os traficantes de facções rivais, expondo ao risco de morte todas(os) que por ali moram, trabalham ou circulam.

As Oficinas demonstram relevância pois é uma oportunidade para melhoria das condições da formação sócio educacional dessas crianças e jovens da Comunidade. Todas(os), que participam, trabalham atividades que são essenciais para o seu processo geral de aprendizagem e sociabilidade. O espaço de interação e produção de artesanato na Casa de Jongo, através do Projeto de Iniciação Artístico Cultural da UFRJ, é indispensável para a realização da articulação do conhecimento obtido na Universidade, proporcionando a troca de saberes entre a academia e a comunidade, bem como, o desenvolvimento humano a partir do conhecimento e execução de atividades voltadas para arte e cultura.

Algumas Considerações

O trabalho de pesquisa/extensão proporcionou uma observação quanto à lacuna que existe na aproximação entre a Casa de Jongo e a Comunidade. A problemática se mostra na falta do levantamento de dados sobre o perfil social dessas crianças e famílias que utilizam os serviços da Casa de Jongo, essa escassez de dados não nos permite investigar nem conhecer as principais ocasiões que desencadeiam as evasões e frequente mudanças do público que frequenta a Oficina, ficando exposta a necessidade de conhecer melhor as condições em que (sobre)vivem essas crianças que frequentam as Oficinas, bem como seus responsáveis, para procurar entender as maiores dificuldades que inviabilizam uma assiduidade e comprometimento com as aulas.

A aproximação pode ser realizada construindo-se o perfil desse público alvo, conhecendo mais as suas condições sociais e procurando analisar o motivo dos abandonos das aulas para assim, em posse desses estudos, buscar respostas e caminhos para maior efetividade da continuidade e conquista dos objetivos deste projeto.

Ser Oficineiro de Artesanato na Casa de Jongo da Serrinha para mim é um orgulho e um privilégio, permite-me ser um multiplicador e atuar na transformação social da vida dessas crianças e adolescentes, além de ter minha própria vida transformada, tanto socialmente, quanto na qualificação da formação profissional por meio dessa experiência de extensão universitária.

De certo muitas ações precisam ser pensadas e postas em prática nesse território encharcado de violência e usurpação de direitos, no entanto, ainda que com a atuação limitada, o projeto de pesquisa e extensão da UFRJ, dentro da comunidade da Serrinha, revela-se essencial e valioso pois parte da Universidade para com a comunidade, proporcionando a troca e o fortalecimento de aspectos como conhecimento, socialização, coletividade e cooperação, considerando sempre a vida e a memória dessas pessoas da comunidade, incentivando práticas não alienadas no interesse de uma sociedade emancipada, consciente das dimensões ético-políticas que envolvem identidade, ancestralidade, arte, cultura e reconhecimento de direitos.

Algumas fotos da nossa Oficina de Artesanato



Referências

GANDRA, E. *Jongo da Serrinha: do terreiro aos palcos*. Giorgio Gráfica e Editora, 1995.

MARX, K. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2006.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, M. *O retorno do território*. En: OSAL: Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

NETTO, J. P. *A construção do projeto ético político do Serviço Social*. In: Ana Elisabete Mota. Maria Inês Souza Bravo. Roberta Uchoa. Vera Nogueira. Regina Marsiglia. Luciano Gomes. Marlene Teixeira (orgs.). *Serviço Social e saúde: Formação e trabalho profissional*, São Paulo: OPAS, OMS, Ministério da Saúde, Cortez Editora, 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P. *Política e Educação*. 7. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

PROJETO ÉTICO POLÍTICO E EXERCÍCIO PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL. *Os princípios do código de ética articulados à atuação crítica dos assistentes sociais / Conselho Regional de Serviço Social (org.)*. – Rio de Janeiro: CRESS, 2013.

SCHERER, G. A. *Serviço Social e arte: juventudes e direitos humanos em cena*. São Paulo: Cortez, 2013.

Sites

JONGO DA SERRINHA. Disponível em: <http://www.jongodaserrinha.org>.

PR5-UFRJ. Disponível em: <http://pr5.ufrj.br/index.php/o-que-e-extensao/conceito>.

DIÁLOGOS SEM PAPAS NA LÍNGUA: ENCONTROS COM A JUVENTUDE JONGUEIRA NA CASA DO JONGO DA SERRINHA

DEISE PIMENTA*
THIAGO DIAS**

* Assistente Social formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016); Especialista em Movimentos Sociais pelo Núcleo de Políticas Públicas em Direitos Humanos NEPP-DH /UFRJ 2019); e Mestranda no PPGSS/UFRJ (2020).

** Assistente Social formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2020); Coordenador na empresa Grupo Seres.

Esta brisa que a juventude afaga essa chama que o ódio não apaga
pelo universo é a evolução em sua legítima razão / Samba oh sam-
ba tem a sua primazia de gozar felicidade / Samba meu samba essa
é nossa homenagem aos Heróis da Liberdade / Ô ô ô Liberdade
Senhor!

(Silas de Oliveira e Mano Décio da Viola)

Meu nome é Deise Pimenta, sou paraense e estou morando no Rio de Janeiro há dez anos, de doméstica à universitária, luta e resistência – pude estudar serviço social na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ingressei na universidade no ano de 2009/2, tudo era uma grande descoberta, as aulas, os colegas, as realidades diferenciadas do campus onde estudei – Urca, praia vermelha. Assim que assumi a vaga no curso de serviço social, também consegui uma vaga na residência estudantil – o alojamento da UFRJ, como popularmente é conhecido entre os estudantes.

Sendo assim, no ano de 2013 comecei a participar do projeto interdisciplinar “Construindo e Preservando a memória na Casa do Jongô da Serrinha”, projeto este ligado à Escola de Belas Artes em parceria com a EEFD e ESS. Tratava-se de uma rica oportunidade de conhecer a favela da Serrinha e seus moradores conhecidos pela grande resistência de uma comunidade Jongueira centenária, tal qual o território que serviu de berço para uma das escolas de samba mais tradicionais de Madureira – O Império Serrano fundado em 1947 por trabalhadores da estiva e organizados no sindicato da resistência, entre eles Mestre Fuleiro, Mestre Aniceto, Mestre Molequinho. Outros personagens também participaram da criação da escola de samba, tais como Vovó Maria Joana, umbandista, mãe de santo, rezadeira, parteira, Dona Ivone Lara, Tia Eulália.

Minha inserção no território da favela da Serrinha se deu no ano de 2013, num primeiro momento fomos convidadas pelas coordenadoras do projeto a acompanhar as atividades que eram desenvolvidas na escola do jongô, local hoje conhecido como Terreiro da Tia Eva, onde eram oferecidas aulas diversas para crianças moradoras da favela. Assim pude assistir e fazer algumas sistematizações e registros fotográficos a partir da metodologia de observação participante das aulas de cavaquinho, cultura popular, percussão, canto, artes plásticas e de jongô.

Sou Thiago Dias, nascido e criado na zona norte do Rio de Janeiro, tenho 26 anos, filho caçula de um total de sete irmãos, sempre gostei de me dedicar aos estudos e, aos poucos, fui me identificando com as expressões da arte e da cultura através da inserção ainda na adolescência em grupos de dança e teatro. Os embates existentes nas questões raciais, sexuais e religiosas sempre estiveram amarrados na moldura da minha vida, o que me levava a entrar em contato o tempo todo com pessoas, livros e materiais que pudessem me esclarecer conceitos e visões a respeito da localização do negro, gay e umbandista na sociedade.

Estudante do 8º período no curso de graduação em Serviço Social* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro estou ansioso para começar a estagiar na área. Para isto iniciei um processo de busca de vagas que pudessem trazer novas experiências na dimensão técnico-operativa da profissão e ao mesmo tempo cumprir com as exigências da universidade. No mês de maio de 2016 visualizei no grupo da universidade da rede social uma publicação de uma colega de faculdade perguntando sobre como era o curso de Serviço Social na UFRJ.

Em seguida, acessei, nesta postagem, a resposta de uma assistente social, Elaine Casemiro, oferecendo a esta colega ajuda para estágio caso ela viesse a precisar. A partir desse momento, entrei em contato com a Elaine, via mensagem privada dessa rede social, para mostrar o meu interesse nessa possível vaga que ela ofereceu para a colega que perguntou sobre o curso. A partir desse momento, recebi da Elaine o convite para conhecer a Casa do Jongo da Serrinha.

A primeira vez que estive na Casa do Jongo, no mês de maio de 2016 recordo-me que neste dia ocorreria o evento para lançamento do livro infantil “Nana e Nilo” e as crianças estavam todas agitadas e ansiosas para o início da solenidade. Ao chegar, fui recebido de forma bastante educada e atenciosa primeiramente pela Damiana Alves que em seguida me apresentou a Lazir Sinval e Maria Luíza da Silva, todas são integrantes do Grupo Cultural Jongo da Serrinha.

Neste dia, a Elaine me apresentou toda a casa, elucidando a história do Jongo, os principais personagens no processo de reconhecimento e de luta pela manutenção da memória e as atividades oferecidas para todos os moradores da favela da Serrinha. Fiquei muito surpreso e encantado com a

* Na época da escrita do texto.

história do jongo, pois não tinha intimidade e nem conhecimento a respeito dessa cultura. Além disso, fiquei radiante em ter acessado a uma partícula da história da Vovó Maria Joana e de seu filho Mestre Darcy, contada pela Elaine com o apoio ilustrativo de imagens contidas na Casa do Jongo através de exposição permanente.

Em meio às conversas com a Elaine foi citado por ela num determinado momento o nome de uma antiga colega minha de faculdade, Deise Pimenta, cujo meu contato com ela já se havia há tempos perdido, pois no momento em que a conheci ela estava terminando a graduação e eu iniciando. Descobri que a Deise ministrou na Casa do Jongo durante anos oficinas para as crianças, vinculadas ao projeto “Preservando e Construindo a Memória do Jongo da Serrinha” e que estava procurando uma pessoa para ajudá-la na condução de uma nova atividade, cujo público alvo seria a juventude.

Tendo em mãos essas informações resolvi procurar a assistente social Deise Pimenta para entender melhor o funcionamento desse trabalho e como eu poderia me inserir nesse contexto. Após as explicações ela me apresentou ao projeto “Preservando e Construindo a Memória do Jongo da Serrinha” que ainda estava em vigor na instituição e me instruiu o trajeto que eu teria que percorrer para conseguir ser bolsista de extensão no projeto.

Não demorei muito para tomar uma decisão e, portanto, foi a partir de junho de 2016 que iniciei a minha vivência junto a Deise Pimenta como bolsista desse projeto acompanhando os encontros na oficina denominada de “Diálogos Sem Papas na Língua” que são realizados aos sábados de 14h00min as 16h00min. Pertencer a Casa do Jongo é um processo que atende grande parte das minhas expectativas atuais, pois é um espaço que eu consigo manter o tempo todo em contato com a ancestralidade africana.

Em meados do início de 2016 a partir do mês de julho começamos um trabalho junto à juventude da favela da Serrinha. Tal ação só é possível por conta da parceria entre a extensão universitária da Universidade federal do Rio de Janeiro e a Casa do Jongo. Neste sentido a experiência que escolhemos para esta narrativa é parte do projeto “Construindo e Preservando a memória no jongo da Serrinha”, coordenado por Carla Dias e Renato Barreto.

A princípio apresentamos a proposta para a juventude, nossos encontros seriam aos sábados pela parte da tarde de 14hs as 16hs, nos organizaríamos para trazer temas diversos, a decisão de quais temas trabalharíamos seria discutido e debatido no coletivo. A partir de nossa apresentação a juventude

nos acolheu como de primeira tarefa tínhamos que nomear essas tardes de encontro, o coletivo dos jovens nomeou de “Diálogos sem papas na língua”. Neste sentido, trata-se de um espaço autogestionado de encontros a partir de temas onde nós, jovens e adolescentes, escolhemos semanalmente.

Desta feita, escolhemos entre os encontros que tivemos dois encontros que mediamos junto aos jovens da favela da Serrinha e socializaremos aqui estas experiências. Neste relato, levantaremos alguns pontos importantes apontados pela juventude negra de favela nas oficinas. Uma questão importante que gostaríamos de ressaltar é esse lugar de encontro que nos é possibilitado pela existência da extensão universitária, no sentido de podermos trocar saberes e a partir dessa relação construir novos aprendizados no campo da produção do conhecimento, como nos aponta Freire:

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. Por isto mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido – apreendido a situações existenciais concretas (FREIRE, 1983, p. 23).

Neste sentido, os encontros “Diálogos sem Papas na Língua” é um espaço onde os jovens podem se apresentar curiosos acerca do desconhecido e até mesmo sobre temas aos quais eles possuem contato frequente, seja com a memória do território de onde eles residem, sobre narrativas sobre este lugar, sobre as percepções que eles constroem no e do Jongo como expressão cultural tombada como patrimônio imaterial da humanidade. Tal espaço é imprescindível à construção de uma relação de confiança numa perspectiva coletiva para que assim possamos caminhar dialogando.

Além disso, a metodologia que utilizamos pra a mediação do encontro se deu pela construção de espaços de exposição do tema, seja através de

oficinas, apresentação de curtas metragens, materiais de institutos de pesquisas públicos e privados e após essa exposição, nós abordávamos o tema outra vez em uma roda de conversas onde os jovens faziam as abordagens dos temas de forma com que cada um presente pudesse expressar suas representações a partir de marcos referenciais de composição do cenário proposto.

A metodologia de aula adotada nos permitiu ouvir cada jovem acerca das questões que os mesmos elaboravam a partir das representações presentes na sociedade em diálogo com a realidade da favela da Serrinha e dos temas que perpassam a juventude local, tal como Jongo como uma construção identitária, o samba, a violência presente no território, seja a policial, ou a perpetrada por grupos de traficantes que dominam a Favela. A questão racial aparecia de forma transversal durante todas as oficinas, pois a maioria dos participantes são negros e pardos, dando ênfase nos aspectos que de alguma forma ou de outra estão contribuindo para a trajetória que vai de encontro desses adolescentes com a autoconstrução de identidades.

Assim, nosso primeiro encontro se deu numa perspectiva de nos conhecermos uns aos outros, e sob um contexto da diversidade e identidade. Para isto utilizamos um método lúdico para as apresentações, um jogo intitulado batizado onde cada um presente no espaço, acomodados em círculo, apresentava-se dizendo seu nome, sua idade e informando ao grupo três atividades que gostava de fazer com a letra inicial do seu nome. Assim sucessivamente cada um apresentava a si mesmo e ao colega do lado. Dessa maneira o clima em sala ficou muito mais leve, íntimo e descontraído.

Em seguida, apresentamos para os adolescentes o curta metragem intitulado “Cores e Botas” que conta a história de uma menina negra de cabelo crespo que sonha em ser paqueta (dançarina de palco juvenil) da Xuxa na década de 1980. Em um determinado dia, ela fez o teste com outras meninas, todas eram brancas e de cabelos lisos. Ocasionalmente a menina negra se destacou no teste a ponto de tanto as concorrentes quanto as juradas ficarem encantadas.

Contudo, ela não foi escolhida e isso a deixou muito triste. Neste momento fica evidente que a menina sofreu racismo. A criança do curta metragem, explicitou certa hora que não ligava em ser paqueta e que só as meninas loiras eram. A partir de então a mesma vai até o quarto pega sua caixa de botas coloridas, comuns as que a Xuxa usava e as leva para fora de

sua casa e as coloca no lixo. E após esse ato a menina empunha uma máquina fotográfica e sai fotografando a todos da família e em sua volta.

Após a exibição do curta, abrimos a roda para o diálogo, pedimos para que quem quisesse dividisse conosco a sua compreensão do vídeo. De forma rápida e convincente, soou na sala a voz do jovem K. 13 anos: “*A Xuxa é racista*” como efeito da análise que ele realizou ao perceber que, assim como a criança do curta, na história real nenhuma menina de pele negra conseguiu ser paqueta da Xuxa. Os demais presentes em sala também expuseram suas opiniões e a maioria delas aproximava-se da análise de que o vídeo tinha proximidade com a realidade, pois nenhuma das paquetas que conheciam tinha sido negra.

Mediamos à conversa colocando a seguinte questão, de que forma eles enquanto negros e negras se observavam na televisão, seja nos programas de TV, novelas, filmes. A jovem M. J de 15 anos nos respondeu: “*as vezes que atentei para isto, percebi que os personagens interpretados por negros e negras na televisão eram de empregadas, jardineiros, babás, criminosos, moradores de rua. Raramente não são esses personagens*”. Observamos em sua fala uma constatação, e a partir dessa fala, expomos que o racismo no Brasil é parte da dinâmica da anulação das identidades de negros e negras, e isso é crime, trata-se de racismo institucional tipificado no código penal.



Imagem. Deise Pimenta 2016

Sendo assim, procuramos em nossos encontros dialogar sobre o território no qual estamos inseridos – a Favela da Serrinha que é permeada de um cotidiano complexo e de uma diversidade cultural incrível com histórias e personagens que remontam a história do jongo, do samba, da escola de samba Império Serrano fundada em 1947 por famílias que até hoje habitam na favela, um caldo cultural histórico importantíssimo, como nos aponta Lopes:

O Morro da Serrinha é localizado no bairro de Madureira, que fica no subúrbio da zona norte do Município do Rio de Janeiro. Até 11 de novembro de 1926, parte do que é hoje o bairro de Madureira fazia parte da freguesia de Irajá. Esta Freguesia foi caminho para a passagem do ouro que escoava das terras do atual Estado de Minas Gerais, e passavam pelo Rio Iguaçu, Paraíba e Paraibuna, para chegar aos portos do Rio de Janeiro (LOPES, 1992, p. 2).

As histórias que nos são contadas por moradores antigos nos remontam uma Serrinha histórica, com ares de um Brasil ainda escravocrata, há quem diga que as favelas em geral foram historicamente territórios habitados por negros e negras que fugiam da escravidão e ocupavam esses espaços os tornando terras de remanescentes quilombolas. Deste modo, os mais velhos nos contam histórias dessa época, histórias que ouviram de seus pais e avós e que hoje os mesmos passam para os jovens da Casa do Jongo.

Nós, enquanto mediadores, participamos de outras atividades que ocorrem na Casa de Jongo da Serrinha, estamos sempre que podemos indo a encontros que nos possibilite vivenciar experiência junto aos moradores. Assim, entre os espaços que frequentamos fora de nossos encontros com os jovens está o “Samba da Serrinha” que ocorre uma vez por mês, no último domingo de casa mês. Este samba é organizado por músicos moradores da favela e que atuam também como educadores na Casa do Jongo.

O samba é de entrada livre para todos moradores da Serrinha, é um dia de muitas alegrias e convivência na favela. Certa vez, estava à caminho da Casa do Jongo para mais um Samba quando avistei no começo da Rua Silas de Oliveira uma viatura da polícia militar e dois policiais estavam para fora da viatura, aparentemente alterados. Estranhei aquela cena, pois não é comum a PM fazer patrulha naquela área, a Serrinha é ocupada por tráfico armado, um dos comandos fortemente armado da cidade do Rio de Janeiro – o Terceiro Comando Puro (TCP), mas segui caminho à Casa da Serrinha.

Quando entro na Casa do Jongo, cumprimento algumas pessoa que moram e trabalham na Casa do jongo, quando pergunto se está tudo “tranquilo”, pois avistei o carro da polícia, a amiga me responde que não está tranquilo e que durante a madrugada daquele dia (sábado para domingo) o Batalhão de Operações Especiais havia invadido o baile funk atirando e havia matado dez jovens. Naquele momento fiquei atônita, era mais um dia na favela, minha amiga ainda nos disse que aquela viatura que eu tinha avistado estava no canto porque os traficantes desceram com dois corpos de jovens assassinados e os policiais estavam ali esperando a perícia.

Neste dia, o samba teve que terminar antes do horário que lhe é de praxe, não houve espaço para que depois do samba se cantasse e dançasse o jongo. O clima de terror e pânico era visto no rosto das pessoas que sabiam do ocorrido e que no início da rua estavam dois corpos negros estendidos vítimas da “guerra contra as drogas”. Eram todos muito jovens, a idade variava de 14 á 20 anos de idade. Um nó se formou na minha garganta desde então, pensei que pudesse ser alguém que eu conhecia e que frequentava nosso encontro, pois eles moram ali e alguns frequentam o baile funk.

Indaguei as pessoas se algum jovem que frequentava a Casa do Jongo havia sido violentado e nos responderam que não, isso por hora nos acalmou, mas precisava fazer algo, assim planejamos para nosso próximo encontro seguido dessa chacina falarmos sobre o Mapa da Violência contra Jovens Negros. Imaginei que nosso espaço de diálogo pudesse acolher esses jovens que não estavam ilesos, apesar de não terem sido feridos.

Assim, busquei informações sobre os dados produzidos pela ONG Anistia Internacional, nos quais eles apontam que o Brasil é o país onde mais se mata com taxas de homicídios que ultrapassam zonas de guerra. No Brasil essa violência não atinge a população indiscriminadamente, pois atingem principalmente jovens de 15 á 29 anos de idade, que somente no ano de 2012 foram os maiores atingidos, segundo a taxa de homicídios.

São dados reais e aterrorizadores, os mesmos mostram que por ano no Brasil ocorrem 30 mil mortes de jovens por homicídios, o que significa que por ano são oitenta e sete por dia, ou sete a cada duas horas. A cada dois dia é como se caísse um avião só com jovens negros com a idade entre 15 á 29 anos. Tais dados são de domínio público, qualquer pessoa pode pesquisar, são informações que mostram a dura realidade enfrentada por jovens negros

moradores de favelas no Brasil. Territórios como o da favela da Serrinha são alvo de ações sistemáticas e truculentas das Secretarias de Segurança Pública.

Desta feita, numa ação que visa a prevenção e a proteção destes jovens que são alvo de uma verdadeira política de extermínio estatal, o Fórum de Juventudes da Favela de Mangueiras após muitos encontros que pensaram a questão da juventude de favela e os perigos aos quais estes jovens estão expostos, lançaram de forma pioneira um aplicativo que pode ser baixado de forma gratuita chamado “Nós por Nós”. Um instrumento de autoproteção e denúncias de violações de direitos.

No dia do encontro Diálogos sem papas na língua, nós apresentamos os dados do Mapa da Violência, também apresentamos o aplicativo, após essa introdução abrimos a roda de conversa e perguntamos se alguém entre os jovens já havia sofrido ou presenciado cenas de violações de direitos, cenas de violência. Todos na sala já haviam passado ou presenciado alguma situação de violência. Desde violência contra a mulher à execução sob a ordem e domínio de traficantes, alguns sentiam a vontade de falar com o coletivo, outros observaram.

Neste dia nos marcou o relato de um jovem negro de J. 16 anos que nos relatou que estava voltando pra casa depois de uma atividade com alguns amigos e foi abordado por policiais que o revistaram e perguntaram pra onde ele estava indo. O rapaz respondeu que estava indo para sua casa. Logo em seguida os policiais pediram pra ver identidade e o que ele possuía nos bolsos, o rapaz tirou o celular e os policiais “duvidaram” que o mesmo fosse do jovem negro, o constrangeram de desbloquear (colocar a senha) no celular para que eles o liberassem.

O jovem seguiu as ordens arbitrárias e racistas dos policiais, e na hora de ir embora deixou cair algumas notas de reais, quando se abaixou para pegar foi espancado pelos dois policiais que zombavam do mesmo dizendo que ele não tinha cara de quem poderia ter um aparelho celular daquele modelo. Após essa humilhação o jovem negro evita sair e voltar sozinho para sua casa. Essa cena se repete aos montes Brasil a fora, e nossos jovens são expostos á homicídios diários, muitos dos quais são executados pela polícia militar.



Imagem. Deise Pimenta 2016

Na tentativa de reafirmação da importância de produzirmos mecanismos de cuidados e proteção da juventude negra de favela, apontamos para a urgente necessidade da criação de políticas sociais para a Infância e a Juventude negra periférica. Colocamo-nos irredutivelmente contra a redução da maioria penal e deste modo, acreditamos que o diálogo aberto com jovens de favela é rico na medida em que se instrumentaliza a juventude para o conhecimento e reconhecimento de ferramentas que possam vir auxiliá-los na construção estratégias e de possibilidades para lutarem por seus direitos.

Priorizamos o entendimento de que a imagem de marginalização referendada às favelas cariocas não deve ser potencializada pela dicotomia histórica centro versus periferia, ou mesmo pesquisa e extensão, pois dentro desta divisão se gestam vários projetos, muitos com a característica da interdisciplinaridade. Dessa forma percebemos através das histórias de vida dos indivíduos locais que a periferia é o centro no aspecto da transmissão do saber e dos alicerces historicamente construídos através das artes. Dito isto, afirmamos o papel da extensão, não como o de terceira função, mas como um lugar de política estratégica e método de formação necessária para a compreensão e transformação da realidade em que estamos inseridos.

Saravá!



Imagem. Deise Pimenta 2016

Sobre o Texto escrito em 2015 e editado em 2021

Escrevemos este texto há cinco anos, e ao revistarmos a escrita ao mesmo tempo somos invadidos por inúmeros sentimentos, entre eles o de saudades e alegria por termos partilhado momentos de aprendizados mútuos juntamente com a juventude da Serrinha. A época estava recém-formada em Serviço Social e deste modo assumimos um compromisso junto com o estudante de Serviço Social Thiago Campos de conduzirmos conversas junto e a partir dos adolescentes e jovens da Casa do Jongo sob o pretexto e ação de sermos sem papas na língua.

Ao revisitarmos tais memórias, inevitavelmente somos invadidos pela saudade dos nossos encontros, experiência esta que nos marca profundamente, tal qual um jongo cantado por nossa grande Matriarca do Jongo Tia Maria do Jongo que nos deixa no ano de 2019 ao longo de seus 98 anos, grande parte deles dedicado ao samba, ao seu menino de 47 – Glorioso Império Serrano, assim como o Jongo. Tia Maria parte e deixa um grande legado para a comunidade em geral, sobretudo para os jovens que a tinham como um tesouro centenário jongueiro, nossos respeitos e honra Tia Maria Saravá Jongueira Velha.

Por fim, reiteramos a máxima defesa da educação pública universitária e o tripé que a sustenta: ensino, pesquisa e extensão, pois acreditamos que

o espaço de formação da pesquisa e extensão universitária seja uma escolha político teórico e prática para transformação social. Importante frisar o fato de que revisamos tais memórias e ações realizadas há cinco anos (2016) em meio a Pandemia do COVID-19 (2020-2021), e com isso, quase dois anos de isolamento social, muita vidas perdidas para o vírus por descaso e falta de investimento em pesquisa.

Em tempo, salve a Serrinha sua juventude preta viva e produtora de vida em seus territórios, salve jongueiros novos e velhos, salve a Universidade Pública. Nossos agradecimentos a todas e todos que encontramos ao longo de quatro anos de atuação no território da Serrinha pelo projeto Construindo e Preservando a memória na Casa do Jongo da Serrinha, à todas companheiras e companheiros dessa experiência incrível transformadora e de encontros ancestrais Axé, Saravá!

Referências Bibliográficas

APPADURAI, A.; BRECKENRIDGE, C. A. Museus são Bons para Pensar: O patrimônio em cena na Índia MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia, n. 3, 2007. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museu e Centros Culturais, 2007.

ARRUTI, J. M. A. *Mocambo: Antropologia e História do processo de formação quilombola*. Bauru: EdUsc, 2006.

BARBOSA, A. M. A imagem do ensino da arte: anos oitenta e novos tempos: São Paulo, Perspectiva, 2005.

BROUGERE, G. Brinquedo e cultura. São Paulo: Cortez, 1995

BECKER, Howard S. Arte como ação coletiva in: Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro: Zahar,

BENJAMIN, W. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Duas cidades, Editora 34, 2002.

BOY, D. C. A Construção de um centro e memória na Serrinha. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais) – FGV, Rio de Janeiro, 2006.

CASTELLS, M. O poder da identidade: a era da informação, economia, sociedade e Cultura. 2v. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CLIFFORD, J. A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

DIAS, C. Panela de Barro Preta: a tradição das panelas de Goiabeiras. Rio de Janeiro: Mauad X. 2006.

DAUSTER, T. Um outro olhar: entre a antropologia e a educação. In: *Antropologia e Educação – Interfaces do ensino e da pesquisa*. Caderno Cedes. N.43. Campinas: Centro de Estudos e Sociedade, 1997.

FREIRE, P. *Comunicação ou extensão?* Rio de Janeiro, paz e Terra, 1983.

PASSOS, M. C. O jongo, o jogo, a ong: um estudo etnográfico sobre transmissão da prática cultural do jongo entre dois grupos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Departamento de Pós – Graduação em educação da PUC-Rio, 2004. (Tese de Doutorado).

LOPES, N. O Negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical: partido alto, calango, chulas e outras cantorias. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

PIMENTA, D. Relatos de Experiências de ensino na escola de Jongo da Serrinha (Madureira/RJ) In:

PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. Coleção Extensão Universitária – FORPROEX, vol.1 In: http://www.renex.org.br/Index.php?optio=com_contentview=articleid=45&Itemid=20 – 01 de novembro de 2016.

PROPOSTA DE PLANO QUINQUENAL DE DESENVOLVIMENTO PARA A UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. *Série UFRJ. Debate. Setor de Mídia Imprensa Institucional de Acessória e de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Março de 2006.

SOUZA, A; SILVA, B. A Casa do Jongo: uma forma de reafirmação da arte jogueira, In. Revista da 29ª Reunião Brasileira de Antropologia.

A POESIA NEGRA DE RESISTÊNCIA DE CELSO MARINHO: NOTAS SOBRE RAÇA E CLASSE

RIAN FERREIRA RODRIGUES*

* Bolsista PIBEX (2013-2014). À época de bolsista, era estudante do curso de Bacharelado em Educação Física da UFRJ, mas já formado em Licenciatura pela mesma instituição. Atualmente professor do Instituto Federal Fluminense, coordenador do NEABI IFF Cambuci e doutorando no Programa de Pós-graduação em Serviço Social da UFRJ. Militante do Coletivo Negro Minervino de Oliveira e do Partido Comunista Brasileiro.

Preto velho e preta velha
Ô vovô e vovó, peço dá licença
Pra chama suceder
Não podemos apagar e nem deixar em branco
O que veio de você

(“Ponto de abertura do Beco Novais” – Celso Marinho)

Introdução

O presente relato de experiência* tem como objetivo apresentar parte da minha trajetória individual dentro do projeto de Extensão junto a “Escola de Jongo” do Grupo Cultural Jongo da Serrinha, trazendo à superfície as questões que mais me marcaram enquanto sujeito nesse processo. Tive como ponto de partida a formulação de três questões norteadoras para o trabalho: a) quais experiências seriam relevantes para serem compartilhadas? b) qual critério seria utilizado para determinar tal relevância? c) como contribuir para a preservação e construção da memória do projeto, em uma perspectiva ampliada, a partir de um relato de experiência? Antes, é importante dizer que não sou um pesquisador do Jongo da Serrinha, contudo, tive o privilégio de poder vivenciar de dentro, através das relações com a Escola de Jongo, algumas experiências de grande importância na minha formação humana, docente e militante, de uma forma bem particular. Meu trabalho enquanto bolsista nesse projeto era o de dar aulas de danças populares, ao lado de minhas amigas Aline de Oliveira e Jéssica Castro (duas pesquisadoras-brincantes). Nesse sentido, avancei muito em minha docência e isso foi importante para mim. Mas a particularidade que eu gostaria de ressaltar nesse trabalho está na troca estabelecida durante a experiência extensionista, efetivada para além das relações formais de obrigações para com o projeto enquanto bolsista. Aqui é onde reside minha relação com o poeta Celso Marinho.

* O conteúdo deste trabalho foi construído a partir da memória, de conversas informais e através de uma entrevista realizada com Celso, em sua casa, no dia 19/10/2016.

Metodologia

Partindo das questões norteadoras para a estruturação do trabalho, percebemos que as respostas poderiam estar ancoradas em elementos ora subjetivos, ora objetivos. Um relato de experiência pessoal passará, necessariamente, pela dimensão individual, fazendo emergir momentos de subjetividade das situações vividas. É importante que eles apareçam, mas é preciso ir além deles, pois, para nós, as experiências que têm relevância para serem compartilhadas em um artigo científico são justamente aquelas que têm relevância social, pois a partir de uma experiência individual é possível fazer emergir questões coletivas, com potencial generalizante para reflexões, debates e transformações, parciais ou não, que ultrapassem a barreira da própria experiência vivida. Para nós, a relevância social está diretamente articulada com os interesses dos setores mais oprimidos e explorados da sociedade, a classe trabalhadora, que é preta, pobre e periférica em sua maioria, e que produz muita arte e resistência. Falando de outra forma: nos interessa, aqui, a relação entre os elementos objetivos e subjetivos da experiência pessoal, bem como a relação entre a experiência pessoal e o seu potencial generalizante (o que chamamos aqui de relevância social). A partir disso buscamos fundamentar as motivações e os caminhos teóricos do presente trabalho.

Contextualização

Ao receber o convite da professora Carla Dias, muitas ideias me passaram pela cabeça. Fiz-me uma sincera pergunta: “o que, de fato, mais me marcou nessa jornada?”. De certo foram muitas experiências, e é importante que algumas delas sejam aqui elencadas. A começar pela oportunidade de poder pisar cotidianamente no terreiro de Tia Eva Emily Monteiro,^{*} mais conhecido como “Quilombinho”, no coração do Morro da Serrinha. Essa região é um dos locais com maior concentração de gente negra na cidade do Rio de Janeiro. Bem pertinho de onde fora fundada, na histórica Ladeira da Balaiada, o Império Serrano. Estar num lugar como esse, para dar aulas de danças populares para aquelas crianças, herdeiras diretas de todo esse caldo cultural, não poderia

* Até então, o espaço onde as aulas eram ministradas.

ser de pouca relevância. Isso, pelo menos pra mim, era algo de muita responsabilidade. Seguindo nessa trilha, outra experiência memorável foi ter tido a oportunidade de dividir momentos de docência, além de momentos informais – todos regados a muito samba e jongo – com figuras como Lazir Sinval, Luiza Marmelo (in memoriam),* Anderson Vilmar, Hamilton Fofão e Dely Monteiro.** Ou então do dia em que fui à casa da Tia Maria,** comer feijoada, cantar e dançar samba e jongo. Ou até mesmo contar que tive a honra de jogar, no Quilombinho, em plena Balaiada, com Tia Maria do Jongo. Ainda assim, algo parece ter pesado mais em minha decisão.

Desde quando entrei para a Cia Folclórica do Rio da UFRJ,**** ouvia histórias do Jongo da Serrinha. Vovó Maria Joana, Mestre Darcy, Tia Maria etc. Já fora da Cia, foi quando “Renatinho”***** me fez o convite para participar do projeto. Antes mesmo de ser bolsista no projeto da Escola de Jongo, já ouvia falar do “Poeta da Serrinha”. Renatinho sempre me falava com muito carinho de Celso Marinho. Algumas coisas nessas histórias me chamavam mais a atenção. Primeiro porque eram histórias de quem convivia com o território da comunidade, de quem tinha laços afetivos construídos no dia a dia com as pessoas, mas não só. Essas histórias tinham em seu conteúdo elementos que me despertavam emoções, curiosidades e alguma identificação. Renato conhecia minha paixão pela poesia, também conhecia minha militância e acabou acertando em cheio: me aproximei bastante de Celso Marinho, que virou uma espécie de referência negra no meu processo de “tornar-me negro”.***** E assim, tornamo-nos bons amigos, apesar da distância geracional.

* Luiza Marmello, artista potente, mestra afetuosa e amiga querida, a quem eu dedico este simples e carinhoso trabalho.

** Professores e professoras na Escola de Jongo e/ou integrantes do Grupo Cultural Jongo da Serrinha.

*** Na primeira vez em que esse relato foi escrito, ela era a única fundadora viva do Império Serrano, que por sinal, foi fundado em seu quintal. Foi a grande matriarca do Jongo da Serrinha nos últimos tempos. Nos deixou no dia 18/05/2019, aos 98 anos de idade, repletos de luta e resistência, mas também de muita alegria, simpatia, fé e sabedoria.

**** Um dos maiores projetos de extensão da UFRJ, onde fui bailarino-pesquisador bolsista por quatro anos (2009-2012).

***** Renato Mendonça Barreto da Silva é atualmente bailarino intérprete do Grupo Cultural Jongo da Serrinha e atuou como pesquisador/intérprete na Companhia Folclórica do Rio/UFRJ (2002-2013). É professor da EEFD-UFRJ.

***** “Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o apri-

Antes, durante e depois de nossas aulas, tínhamos o privilégio de poder ouvir, conhecer, trocar, aprender, sorrir, nos emocionar (e no meu caso, até compor música conjuntamente e em homenagem) com um grande mestre da poesia negra, de resistência, Celso Marinho. Nem todo mundo no Morro da Serrinha conhece o trabalho de Marinho.* Para além dos “muros” da Serrinha, do bairro de Madureira, certamente pouquíssimos o conhecem. Parece-me que apresentar, ao menos, um pedacinho da vida e da obra desse mestre que infelizmente (ainda) não está registrada em nenhum lugar, tem grande relevância. É a partir dessa particularidade que gostaria de compartilhar meu relato de experiência. Permeado de notas que possam contribuir centralmente nos debates acerca das temáticas étnico-raciais e classistas.

O Poeta da Serrinha: notas sobre raça e classe

*O nego fujão, correu pelo mato a dentro / O nego fujão, se sentiu livre naquele momento / O nego fujão, não é bererê** / O nego fujão, era zumbi, nosso irmão / Oh, nego fujão, obrigado (valeu) / Por tudo que fizeste em nosso passado* (“Nego Fujão” – Celso Marinho)

Celso Marinho, nascido em 26 de novembro de 1959, através das mãos da parteira “Dona Minervina”, nasceu em seu próprio quintal, literalmente. Celso reside desde o ano 2000 no mesmo espaço onde nasceu. Beco Novais,*** nº6, Morro da Serrinha. Segundo Celso, mais de 80% de moradores e moradoras

siona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.” (SOUZA, 1983, p. 77).

* Já expôs suas construções, principalmente instrumentos musicais percussivos, no SESC Madureira. Também já foi homenageado por um grupo de pagode da Serrinha pela construção de um chocalho e no ano de 2015 ganhou a disputa do samba do primeiro ano do bloco de carnaval “Pra Balançar”, que desfilou no carnaval de 2016 com o samba “Menina de 48” de nosso poeta. Acesso disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xCOkRIL_Mlw.

** Segundo Celso, o termo “bererê” significa “João ninguém”.

*** Também conhecido como “Beco das bruxas”. A explicação do nome tem três versões, a preferida de Celso é a do cachorro. Que, segundo a história que contam, um cachorro apa-

do beco são negros e negras, e ele se orgulha da “parentada” dele fazer parte dessa história de sobrevivência e resistência nesse território. Seu pai e sua avó “Dedé” moravam mais pra cima no beco. Sua mãe, Jurema Matias da Rocha e sua avó Rosalina Pereira Matias moravam na mesma casa em que o poeta nasceu, vizinhas de Dona Minervina. Celso gostaria que o nome do Beco levasse o nome de Dona Minervina, já que foi pelas suas mãos que a maioria das pessoas daquele espaço veio ao mundo. Justo. Mãe e vó morreram ali, no quintal de casa. Saber disso conforta e acalma o nosso poeta, que fala sobre o assunto à sombra da enorme tamarineira que existe nesse quintal, com um doce sorriso inocente em seu rosto. Como não lembrar do poeta Luiz Carlos da Vila, já que ele nos ensinou que “até as tamarineiras são da poesia guardiãs”.^{*} Celso também faz de seu lar um “doce refúgio”, de memórias afetuosas, de amor e de luta.

A poesia está presente em cada gesto, olhar, palavra, em cada intenção de Celso. Mesmo negando produzir poesia, ao dizer que o que faz é apenas um “desabafo”.^{**} Diz isso porque a poesia para ele deveria ser muito mais, possivelmente porque historicamente o conceito foi permeado por um olhar elitista que excluía e, ainda exclui, formas populares de se produzir obra de arte. Ao ler as poesias de Celso é possível conhecê-las. No entanto, a experiência se torna ainda mais rica e profunda ao ver, ouvir e sentir o próprio poeta proferindo os ruídos, sons, gemidos e palavras, de beleza genuína e conteúdo cortante. Palavras como flecha, como bala, como *nzòngo* ou *songo* ^{***} ... Como Jongo! Recita suas poesias com um movimento incessante das mãos, como se elas nunca (mais) pudessem estar paradas, presas! E não poderiam mesmo, pois mãos presas remetem às correntes que nos aprisionavam; presas remontam o tempo da escravidão. Segundo Celso: “vivemos o tempo da senzala ainda, só não estamos acorrentados!”. Dito de outra forma:

recia no meio da ladeira do beco, cheio de cordões e guias no pescoço, e quando se olhava de novo, o cachorro já tinha sumido. “coisa de bruxa”, daí veio o nome.

^{*} Trecho do samba “Doce Refúgio”, gravado pelo Grupo Fundo de Quintal (1981).

^{**} Para ele, sua poesia é apenas um desabafo, uma reflexão. Um eco, que bate nas paredes de casa e volta, pra ele pensar e repensar nas coisas que anda dizendo. Aí, chegam algumas pessoas “legais”, “emprestam” seus ouvidos generosos e dizem que “aquilo” é poesia. Aos pouquinhos, ele diz que acaba acreditando.

^{***} Ver mais sobre o assunto no trabalho “A Casa do Jongo: uma forma de reafirmação da arte jongueira”, de Aline Oliveira de Sousa e Renato Mendonça Barreto da Silva, 2014.

*Quando cheguei na porta do nunca / Mergulhei pra um banho / Que
sujou minha alma e minha dignidade / Embarquei pra um lugar
chamado Brasil / Ao chegar, me agasalharam com uma corrente
pesada e gelada. / Mas o tempo passou e essa corrente partiu... / Até
hoje eu arrasto ela por aí!* (“Porta do Nunca” – Celso Marinho).

Essa poesia é precisa para uma caracterização das atuais condições do povo preto. Extermínio e encarceramento em massa da nossa juventude negra: violência policial, pobreza, menos empregos, subempregos. Exclusão nas universidades, ainda, mesmo com a política de cotas, já que não existe política séria de assistência estudantil, fator determinante para a juventude negra poder entrar e permanecer na universidade, não só entrar e evadir, como temos acompanhado. Para mim, “arrastar as correntes por aí” tem a ver com as heranças da escravidão e a forma como as relações capitalistas foram introduzidas no Brasil, como o negro fora inserido na sociedade de classes. Ou seja, de como a burguesia reorganizou tais relações sociais, tendo o racismo como uma de suas bases. Mais tarde o “racismo nosso de cada dia” aparece na forma de “mito”, o da democracia racial. Passemos a palavra para um dos principais intelectuais orgânicos negro do Brasil, Clóvis Moura:

Como vemos, o sistema classificatório fenotípico bloqueou socialmente ao invés de libertar, durante séculos, as oportunidades, em pé de igualdade, dessa população não branca. Essa estratégia centenária irá se refletir na situação atual, isto é, no perfil de estratificação social, econômica e cultural dos mesmos. Foi um sistema classificatório que conseguiu, com a roupagem de *democracia racial*, o imobilismo social dessa grande massa não branca, especialmente a negra, que até hoje se encontra na base da pirâmide social. (MOURA, 2014, p. 216).

Não somos mais a mercadoria em si (escravo), mas a nossa força de trabalho é (mercadoria) e, no nosso caso, negros e negras, é bem barata, desqualificada e precíval, justamente por toda a estrutura racista que organiza a sociedade brasileira.

Além do mais, após o 13 de maio e o sistema de marginalização social que se seguiu, colocaram-no como *igual perante a lei*, como se, no seu cotidiano da sociedade competitiva (capitalismo dependente) que se criou, esse princípio ou norma não passasse de um mito protetor para esconder desigualdade sociais, econômicas e étnicas. O negro foi obrigado a disputar sua sobrevivência social, cultural e mesmo biológica em uma sociedade secularmente racista, na qual as técnicas de seleção profissional, cultural, política e étnica são feitas para que ele permaneça imobilizado nas camadas mais oprimidas, exploradas e subalternizadas. Podemos dizer que os problemas de raça e classe se imbricam nesse processo de competição do Negro pois o interesse das classes dominantes é vê-lo marginalizado para baixar os salários dos trabalhadores no seu conjunto (MOURA, 2014, p. 219).

Uma das expressões dessa questão é a relação entre juventude negra e encarceramento. E, não tão diferente da história de muitos meninos negros, pobres e favelados, Celso teve uma passagem pela FUNABEM,^{*} em 1969, onde ficou “um bom tempo” e que, no seu caso particular, em sua própria avaliação, significou algo positivo na sua trajetória, pelas oportunidades que ali teve – fato que não ocorre com a maior parte dos jovens negros que experimentam passagens pelo sistema prisional brasileiro como um todo, e hoje o terceiro maior do mundo.^{**} Da FUNABEM saiu para ser paraquedista do exército brasileiro (PQD), servindo no 1º batalhão. Sua passagem pelas Forças Armadas aconteceu durante a ditadura empresarial-militar. Depois de alguma experiência acumulada ali, para ele ficou nítido que aquele espaço era incompatível com suas convicções e, por isso, pediu para sair antes do tempo (“artigo 150”).^{***} Trabalhou em muitas e variadas funções após sua

* Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – FUNABEM. É válido lembrar a história em que nosso poeta, uma vez, fugiu de lá para ver o Império Serrano desfilando na Av. Presidente Vargas e, depois voltou...

** “Considerando o número absoluto de presos, o Brasil ainda ocupa a 3ª posição com folga, atrás apenas de China e Estados Unidos, e à frente da Índia, que tem pouco mais de 478 mil detentos.” Disponível em: <https://bityli.com/jFXWJ>.

*** “Decreto nº 57.654 de 20 de Janeiro de 1966. Regulamenta a lei do Serviço Militar (Lei nº 4.375, de 17 de agosto de 1964), retificada pela Lei nº 4.754, de 18 de agosto de 1965. Art. 150. Às praças engajadas ou reengajadas com mais de metade do tempo de serviço, a que se tiverem obrigado, será facultado o licenciamento, desde que o requeiram e não haja prejuízo para o Serviço Militar. Parágrafo único. Não são amparadas por este artigo

saída do exército, na “vida civil”. Mas, desde o ano de 2010, Celso garante seu sustento trabalhando em seu próprio projeto de reciclagem na comunidade, o “Projeto Celso Marinho – reciclando e sobrevivendo, dando importância sem ser importante”. Para ele, a humildade deve vir à frente de tudo sempre, mas sem nunca “baixar a guarda”, nem a cabeça. No meio da guerra, é preciso encontrar as formas de sobreviver, tentando nunca perder a perspectiva de um futuro melhor. Os que sobrevivem são guerreiros importantes; os que seguem na luta, produzindo arte de resistência, são imprescindíveis!

Quando eu ligo a televisão / Ah, quase não vejo nego não / Mas quando o assunto é miséria, favela ou prisão / Lá tá o nego de montão / Dá vontade de chorar, eu não choro não / Ver os pequenos nego que jogam bola, soltam pipa fora de hora / Mando pra escola, pra que venham mudar a nossa história / Mas olha o nego aí / Já fomos chamados de besta / Impedidos de entrar na igreja / Ah, mas olha o nego aí / Ainda bem que tem carnaval / Posso me fantasiar do que eu quiser / Vou me fantasiar de injustiça social / Na quarta-feira, quarta feira tudo acaba? / Ah, claro que não... (“Quando eu ligo a televisão” – Celso Marinho).

Daria pra escrever um trabalho inteiro só com esse poema, cujo nome ele inventou na hora que lhe perguntei sobre, pois até então não tinha. Nem precisava. São muitos os elementos: como as negras e negros, ainda hoje, são excluídos dos espaços da grande mídia, das novelas, telejornais, programas (como apresentadores então, nem se fale); a questão supracitada da pobreza e do encarceramento de nosso povo (“lá tá o nego de montão”). É uma situação extrema, dá vontade de chorar, muitas vezes, sim, e não é que a gente não deva chorar, pelo contrário. O “não choro” do poema expressa, me parece, um apontamento para o caminho da resistência, da organização, do estudo,^{*} da formação, do ato de não abaixar a cabeça diante dos absurdos. Voltando ao poema, sempre me faz lembrar o samba “Dia de Graça”, de outro poeta negro das redondezas, Candeia. A injustiça social, no caso, é uma “fantasia”

as praças que concluírem cursos com aproveitamento e das quais se exigiu, previamente, o compromisso de permanecerem no serviço ativo por determinado tempo.” Fonte: encurtador.com.br/lQST1

* Celso até hoje não esquece a primeira vizinha, negra, do Beco Novais, que se formou em Farmácia na década de 80. A comunidade toda comemorou.

permanente, estrutural, que não acaba nas cinzas de uma quarta-feira. Essa “fantasia” só poderemos “tirar” lutando, unidos, conhecendo nossa própria história,* do contrário, “depois da ilusão, coitado, negro volta ao humilde barracão!”.** Dizem que o jongo é pai do samba. Não entraremos nesse debate, mas, caso não seja, a “genética” deve ser, no mínimo, bem próxima: arte negra de resistência!

Nosso poeta está sempre falando do povo preto, da luta, da resistência, do tempo e do amor, não necessariamente nessa ordem. Já me contou por diversas vezes que uma vez tentaram mudar o nome da Ladeira da Balaiada, onde fica o Terreiro de Tia Eva, por um outro nome qualquer. Pois então, assim que soube que haveria uma reunião, prontamente foi lá, junto com a “rapaziada”, participar e defender a manutenção do nome, reivindicando a história do Negro Cosme e Manoel Balaio, da Revolta da Balaiada, que lideraram milhares de negros contra a violência policial e pelo fim da escravidão no Maranhão. Negro Cosme fugiu da prisão, fundou um quilombo, uma escola quilombola, organizou e liderou as lutas do nosso povo. A Balaiada foi esmagada pela repressão, mas a sua memória de luta e organização seguem vivas. Para Celso e para nós, Cosme e Balaio são verdadeiros heróis. Celso diz que sua intervenção não foi necessária na reunião. Até hoje o nome segue “Balaiada”, no coração da Serrinha. Uma vitória!

A poesia de Celso Marinho em muitos momentos me faz lembrar da poesia de Solano Trindade,** outro poeta negro. Solano, assim como eu sou, era um comunista. Sua preocupação era com a situação dos negros, mas não só: entendia que a questão negra só teria possibilidade histórica de resolução com o fim do sistema capitalista. Sem o fim do capitalismo, estaríamos eternamente fadados a ficar remediando a questão, ou pior, a querermos virar nós mesmos os exploradores. Celso não entra nesses termos do debate, mas está comprometidamente preocupado com a construção de um mundo melhor, um futuro digno e efetivamente livre para os pretos e pretas, pobres, favelados e faveladas. Dessa perspectiva, para mim, sua preocupação é com a sua classe de origem também, a classe trabalhadora.

* Celso Marinho sempre alerta da importância de conhecermos nossa própria história.

** Trecho do samba “Dia de Graça” (1978), de Antonio Candeia.

*** Solano Trindade nasceu em Recife, em 1908. Era poeta, pintor, artista plástico e comunista.

Essa linha de reflexão nos suscita um importante debate para essas notas sobre raça e classe, permeado pela questão da ideologia. A ideologia burguesa, dominante e racista, opera muito bem com os valores da competição e do individualismo exacerbados, elementos que são vitais à lógica capitalista e que, em maior ou menor medida, estão presentes entre todos nós. Com os negros não poderia ser diferente. Por isso, não é difícil vermos uma situação de oprimido contra oprimido, trabalhadores contra trabalhadores, negros contra negros, galgando uma “vaga” na sociedade das mercadorias e, por vezes, passando por cima dos próprios “irmãos”. Infelizmente é até comum presenciarmos cenas desse tipo, justamente porque essa é a realidade objetiva de nosso próprio tempo, em sua base material. Tais valores são expressões ideais que emergem dessa materialidade histórica, e não poderia ser diferente disso. Dito de outra forma: a ideologia é a expressão ideal, na consciência humana, das relações sociais capitalistas, cumprindo a função de ocultar, inverter e naturalizar as relações de dominação.*

Não devemos naturalizar um negro oprimindo outro. Mas também não podemos naturalizar que o simples fato de possuímos traços fenotípicos parecidos nos torna, imediatamente, irmãos. Apenas em potencial, pois isso não se define por critérios biológicos, mas sim sociais e, fundamentalmente, políticos. Por isso é preciso ter lado nesse processo, para além de sermos negros. É preciso romper com esse ciclo vicioso, através da luta organizada dos trabalhadores, das negras e negros trabalhadores. Nossa luta não pode ser para o negro virar “negro patrão”. Nossa luta tem que ser pela igualdade racial do ponto de vista social, em vias de se alcançar a plena emancipação humana. A fim de estabelecer diálogos, coloco dois poemas, cada qual em seu devido contexto, para exemplificar a necessária firmeza que devemos ter com aqueles que vacilam na hora de escolher seu lado. Um de Celso e outro de Solano falando de fundo a mesma coisa: tolerância zero com os negros opressores, egoístas, individualistas, patrões. Negros da Casagrande não representam nossos poetas negros, nossa resistência.

* “As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal (ideológica [variante no manuscrito]) das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação” (MARX, 2007, p. 47).

Celso Marinho: Maldito seja o nego que não divide um copo d'água com outro nego / Maldito seja o nego que não divide a sombra do seu chapéu / Que a sua cabeça parta em sete pedaços / Pra alimentar o fogo do inferno / Maldito seja o nego / Que não respeita o outro nego // Solano Trindade: Negros que escravizam e vendem negros na África, não são meus irmãos / Negros senhores na América, a serviço do capital, não são meus irmãos / Negros opressores, em qualquer parte do mundo, não são meus irmãos / Só os negros oprimidos, escravizados, em luta por liberdade, são meus irmãos / Para estes / Tenho um poema grande como o Nilo.

Conclusão

A poesia de Celso Marinho me inspira. Gosto de escrever poemas também e, assim como Celso, não me considero poeta. Acredito que na verdade produzimos “ensaios de poesia”. Não somente Celso, ou eu. Todos. Por um lado, o poeta é “ventre”, “útero”, é “vir a ser”, ainda vai nascer; é o novo ser humano, que só pode emergir numa nova sociedade, sem classes, sem opressões e exploração. Por ora, somos apenas ensaios, necessários, mas ensaios. Por outro lado, também acredito que todos nós que escolhemos o lado da luta, da arte, da resistência e da ternura, durante esse processo da longa caminhada, estamos mais perto do “novo” que do “velho-atual” ser humano. Celso é um desses que puxa a “nossa corda” para o lado do “novo”. Eu diria assim:

Não sou poeta / Na dimensão do sensível, sou poeira / O universo é poesia em seu movimento / A sua dialética é poética / E o poeta é antena / A cada momento / Sintoniza espaço-tempo / Não sou poeta / Pois poeta é o futuro que nos aguarda / Aquele que brotará do libertar / Pois o que liberta / ainda é ventre / Não sou poeta / Mas gostaria ser / Humano completo, complexo / Fazer grande arte / Compreender o invisível / Sentir o não audível / A doçura amarga da vida / No coração que palpita com a beleza dos pares / Do antigo e moderno, ao agora e eterno / Por aí, pelos ares.../ Não sou poeta / E ninguém o é, ainda / Vivemos ensaios de poesia, de amor / Mas sei que sobreviveremos à dor / E renascemos... / Poeta e poetiza hão de surgir / Frutos do amor que eterniza / A busca incansável pelo sorrir. (“Sensível” – Rian Rodrigues, 2013)

Retomando as perguntas norteadoras do trabalho, acredito que seja importante salientar algumas questões. As duas primeiras perguntas já foram

respondidas no começo do trabalho. Para concluir, me parece válido trazer de volta a pergunta “c) como contribuir para a preservação e construção da memória do projeto, em uma perspectiva ampliada, a partir de um relato de experiência?”. A chave da pergunta está na perspectiva ampliada, justamente porque sobre o projeto em si e seus principais atores já existe um acúmulo de material razoável. Mas e aquelas e aqueles colaboradores que, como no caso do Celso (e em minha avaliação), contribuem de forma tão decisiva na formação humana crítica dessas crianças e jovens?

Por isso um dos objetivos do presente trabalho foi, a partir de um relato de experiência, trazer à superfície as contribuições de um dos “atores transversais” do projeto, destacando os elementos que pudessem lançar luz nos debates e reflexões acerca das temáticas de raça, classe e racismo, ainda que de forma introdutória, através de algumas notas. Outro objetivo era o de apresentar uma pequena parte da vida e obra desse grande mestre da poesia negra. Pela grandiosidade dessa obra, em termos quantitativos e qualitativos, as limitações de um relato de experiência ficam óbvias. Mas não tem problema, Celso Marinho adora receber uma visita em seu quintal, espaço que para ele é “adocicado”. Para conhecer sua poesia, é preciso ver, ouvir e sentir! Chega lá, Beco Novais, nº6, para bater um papo à sombra da tamarineira e comer um “feijão de negão”. Ou então, apareça na Casa do Jongu, na Rua Compositor Silas de Oliveira, Serrinha, Madureira, Rio de Janeiro – RJ. Ele deve estar por lá.

Hum, hum, hum. Hum, hum, hum / Oh nego, pare de brincar com os pés / Esses pés, é pra ir à luta / Pra buscar nosso ideal / Nosso antepassado, fica desassossegado / Com pé, pra ir à luta, agora você quer brincar / Hum, hum, hum. Hum, hum, hum / Oh nego, pra tu roncar mais tranquilo / Temos que ser mais unido / Até parece que a liberdade não chegou / Hum, hum, hum. Hum, hum, hum / Oh nego, vou pagar pra ver, pagar pra ver / Pagar pra ver, pagar pra ver / Esse sofrimento sair de você / Hum, hum, hum... (“Gemido” – Celso Marinho)

Referências

GREGÓRIO, M. do C. *Solano Trindade: Raça e Classe, Poesia e Teatro na Trajetória de um Afro-Brasileiro (1930-1960)*. Dissertação de mestrado – IFCS/UFRJ. Rio de Janeiro, 2005;

MARX, K. *A Ideologia Alemã*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2007;
MOURA, C. *Dialética radical do Brasil negro*. 2. ed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois co-edição com Anita Garibaldi, 2014;
SOUSA, A. O. de. *A Casa do Jongo: uma forma de reafirmação da arte jogueira* / Aline Oliveira de Sousa, Renato Mendonça Barreto da Silva. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014;
SOUSA, N. S. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2. ed. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1983.

Anexos



Imagem 1. Prof. Jéssica, Celso Marinho e eu no Terreiro de Tia Eva/Quilombinho (Primavera, 2014)



Imagem 2. Celso Marinho, seu irmão e eu na casa deles (Primavera, 2016)



Imagem 3. Eu, Prof. Aline (Cecília no colo) e Prof. Jéssica no quintal de Tia Maria do Jongo (Outono, 2014)



Imagem 4. Celso Marinho, eu e Luan "Bonittinho" (ex-estudante do projeto e hoje percussionista e ator) no Samba da Serrinha, na Casa do Jongo (Outono, 2019)



Imagem 5. Aula de Danças Populares no Terreiro de Tia Eva/Quilombinho (Primavera, 2014)

SERRINHA DAS ALMAS

LAZIR SINVAL *

* Cantora, compositora e bailarina do grupo Jongo da Serrinha, do G.R.E.S. Império Serrano e do grupo Razões Africanas. Faz parte de uma família que representa a tradição do Jongo no Morro da Serrinha e da Escola de Samba Império Serrano. Coordenadora da Escola de Jongo da Associação Cultural Jongo da Serrinha.

Auê! Ora Viva As Almas (Ah Meu Deus Salve As Almas)

Auê! Minha Nossa Senhora Santana

Auê! Auê! Auê! Oi Sarava São Benedito

Pro Jongo Ficar Bonito

Tem Que Bater Pauó (Bate Pauó Jongueiro)

Auê! Oi Sarava Meu Santo Antônio (Meu Pai Xangô, Meu São José)

Auê! Minha Nossa Senhora Do Rosário

Auê! Auê! Auê! Oi Sarava Tambor Primeiro

Pra Cair Folhas No Terreiro

Tem Que Saudar O Pai Maior (Olha Salve Os Jongueiros De Fé)

2021

Editado em São João de Meriti, Rio de Janeiro.
Família tipográfica Adobe Devanagari e Anisette.
Impresso na Gráfica Fábrica do Livro.

Dezessete artigos compõem esta publicação. Os autores participaram do projeto em diferentes períodos e vínculos e atividades. Os textos apresentados aqui são relatos de experiência que buscam apresentar olhares e sentidos das múltiplas maneiras de formar, de constituir um corpo a partir de outros.

Como diz Raquel Reis “Preservando e construindo a memória do Jongo da Serrinha constituiu-se não só como o título do projeto de extensão, mas como uma premissa pedagógica na qual estávamos inseridos”. Em seu texto a autora reflete sobre a experiência desse convívio e aprendizagem, onde a interdisciplinaridade é vivida, sobre a importância da Extensão Universitária na formação.

Carla Costa Dias, organizadora

 Desalinho



9 786588 544181